

Revista **ARANDU** 77

Ano 20 • N 77 • Agosto-Setembro-Outubro/2016 • ISSN 1415-482X

Informação • Arte • Ciência • Literatura



DESAFIOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NA FRONTEIRA

Anais do IV Colóquio de Linguística e Literatura
Curso de Letras UEMS - Campus Jardim-MS



Nicanor Coelho
Editor

ISSN 1415-482X



9 771415 482002



Revista
ARANDU

ISSN 1415-482X



Nicanor Coelho
E d i t o r

nicnorcoelho@gmail.com

Dourados-MS

Ano 20 • Nº 77

Págs. 01-144

Agosto-Setembro-Outubro/2016

Revista
ARANDU

ISSN 1415-482X

Ano 20 • Nº 77 • Agosto-Setembro-Outubro/2016

Editor

NICANOR COELHO
nicanorcoelho@gmail.com

Conselho Editorial

ANDRÉ MARTINS BARBOSA (UEMS)
CARLOS MAGNO MIERES AMARILHA (ARANDU)
CELEIDA MARIA COSTA DE SOUZA E SILVA (UCDB)
CÉLIA REGINA DELÁCIO FERNANDES (UFGD)
NICANOR SOUZA COELHO (ARANDU)
ROGÉRIO SILVA PEREIRA (UFGD)
ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS (UFMS)
VIVIANE SCALON FACHIN (UEMS)
SUZANA ARAKAKI (UEMS)

Editor Executivo

LUCIANO SERAFIM

PUBLICAÇÃO DO



EDITADO POR



Nicanor Coelho
E d i t o r

Rua Mato Grosso, 1831, 10 Andar, Sala 01
Centro • Dourados • MS
CEP 79810-110
Telefones: (67) 3423-0020 e 9238-0022
Site: www.nicanorcoelho.com.br

CNPJ 06.115.732/0001-03

Revista Arandu: Informação, Arte, Ciência, Literatura / Grupo Literário Arandu • Ano 20 • Nº 77 • Agosto-Setembro-Outubro/2016. Dourados (MS): Nicanor Coelho Editor, 2016.

Trimestral - ISSN 1415-482X

1. Informação - Periódicos; 2. Arte - Periódicos;
3. Ciência - Periódicos; 4. Literatura - Periódicos; 5. Grupo Literário Arandu.

**“DESAFIOS LINGUÍSTICOS
E LITERÁRIOS NA FRONTEIRA”**

**Anais do IV Colóquio de Linguística e Literatura
Curso de Letras UEMS - Campus Jardim-MS**

ARTIGOS

**As inter-relações da Linguística da Enunciação
e as Ciências Humanas: nos caminhos
do homem na língua 5**

Adélia Maria Evangelista Azevedo

**Aspectos de hibridização linguística no ensino
de Língua Portuguesa em região de fronteira:
o caso de Laura 22**

Jefferson Machado Barbosa

**Virginia Woolf e as artes: o farol, o mar, a literatura
e a pintura impressionista 39**

Neurivaldo Campos Pedroso Junior

***A fabricação discursiva da identidade dos brasiguaios* 58**

Rosemere de Almeida Agüero

INDEXAÇÃO

- **CAPES - Classificada na Lista Qualis**
www.capes.gov.br
- **ISSN - International Standard Serial Number**
- **Latindex - www.latindex.org**
- **GeoDados - www.geodados.uem.br**

**Diálogo guarani entre os contos “Sise”, de Josefina Plá,
e “Kiiye”, de Giovanna Rivero 77**
Prof^a. Dr^a. Suely Aparecida de Souza Mendonça

**As personagens femininas de Taunay:
Ierecê e Inocência 100**
Cássia Regina Ferreira dos Santos
Zélia R. Nolasco dos S. Freire

**Os Novos Letramentos e o ensino de Língua Inglesa
para alunos de 7º ano do Ensino Fundamental
de uma escola pública em Jardim-MS 116**
Évelyn Coelho Paini Webber

APRESENTAÇÃO

A Revista Arandu, em seu número 77, publica os anais do IV Colóquio de Linguística e Literatura, evento promovido pelo Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - *Campus* de Jardim, nos dias 11 a 13 de novembro de 2015.

O mesmo apresentou-se como uma atividade de pesquisa e de extensão, fundamentada em discussões e debates teórico-críticos, objetivando o diálogo entre as diversas áreas que compõem o Curso de Letras. Buscava-se, dessa maneira, favorecer o corpo discente e docente do Curso de Letras, a divulgação e debate de suas pesquisas e beneficiar também aos alunos de Pós Graduação em Letras das Instituições da região, bem como demais profissionais da Rede Básica de Ensino do Município de Jardim e circunvizinhos, onde o evento será amplamente divulgado.

O Colóquio de Linguística e Literatura satisfaz as expectativas e trouxe bons resultados para a comunidade acadêmica. Sendo assim, o IV Colóquio foi não apenas uma sequência do que foi o terceiro evento em 2013, mas uma atividade com intuito de fortalecer o fomento à pesquisa e à formação docente, bem como estreitar laços entre Universidade e comunidades escolares.

O evento contou com Palestras, Mesas Redondas, Minicursos e Apresentações de Trabalhos nos modelos de Banner e Comunicação.

Abertura foi feita pelo Prof^a Dr. Ruberval Franco Maciel (Presidente da ALAB e Professor UEMS - Campo Grande) cujas pesquisas de/sobre o Ensino de Língua Inglesa são reconhecidas nacional e internacionalmente e pela Prof^a. Me. Roseli Grubert (Coordenadora do Curso de Letras da UEMS - Jardim).

O segundo dia foi destinado às discussões Linguísticas, com a Prof^a. Dr^a. Maria Ceres Pereira (UNILA) e Prof^o. Me. Jefferson Barbosa Machado (UEMS de Ponta Porã) e a Prof^a Dra. Adélia Evangelista (UEMS-Jardim).

E por fim, no terceiro dia as discussões foram voltadas para ensino de/sobre a Literatura, que terá uma mesa-redonda com as Professoras Doutoras Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) e Zélia Nolasco dos Santos Freire (UEMS - Dourados) e Susylene Araújo (UEMS - Jardim).

Em tempo, agradecemos à Revista Arandu por disponibilizar suas páginas aos Anais do evento, parceria que muito nos honra, tendo em vista os seus 20 anos de tradição, publicando a produção de acadêmica de pesquisadores de diversas regiões do país.

Boa leitura!

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior
Coordenador do IV Colóquio de Linguística e Literatura
Curso de Letras
UEMS Jardim

AS INTER-RELAÇÕES DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E AS CIÊNCIAS HUMANAS: NOS CAMINHOS DO *HOMEM NA LÍNGUA*¹

Adélia Maria Evangelista Azevedo²

RESUMO

A Linguística Geral sempre manteve inter-relações com as demais ciências. Na gênese, os gramáticos comparatistas confundiam e não tinham clareza a respeito do objeto; da utilidade e dos métodos da ciência da linguagem. Ferdinand de Saussure, ao final do 3º Curso de Linguística Geral, define a natureza do objeto da Linguística e com isso delimita o lugar a ser ocupado pela ciência entre as demais já existentes. Além disso, o mestre genebrino antecipa que a ciência da linguagem jamais deixaria de dialogar com as demais áreas do conhecimento humano. Herdeiros de Saussure seguem por essa epistemologia ao manter diálogos interdisciplinares da Linguística Moderna com as demais ciências. Evidenciamos, nessa reflexão, algumas linhas de pensamento, em Émile Benveniste, a respeito da temática com as leituras de estudos publicados na obra, *Problemas de Linguística Geral*, tomo I e II, visto que os diferentes estudos, produzidos pelo linguista sírio, apontam para a *supremacia da linguística*. Afinal, a Linguística está sempre a problematizar a respeito de fatos de língua, linguagem e cultura. Isso significa o não isolamento e os desdobramentos a partir de problemas que emergem da questão do axioma “O homem na língua”.

Palavras-chave: inter-relações – linguística – língua – linguagem

¹ Título do trabalho apresentado na mesa redonda de Linguística, no IV Colóquio de Linguística e Literatura: “Desafios Linguísticos e Literários na fronteira”, UEMS - Unidade de Jardim, evento realizado em novembro de 2015. O axioma utilizado por nós no título, em itálico, é de autoria de Émile Benveniste.

² Doutora em Linguística, pela UFRGS. Docente efetiva do curso de Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Jardim, adelia@uems.br

ABSTRACT

General Linguistic always kept inter-relations with other sciences. In its genesis, comparative grammar researches used to confuse and did not have clarity about their objects; the utility and methods of science of language. Ferdinand Saussure, at the end of the 3rd. General Linguistic Course, defines the nature of the Linguistic's object and thus delimitates the place to be occupied by this science among the others existent. Beyond this, the Genevan Master anticipates that the science of language would never stop dialoging with other areas of the human knowledge. Saussure heirs follow this epistemology maintaining interdisciplinary dialogs with Modern Linguistic with other sciences. We emphasize, in this reflection, some trails of thoughts, in Émile Benveniste, concerning to the thematic related to studies published in the work, *General Linguistic Problems*, 1st and 2nd tome, because the different studies published by the Syrian linguistic point out to the *linguistic supremacy*. In the end, Linguistic has been always problematizing facts of the language and culture. This means the not isolation and ramifications of the problems that emerge from the axiom question "the man in the language".

Keywords: Inter-relations – Linguistic – Language

1. ESCLARECIMENTOS INICIAIS A RESPEITO DOS PERCURSOS EPISTEMOLÓGICOS

[...] Eu me utilizo do desenvolvimento de todas as ciências que seguem a mesma direção. Durante muito tempo a única companhia da linguística era a filologia. (BENVENISTE, 1968"2006, p.38)

A responsabilidade em discorrer sobre '*As inter-relações da linguística da enunciação e as ciências humanas: nos caminhos do homem na língua*' é grande, sendo assim, faço a partir de leituras realizadas durante as disciplinas do doutorado, por meio do Programa de Capacitação Dinter em Letras "Novas Fronteiras", convênio celebrado entre a instituição formadora, Programa de

Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e a instituição receptora, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, durante o período de 2010-2014 para capacitar docentes efetivos, em nível de doutorado, nas linhas da Linguística e da Literatura.

A minha missão, após conclusão do doutorado, em 2014, é a de divulgar, neste momento, em que se pensa sobre os “*Desafios linguísticos e literários na fronteira*”, na região Centro-Oeste, do Brasil, as leituras empreendidas a partir dos desdobramentos da Teoria da Enunciação e de discussões promovidas por Émile Benveniste a partir de alguns estudos organizados na obra *Problemas de Linguística Geral* – PLG, tomo I e II. Confesso, sou iniciante, acredito que hajam leitores de Benveniste com mais experiência, no entanto, ouse os primeiros passos com as discussões e reflexões sobre a temática, por acreditar que as reflexões contribuam significativamente para a formação do profissional da área de Letras da UEMS, de questões ligadas ao texto e ao discurso, pelo viés da Teoria da Enunciação e de questões fronteiriças entre a teoria e a prática de sala de aula.

Para conduzir ao leitor ao percurso da reflexão, organizo o artigo em três partes. Para o primeiro ponto apresento às leituras epistemológicas com Ferdinand de Saussure em duas fontes distintas, o *Curso de Linguística Geral* – CLG e os *Escritos de Linguística Geral* – ELG, visto que releituras dos princípios gerais, a partir de diferentes fontes, enriquecem ainda mais o campo e os diálogos entre as ciências. Para o segundo ponto, apresento os desdobramentos da Linguística, pós-saussuriana, com Émile Benveniste, nessa parte o foco central é apresentar as inter-relações da Linguística com as outras áreas a partir do princípio linguístico da língua, da linguagem e da cultura³. Isso ocorre uma

³ Para o presente artigo, utilizamo-nos dos seguintes trabalhos de Benveniste: Comunicação animal e linguagem humana (1952); Tendências recentes em linguística (1954); A natureza do signo linguístico (1939); “Estrutura” em linguística (1962), organizados no PLG II. E os trabalhos do PLG II: Estruturalismo e linguística (1968) e Semiologia da língua (1969), tais escolhas, segundo Flores (2013), são importantes, considerando a complexidade de cada um deles.

vez que as relações entre a ciência da linguagem e áreas sempre estiveram, em pauta na academia.

As inter-relações entre a Linguística e as demais áreas, após a morte de Saussure, ocorrem via a figura de Antoine Meillet (1952). É ele, o formador de Émile Benveniste, e é Meillet quem escreve estudos para diferentes fontes, considerando públicos distintos nas áreas da linguística românica, da psicologia, da antropologia, da glotologia e outras áreas do conhecimento humano. Citamos, aqui, a obra, *Linguistique Historique et Linguistique Générale*, de Meillet, tomo II. O diferencial desta obra é a reunião de estudos produzidos no período de 1921 a 1936, reúne diferentes trabalhos sob a perspectiva da Linguística Histórica e da Linguística Geral que foram produzidos para diferentes públicos e áreas. Outro detalhe importante está no fato de que a organização da obra é marcada pela presença de três jovens linguistas, na época, J. Vendryes, J. Bloch e E. Benveniste, todos ex-alunos de Meillet. A prática em organizar diferentes produções, na obra de 1952, nasce o interesse vivo por uma Linguística Moderna que está sempre disposta a dialogar com diferentes áreas, a partir de seu próprio lugar sem ser confundida com outras áreas.

Para o segundo ponto, desse artigo, mantenho-me em Benveniste, visto que ele herdeiro de Saussure, via Meillet. Com isso, o linguista sírio opta por seguir por questões que envolvem problemas de linguagem com ênfase em caminhos heterogêneos de estudos. Apresento a passagem de uma fala de Benveniste, em 1968, posiciona-se a respeito de diálogos da Linguística com as demais áreas: “[...] Eu me utilizo do desenvolvimento de todas as ciências que seguem a mesma direção. Durante muito tempo a única companhia da linguística era a filologia.” (BENVENISTE, 2006, p.38).

O percurso de diálogos interdisciplinares está em Saussure, Meillet e em Benveniste, cada um ao seu modo realizou percursos, em prol dos desdobramentos da ciência da linguagem, Benveniste o faz por caminhos específicos a partir do axioma *o homem na língua*.

Os elos em comuns, entre os pontos de reflexão, no artigo,

estão em torno de fatos de que a Linguística, ocupa um lugar distinto em relação às demais ciências, por causa das contribuições férteis centrada nos princípios linguísticos para a palavra “estrutura” e “língua” que destacamos um sendo pontos importantes para tais relações com diferentes áreas. Sigamos com a leitura do artigo.

1.1. A LINGUÍSTICA MODERNA É O PONTO DE PARTIDA

As (re)leituras dos princípios gerais da Linguística Moderna, ao longo das décadas, estão na constituição da própria ciência da linguagem. É de praxe que o linguista problematize a respeito de fatos de língua, de linguagem e, mesmo, repense a respeito dos percursos epistemológicos da ciência aos longos das décadas, por causa das fontes e dos inúmeros procedimentos de leitura dos fundamentos da Linguística. Esses procedimentos epistemológicos são decorrentes da constituição da própria ciência da linguagem; da natureza do objeto e da necessidade em atualizar os próprios percursos continuamente.

As reflexões do artigo dizem respeito, de modo efetivo, aos percursos da Linguística, na primeira década do século XX, a partir de estudiosos da linguagem e estão até a atualidade sob outras perspectivas. Voltamos ao nome do inesquecível Ferdinand de Saussure, porque é ele o *divisor de águas* ao propor a desvinculação da Linguística das demais *ciências conexas* existentes; ao instaurar objeto da ciência e ao discutir a utilidade da própria ciência (SAUSSURE, 2006, p. 14). Lembrando que foi o mestre genebrino quem fez tudo isso, numa época, em que muitos estudiosos da linguagem não se dedicavam, efetivamente, às questões de instauração da Linguística no campo das ciências autônomas.

Saussure não só rediscute a respeito dos desdobramentos da ciência da linguagem, ele instaura conceitos, delega o lugar da Linguística e institui a Semiologia via princípios gerais. Isso ocorre porque as três escolas anteriores ao surgimento da ciência, *Gramática; Filologia e Gramática Comparada*, não cumpriram o

papel de definir o objeto e de conceder-lhe o lugar entre as ciências já existentes (cf. SAUSSURE, 2006, p.10-12). Identificamos, de maneira pontual, a importância da leitura desses percursos a partir das diferentes *fontes saussurianas*⁴ e a delimitação do *corpus de pesquisa*⁵.

Para este artigo, reportamo-nos ao *Curso de Linguística Geral - CLG*, na Introdução, do Capítulo I, “Visão Geral da História da Linguística”, no capítulo selecionado, Saussure realiza a retrospectiva histórica do desenvolvimento das três escolas que antecedem ao surgimento da Linguística Moderna. Um dos objetivos do mestre genebrino, nas explanações do Curso, era o de enfatizar os erros da terceira escola e apresentar a delimitação do objeto para a Linguística. Leiamos algumas das críticas pontuais do mestre genebrino:

Tal escola [Gramática comparada], porém, que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística. Jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria. (SAUSSURE, 2006, p. 10)

No CLG, encontramos as críticas pontuais de Saussure a escola liderada por Franz Bopp e os erros pontuais cometidos pelos adeptos de Bopp. Além disso, a necessidade de Saussure em conceder a Linguística o lugar entre as ciências já existentes.

⁴ As fontes saussurianas são materiais heterogêneos que foram disponíveis em vida pelo mestre genebrino, tais como a tese de doutorado; as notas, os manuscritos, as Conferências e outras produções escritas em vida. Outros materiais que não foram produzidos, diretamente, por Saussure, tais como: os cadernos dos ex-alunos que participaram dos três Cours, em Genebra, e mesmo, a obra clássica o Curso de Linguística Geral - CLG, editado, em 1916, por Bally e Sechehaye, são fontes saussurianas também. Além desses, são fontes aqueles materiais não publicados, em vida pelo mestre genebrino, elas fazem parte do conjunto produzido em diferentes situações. (cf. FIORIN, et al, 2013, p.14)

⁵ Por corpus linguístico, compreendemos as escolhas específicas a partir das fontes saussurianas, nesse artigo, passagens do CLG e dos ELG. (cf. FIORIN et al., 2012, p. 14-15)

Nos *Escritos de Linguística Geral* - ELG, obra organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, mais especificamente, na parte I, Novos Documentos (Acervo BPU 1996), há também as críticas de Saussure aos inúmeros mal-entendidos produzidos pela escola de Franz Bopp, no que diz respeito, a compreensão de língua e de linguagem. O mestre genebrino inclui a fala e o fato de que a língua é herdada em sociedade. Recortamos duas passagens dos ELG que ilustram:

1. O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por F[rantz] Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes. [...] (SAUSSURE, p.115)
2. A primeira escola de linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato da *linguagem*, atirou-se diretamente à *língua*, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época, e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjuntos de letras. (SAUSSURE, id.ib.,p.115-116)

As passagens acima, 1 e 2, foram retirada dos ELG, ilustram uma pequena parte, do longo processo de críticas e formulações contrárias ao fazer dos gramáticos, liderados por Bopp. O tom ácido de Saussure ao apontar os equívocos cometidos em torno da definição de língua por conta da natureza social e não biológica como defendiam os gramáticos comparatistas: “[...] atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes [...]”. Tem-se com isso a tese de que a língua é uma instituição social, herdada em sociedade e transmitida pela fala. Outro ponto criticado por Saussure era conceber a língua reduzida ao idioma sob o *véu da escritura*. Além disso, configurava-se problemático para o mestre genebrino a exclusão das diferentes manifestações da linguagem, e mesmo, a fala.

Nas leituras do CLG e dos ELG, o leitor encontra não só os princípios gerais da Linguística Moderna, mas inquietações saussurianas quanto ao lugar da Linguística a ser ocupado em relação as demais e das inter-relações com as *ciências conexas*.

Tais preocupações conduziram o mestre genebrino a instaurar o lugar da ciência da linguagem, no campo das ciências autônomas, ao final do 3º Curso. Muda os rumos da própria ciência e abre para o surgimento de outra ciência, a *Semiologia*, na qual a Linguística é uma das integrantes ao lado de outras que surgirão em torno de questões que se dedicam à língua, ao homem e à cultura.

É interessante que o linguista volte-se aos percursos de desenvolvimento da ciência da linguagem; empreenda investigações a respeito dos mistérios da linguagem humana e avance em prol de respostas aos questionamentos que surjam a partir de fatos linguísticos vividos pelo homem em sociedade.

Aqui, situamos os princípios enunciativos, visto que estão inscritos nas origens da Linguística, uma vez que nascem dos desdobramentos dados pelo mestre genebrino e herdeiros. No caso específico, dedicamo-nos à luz do pensamento, de Émile Benveniste, e as inter-relações da Linguística, em distintas áreas do conhecimento humano, em prol da *ciência geral do homem*.

2. NOS CAMINHOS DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E DE DIÁLOGOS COM AS DEMAIS CIÊNCIAS

A formação sistêmica nos fundamentos gerais a partir de diálogos da Linguística com as mais distintas áreas do conhecimento humano fazem a diferença, tanto que Benveniste opõe-se aos demais estruturalistas de seu tempo.

Aqui, abrimos espaço para as considerações de Dosse (2007, p. 64), visto que ele explica que o reconhecimento de Benveniste acontece fora da Linguística. A causa principal é que o linguista sírio, naturalizado francês, durante o *Estruturalismo* reintroduz o sujeito pela *abordagem enunciativa*. Ao optar por esse caminho, o linguista herdeiro do pensamento saussuriano, rompe com os principais paradigmas defendidos pelos estruturalistas; cria discussões polêmicas em torno da tese de John L. Austin; desconsidera os estudos etimológicos de Karl Abel, escreve inúmeras críticas a Chomsky e outras ações.

Segundo Dosse (id.ib., p. 65), a consequência é o distanciamento de Benveniste, da Psicanálise de Freud, e a aproximação com Lacan. Por esse caminho inesperado, o linguista sírio, adere a Filosofia de Paul Ricoeur e de outras áreas. Somente, em 1970, com a publicação do estudo “*O aparelho formal da enunciação*”, Benveniste tardiamente, passa a ser reconhecido pelo campo linguístico.

O percurso epistemológico empreendido pela Linguística proposta por Benveniste empreende o não isolamento do campo epistemológico da ciência quando produz trabalhos teóricos. Dialoga com a sintaxe; a etimologia; a semântica e outras áreas da gramática. Além de promover a atuação da linguística com a própria linguística, Benveniste lança-se às questões de literatura, psicanálise, e até com áreas inéditas, entre elas, a zoologia.

Para esta área, Benveniste (1995) produz o estudo de 1952, *Comunicação animal e linguagem humana*, a partir de críticas ferrenhas ao posicionamento epistemológico do professor de zoologia, Karl von Frisch. A justificativa está no fato de que a linguagem humana estabelece relações e combinações próprias do sistema utilizado pelo homem em sociedade. Já a linguagem que é utilizada pelas abelhas não estabelece relações, porque no sistema utilizado por elas, também, em sociedade, não há combinações, ou relações a serem estabelecidas. A consequência desse pensamento é a não variação da mensagem, ou a *natureza indecomponível do enunciado*. (BENVENISTE, id. ib., p. 67). Em síntese, em diferentes estudos publicados em épocas e produzidos para públicos distintos organizados em dois volumes da obra PLG, Benveniste (1995) percorre caminhos árduos ao lado de críticas ácidas às interpretações produzidas pelos demais estudiosos de seu tempo, entre elas citamos, por exemplo, a crítica em torno da palavra *estrutura*.

O termo estrutura tem alcances distintos, no desenvolvimento da Linguística, tanto que no estudo de 1954, sob o título, *Tendências recentes em Linguística*, o linguista propõe duas interpretações distintas. A primeira noção para o termo “estrutura” é a utilizada pela visão saussuriana, na Europa, cuja compreensão está

vinculada ao “arranjo de um todo em partes” e que há entre as partes do sistema a solidariedade entre as partes e o todo.

Outra concepção de estrutura discutida por Benveniste (1995, p. 09) está vinculada aos desdobramentos que se voltam ao uso mais técnico, utilizados pelos linguistas na América. Para tal vertente, o linguista enumera críticas, entre as muitas destacamos o fato de que a ciência volta-se ao tecnicismo particular das operações com o intuito de ser mais científica, isso faz com que se abstenha da significação.

Por optar, no estudo de 1954, pelo direcionamento saussuriano para o termo estrutura, o linguista sírio naturalizado francês, não elimina o inapreensível: o subjetivo. Ao contrário mantém-se por questões sociais e de interação pela linguagem. Com isso, reconhece a Linguística enquanto “[...] ciência das relações e das deduções reencontrando a unidade do plano dentro da infinita diversidade dos fenômenos linguísticos.” (BENVENISTE, 1996, p.18).

A outra de origem do termo estrutura surge nos domínios dos princípios saussurianos, Benveniste (1995), no estudo de 1962, segue por essa segunda, com discussões em torno de sistema e por questões do significar pelo uso que o falante faz. Os estudos de Benveniste incentivam a (re)desenhar novas trilhas de leitura e de análises tanto para a própria ciência, linguística, quanto para as demais ciências do conhecimento humano.

Em passagens do trabalho de 1939, *Natureza do signo linguístico*, o linguista afirma que “Um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; a outra o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário” [itálico do autor, grifo nosso] (BENVENISTE, 1995, p. 55). Na passagem, tem-se a rediscussão do princípio saussuriano a partir da relação entre o significante e o significado, que inicialmente é *arbitrária* e passa a ser *necessária*. Isso ocorre por causa da *motivação objetiva* que se estabelece entre o significante e o significado. Há nessa relação entre os dois princípios um terceiro, a significação, segundo Benveniste (1995), a definição de *simbiose perfeita* que está na

própria da constituição do signo linguístico, visto que um não existe sem o outro. Esse pensamento é delineado em diferentes trabalhos teóricos do PLG I e II, por conta da heterogeneidade de públicos, épocas, considerando o princípio de relação que está na língua, ou seja, o sistema é construído a partir das diferenças existentes.

No estudo de 1969, o leitor de Benveniste encontra o conceito de língua como “[...] fundamento de toda vida de relação.” [grifo nosso] (BENVENISTE, id.,ib., p.26) (grifos nossos). É mais um princípio elaborado a partir de problemas únicos e que nasce das linhas tênues, em prol do estudo da significação. Essa não está delimitada apenas no signo linguístico, parte dele e ganha outras dimensões quando forja os muitos conceitos de língua, linguagem, discurso, enunciação e outros termos em trabalhos publicados para revistas de diferentes públicos e épocas.

Em *Semiologia da língua*, estudo de 1969, PLG II, Benveniste (2006) volta-se a discussão de língua, em torno do semiótico e do semântico. Reafirma que a língua é o que torna possível *o homem em sociedade*. Nesse estudo sobre a Semiologia, o linguista francês, no auge da adesão dos linguistas estruturalistas à Semiótica, empreende outro caminho ao ampliar o conceito de língua e, novamente, por conta das relações que se estabelecem em sociedade e considera a diversidade de usos das linguagens pelo homem em sociedade. Além disso, empreende outra forma de compreender o semântico.

Meschonnic (2009, p. 76) revela que Benveniste, no estudo de 1969, escreve na via oposta à Semiótica e seus efeitos sobre a linguagem. O trabalho, *Semiologia da língua*, proporcionou assim, outras dimensões entre a linguística e a literatura, visto que ampliou a relação de interpretância, a partir da categoria dupla da língua. Para o crítico literário, Benveniste institui distinguir os sistemas unicamente semióticos e os unicamente semânticos.

Em síntese, Benveniste (2006) afirma, no trabalho *Semiologia da Língua*, que a língua é o sistema que interpreta os demais sistemas uma vez que ela contém o semiótico e o semântico em seu sistema. Isso altera as inter-relações entre as ciências, fez com

que as questões de língua fossem conduzidas para o campo da literatura, arquitetura e outras, tais como o cinema. Ilustramos com a seguinte passagem de Benveniste (id.ib. p. 63): “A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”. Assim, a língua é herdada em sociedade, esse princípio geral é o que mantém os homens unidos. Não é só reunir, ou tornar possível a comunicação entre os homens, mas também porque constitui e fundamenta a própria sociedade. O interesse está em compreender a língua e a metassemântica são responsáveis por interpretar os demais sistemas existentes em sociedade.

Em resposta ao questionamento de Pierre Daix, em 1968, Benveniste (2006) volta-se novamente aos sentidos construídos pelo homem na cultura. As construções de sentido ocorrem pela língua, uma vez que estão nas relações de usos do sistema em sociedade e das compreensões nos princípios da enunciação. Essa adesão parte inicialmente a partir de discussões recortadas na seguinte passagem:

[...] a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo de fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo.” (BENVENISTE, 2006, p. 21)

A entrevista de 1968, sob o título, *Estruturalismo e Linguística*, o termo língua está vinculado ao *manejo* que o falante faz da língua. Este manejo é concebido como sendo o *processo dinâmico da língua*. Eis que seguiremos com questões de língua, considerando, para isso, que o sistema tem a capacidade de elaborar *novos conceitos*. E não é só isso, há o princípio enunciativo de *refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo*, visto que isso está na concepção da *língua viva* e nos diferentes usos realizados pelos sujeitos que se atualiza com a enunciação.

Benveniste, na entrevista de 1968, é ainda questionado por Daix a respeito do fato da ciência da linguagem no papel de *ciên-*

cia piloto e de manter-se ainda indissociável do conjunto das demais ciências, novamente, reconhecer o papel da linguística. Esclarece a respeito do lugar da ciência da linguagem em relação às demais áreas, não por causa da supremacia. O argumento está no fato de que a linguística considera a “língua como fundamento de toda vida de relação” (BENVENISTE, 2006, p. 26). Esse princípio tem origens no pensamento saussuriano quando da necessidade da emancipação da Linguística do campo das ciências da natureza e históricas. A questão de que a linguagem é o que liga o homem à cultura, ou seja, ela é o princípio de toda e qualquer relação em sociedade.

A reflexão epistemológica de Benveniste está nos desdobramentos da própria Linguística e no fato que ela auxilia sim no surgimento de outras ciências. Leiamos:

[...] vemos todo o conjunto das ciências humanas se desenvolver, formar-se toda uma grande antropologia (no sentido de “ciência geral do homem”). E se percebe que as ciências do homem são, no fundo, muito mais difíceis que as ciências da natureza e não é por acaso que elas foram as últimas a terem nascido. É necessário grande capacidade de abstração e de generalização para começar a entrever os desenvolvimentos de que o homem é sede. (BENVENISTE, id.ib.,p.38)

Os princípios linguísticos nutrem o surgimento de outros campos, tanto que encontramos a seguinte afirmação de que a linguística mantém diálogos com o conjunto das ciências humanas e que isso é necessário visto que há uma antropologia a ser edificada: “[...] toda uma grande antropologia (no sentido de “ciência geral do homem”). Esse caminho é em grande parte delineado pela linguística e pela “[...] grande capacidade de abstração e de generalização para começar a entrever os desenvolvimentos de que o homem é sede.” Instiga-nos conhecermos sempre mais sobre tais amplitudes a respeito da antropologia da enunciação e de discussões em torno dessa *ciência geral do homem*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da temática foi explorada quando elegemos alguns *pontos de partida*, o primeiro ao reler em diferentes fontes saussurianas, CLG e ELG, que uma das preocupações de Saussure era o de esclarecer os caminhos confusos empreendidos pelos linguistas por conta das relações estreitas com as demais ciências. Assim, era preciso que a ciência da linguagem ocupasse o lugar entre as demais ciências existentes, sem deixar de manter inter-relações com as demais áreas.

Para isso, Saussure (2006; 2012) elabora inúmeras críticas aos fundamentos em torno da natureza do objeto centrado ora nas ciências naturais, ora nas ciências históricas. Quebra tal perspectiva ao aderir ao campo epistemológico das instituições sociais, considerando a natureza efêmera do objeto e das relações do homem com a sociedade.

Os desdobramentos da ciência da linguagem, pós-Saussure, ocorrem com herdeiros, entre eles, Meillet (1955), visto que o ex-aluno do mestre genebrino empreendeu diálogos com diferentes públicos e áreas. Os ensinamentos de Meillet divulgaram os princípios gerais de uma ciência centrada na língua, na linguagem e nas relações de uso que o falante faz, a partir do reconhecimento do lugar da Linguística e de diálogos com outras áreas. Além disso, herdeiros, entre eles, Émile Benveniste, seguem por questões que envolvem: língua, linguagem e o homem na cultura”ou sociedade.

Com isso, a linguística, à luz do pensamento de Benveniste, desenvolve-se a partir de problemas que envolvem a linguagem e de questões de inter-relação. Sob essa perspectiva heterogênea em dialogar com diferentes públicos e áreas a linguística faz-se propícia a fundamentar e a propor conceitos epistemológicos, em prol de outras áreas do conhecimento humano, entre elas, a filosofia, a psicanálise, a literatura, a antropologia e outras.

Benveniste (2006) reforça a supremacia da ciência da linguagem em relação às outras áreas. Os princípios gerais da língua e as relações que implicam “[...] grande capacidade de abstrações e de generalização para começar a entrever os desenvolvimentos

de que o homem é sede” a partir de questões que discutem problemas de linguagem e do princípio de que o *homem é sede*. Aqui, envolve os conceitos de estrutura, língua, linguagem e o próprio homem.

Desse modo, os fundamentos da Linguística evoluem para relações, em prol de uma *ciência geral do homem*. Isso amplia discussões mais complexas ao campo daqueles que se dedicam ao texto e ao discurso, compreendemos aqui, mais a dimensão antropológica antecipada por Saussure (1916"2006, p. 14) quando de explanações ao final do 3º Curso (1911) sobre a utilidade da linguística: “[...] Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro.” Os diálogos empreendidos sempre ocorrerão a partir da dimensão dos problemas de linguagem que envolve os usos das línguas, em sociedades e em diferentes culturas, interesses para todas as áreas que estudam as relações em que o *homem é sede*.

A tarefa do linguista não é fácil, tudo se dá por caminhos árduos, a exemplo da determinação de Benveniste (2006, p. 26), projetamos as discussões desse artigo para o fato de que a Linguística é uma ciência que se destaca das demais ciências, por conceber que a língua como “[...] fundamento de toda vida de relação.” Esse fundamento está em Benveniste e está diretamente ligado aos princípios gerais, em torno de língua, fala e linguagem que favorecem continuamente a vida de relação da língua, nos fatos humanos, com o objetivo de significar.

A prática investigativa dá-se, em torno do mistério de que, a língua é objeto do linguista. Esse objeto é compreendido, sempre novo, posto que o homem utiliza-a sempre de maneira individual e inédita para a interlocução com outro homem, em sociedade. A comunicação compreendida, por Benveniste, dá-se pela relação da linguagem e os homens, e entre os homens e o mundo. Isso traz à tona não meramente ruídos vocais, ou escritos, mas é a *alma que exalta* pelo uso que o homem faz da língua(gem), na cultura, porque é da natureza humana comunicar, ou seja, fazer uso da palavra.

Assim, cada vez que a palavra é dita pelo homem, em sociedade, expõe o acontecimento único e irrepetível. Isso significa dizer que a palavra tem o poder de fazer com que o mundo recomece sempre e continuamente de forma inédita para a significação. (BENVENISTE, 1995, p. 31). Interessamo-nos por esse recomeço que está na subjetividade da linguagem por meio da apropriação da língua pelo sujeito e pelas interfaces da linguística com as demais áreas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Adélia Maria Evangelista. **A experiência na e pela língua (guem) em testemunhos de povos ameríndios: a instauração de lugares enunciativos.** UFRGS, 2014. (Tese de Doutorado).

BARTHES, Roland. *Escrever, verbo intransitivo?* Tradução António Gonçalves. In: _____. **O rumor da língua.** Edições 70, Ltda. Lisboa, Portugal, 1984, 19-26.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral.** Tradução Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri; Revisão Isaac Nicolau Salum. 4ªed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995.

_____. **Problemas de Linguística Geral II.** Tradução Eduardo Guimarães *et al*; Revisão Eduardo Guimarães. 2ªed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: O Canto do Cisne.** Tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Maria Mánsor D'Alessio. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

FIORIN, José Luís; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Por que ainda ler Saussure?* In: **Saussure: a invenção da Linguística.** São Paulo: Contexto, 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste.** 1ªed. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Convite à Linguística Geral.** Trad. Cristina Birck [*et al.*]. São Paulo: Contexto. 2009.

MEILLET, Antoine. **Linguistique Historique et Linguistique Générale.** Librairie C. Klincksieck: Paris, tome II, 1952.

MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme: antropologie historique du langage.** Éditions Verdier, 1982.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral.* BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. (orgs.). Trad. Antônio Chelin *et al.* São Paulo: Cultrix. 28ª ed. 2006.

_____. *Escritos de Linguística Geral.* BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. (orgs e edit.). Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. 12 ed. 2012.

ASPECTOS DE HIBRIDIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM REGIÃO DE FRONTEIRA: O CASO DE LAURA

Jefferson Machado BARBOSA¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central descrever e refletir sobre o desafio da prática docente em região de fronteira, especificamente de Aral Moreira/Brasil com a Microrregião designada de Departamento Santa Virgínia/Paraguai. Os dados aqui apresentados fazem parte de um trabalho maior, dissertação de mestrado. Trata-se de um estudo de caso etnográfico. A luz teórica segue a teoria da sociolinguística educacional, proposta por Bortoni-Ricardo (2004a, 2005b) e a Pedagogia da Variação Linguística, proposta por Zilles e Faraco (2015). Os dados preliminares apontam para o fato de existir nas produções escritas de alunos brasiguaios, paraguaios e indígenas, de etnia guarani *ñandeva* e *kaiowá*, uma hibridização linguística.

Palavras-chave: Fronteira; Sociolinguística Educacional, Etnografia.

ABSTRACT

This article is mainly aimed to describe and reflect on the challenge of teaching practice in the border region, specifically of Aral Moreira/Brazil with Microregion designated Department Santa Virginia/Paraguay. The data presented here are part of a larger work, master's thesis. This is an

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFGD). Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Jardim. Docente das Faculdades MAGSUL, campus de Ponta Porã. E-mail: jeffersonm@uems.br

ethnographic case study. The theoretical light brings follows the theory of educational sociolinguistics, proposed by Bortoni-Ricardo (2004a, 2005b) and Pedagogy of Language Variation, proposed by Zilles e Faraco (2015). Preliminary data point to the fact exist in written productions of brasiguaios students, paraguayans and guarani ethnic indians, ñandeva and kaiowá, a linguistic hybridization.

Keywords: Border; Sociolinguistics Educational, Ethnography.

CRAQUELATOS INTRODUTÓRIOS²

Este artigo é resultado de discussões realizadas durante o “TV Colóquio de Linguística e Literatura: Desafios linguísticos e literários na fronteira”, organizado pelo Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, doravante UEMS, unidade de Jardim – Mato Grosso do Sul, doravante MS. O objetivo principal dessa reflexão, expandida aqui, foi o de ampliar a discussão acerca da prática docente em cenários fronteiriços, especificamente Aral Moreira/MS e Ponta Porã/MS, regiões que fazem fronteira seca com o Paraguai, contextos compreendidos, segundo Pereira (2002) como “sociolinguisticamente complexos”. Para tanto, observa-se em textos escritos por alunos brasiguaios, paraguayans e indígenas de etnia guarani *Ñandeva* e *kaiowá*, compreendidos por Cavalcanti (1999) como minoritários³, alguns aspectos de hibridização linguística no processo de ensino/aprendizagem em escolas de fronteira.

É importante ressaltar, ainda, que a fala proferida no evento também é resultado de uma pesquisa maximizada, Dissertação

² Termo originalmente utilizado pela professora doutora Gicelma da Fonseca Chacarosqui. Docente da Facale/UFMG.

³ É importante destacar que quando a autora usa o termo *minoría*, não se refere à quantidade, mas sim à classe menos favorecida, inferior, estigmatizada, ridicularizada, desprivilegiada, e dentre outras terminologias utilizadas para classificar este tipo de comunidade, que na realidade representa a maioria em quantidade.

de Mestrado,⁴ defendida no ano de 2015, no Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da Universidade Federal da Grande Dourados, doravante UFGD, linha de pesquisa denominada de “Linguística Aplicada e Transculturalidade”, sob a orientação da professora doutora Maria Ceres Pereira.

Outro aspecto pertinente a se destacar está relacionado com a contribuição teórica das informações aqui apresentadas, resultado, também, de leitura e discussão gerada com os demais membros do Grupo de pesquisa Linguagens em Contextos Socioculturais Diversos e Transculturalidade, doravante LIET, devidamente cadastrado a plataforma do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, doravante CNPQ, coordenado pela professora doutora Maria Ceres Pereira, que se propõe, dentre outros parâmetros, a intensificar pesquisas em “contextos sociolinguisticamente complexos”⁵. É imprescindível registrar, ainda, que qualquer inconsistência teórica é de minha inteira responsabilidade.

Compreendendo que a Sociolinguística Educacional tem maximizado a heterogeneidade linguística no cenário escolar, pretende-se expandir “se” e “de” que forma uma docente de língua Portuguesa do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai percebe a realidade bilíngue de seu contexto de trabalho. Assim, o presente texto não buscar estabelecer normas de como se trabalhar com os alunos que estudam em região de fronteira, mas fomentar reflexões dessa prática docente em “contextos sociolinguisticamente complexos”. (PEREIRA, 2002).

⁴ BARBOSA, Jefferson Machado. *Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2015.

⁵ Segundo Pereira (2002, 48) o contexto sociolinguisticamente complexo “envolve vários aspectos, dentre eles, a coexistência de várias línguas, as diversidades dialetais intercompreensíveis ou não, as formas culturais das interações sociais, as crenças, as atitudes em relação ao diferente”.

1. SOCIOLINGÜÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM REGIÕES DE FRONTEIRA

A sociolinguística é uma corrente de caráter funcional, considerada como uma subárea da Linguística Geral, cujo objetivo principal é investigar e descrever a relação da língua na sociedade, tendo como objeto de estudo a fala dos sujeitos que compõe uma comunidade linguística, levando em consideração os fatores internos de língua, tais como: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e ainda os fatores externos, quais sejam: idade, sexo, escolaridade, classe social, história, cultura, dentre outros fatores. (LABOB, 2008 *apud* BARBOSA, 2015).

Há indícios, ao projetar uma leitura atenta das literaturas linguísticas, de que o termo “Sociolinguística” tenha sido utilizado pela primeira vez em 1953, num trabalho de Haver. C. Currie. Entretanto, o ano considerado “chave” para o desenvolvimento da Sociolinguística foi em 1964, nos Estados Unidos da América, com a publicação dos livros de Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright, em Los Angeles.

É imprescindível destacar um sutil embate entre a Linguística, propriamente dita, e a Sociolinguística, que repousa no fato de que estrutura da língua constitui o tema da Linguística, enquanto o uso da língua é de interesse da Sociolinguística.

Ao contrário da Corrente Estruturalista de Ferdinand de Saussure, que definiu a língua (*langue*) como objeto central de estudos da Linguística. William Labov, em 1963, inaugurou uma vertente de estudos de orientação “anti-saussuriana”. Desse modo, ao invés de Língua (*langue*) como fez Saussure, Labov centrou seus estudos na fala (*parole*), em situações reais de uso do ponto de vista social, no contexto cultural dos Estados Unidos (EUA).

Surge, então, a “Teoria da Variação Linguística” e, conseqüentemente, o Modelo Metodológico da Sociolinguística, elaborado por Labov. Sua teoria ficou conhecida, também, como “Sociolinguística Variacionista”, cuja proposta é o estudo dos processos de variação e mudança linguística, seguindo o modelo da

pesquisa quantitativa a partir de variáveis sociais, como idade, sexo, região, nível escolar, etnia, classe social, dentre outros fatores. Assim, a língua passou a ser vista numa perspectiva social e/ou sócio-histórica.

É oportuno mencionar que há estudos sociolinguísticos de elite, que são investigações realizadas em contextos majoritários, ou de línguas que possuem *status* de prestígio social elevado, por exemplo, o francês, o italiano e o inglês. Esses estudos são baseados, geralmente, nos postulados Labovianos⁶ que se encaixa na “Linguística dita clássica”, contudo - o que Cavalcanti se propõe; é apresentar; um estudo sociolinguístico marginalizado, de contextos minoritários, focalizando os cenários indígenas, de imigrantes, de surdos e de fronteira. Pode-se pensar que a abordagem realizada por Cavalcanti (1999) é uma perspectiva teórica mais próxima da sociolinguística educacional, proposta por Stella Maris Bortoni-Ricardo, que se encaixa na área denominada “Linguística Aplicada”, em que os estudos, na maioria das vezes, são voltados para os contextos de minorias linguísticas.

Desde a década de cinquenta e sessenta, a sociolinguística vem lutando em favor da igualdade essencial das variedades linguísticas num país considerado, oficialmente, monolíngue, quando na realidade é, no mínimo bilíngue, visto que se constata a existência da língua portuguesa brasileira e a língua brasileira de sinais, doravante LIBRAS. Além de contribuir na conscientização quanto à heterogeneidade linguística no Brasil.

A Sociolinguística tem sido compreendida, principalmente, em três eixos, sendo eles:

I - Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana, essa corrente teve como precursor William Labov e procura investigar os processos de variação e mudança linguística, seguindo o modelo da pesquisa quantitativa a partir de variáveis sociais (idade, sexo, região, nível escolar, etnia, classe social etc.). Seguindo tal perspectiva teórico-metodológica é possível obser-

⁶ Consultar: Willian Labov. *Padrões Sociolinguísticos*. 2008.

var variação em diversos níveis da estrutura linguística que passam a variação fonológica, lexical, sintática e morfológica. No Brasil, Fernando Tarallo é um dos seguidores das propostas metodológicas de Labov. Tal metodologia é mais utilizada para descrição sociolinguística de contextos caracterizados como Sociolinguisticamente complexo, com o objetivo de mapear a real situação sociolinguística de determinada região.

II - Sociolinguística Interacional ou Sociolinguística Interacionista: cujo principal pioneiro foi John Gumperz se ocupa dos estudos de interação da linguagem do indivíduo, numa situação de comunicação face a face, ao tratar a linguagem enquanto fenômeno social.

III - Sociolinguística Educacional: Entendemos que a principal pioneira nos estudos relativos à sociolinguística e ensino é a brasileira Stella Maris Bortoni-Ricardo. O objetivo de tal corrente teórica é no sentido de sensibilizar, principalmente, os docentes (em sua prática docente) sobre as variantes linguísticas existentes no âmbito escolar, apresentando-as aos alunos, sem rotulá-las. É necessário adotar uma posição culturalmente relativa, ou seja, reconhecer que não há uma variação linguística melhor que a outra, independente do prestígio social e político. Essa postura de cultura relativa combate o mito de uma língua homogênea e, sobretudo o preconceito linguístico com relação às variedades linguísticas estigmatizadas, ridicularizadas, que por ser diferentes, são tidas como feia ou inferior.

É importante registrar que essa divisão não é uma regra, mas uma categorização para diferenciar os objetivos da sociolinguística, enquanto ciência e área do conhecimento e investigação. Além disso, é imprescindível frisar que são diversas as contribuições da Sociolinguística, contudo, o nosso objetivo aqui é elencar apenas alguns subsídios da Sociolinguística para/com o ensino de língua portuguesa dentro do cenário escolar. Desse modo, é fundamental reiterar que, na atualidade, a Sociolinguística Educacional tem voltado seu olhar, especificamente, para o contexto escolar.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004a, p.38):

(...) uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Na prática, contudo esse comportamento é ainda problemático para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros.

Diante dessa realidade de ensino em região de fronteira, a autora nos chama atenção para o fato de o professor, na qualidade de agente transformador, assumir uma postura de pedagogia culturalmente sensível. Desse modo, considerando, ao ensinar a língua portuguesa, a língua da família para se chegar ao objetivo da escola, que é o de ensinar a língua da escola. Essa fronteira entre língua da família e língua da escola precisa ser minimizada, de modo que a língua da escola não seja uma língua estrangeira.

Corroborando com os postulados de Bortoni-Ricardo (op.cit), Zilles e Faraco (2015, p.10), por sua vez, registram que a “pedagogia da variação” estima “uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português”. Desse modo, refletir e entender que dentro do âmbito escolar, especificamente na sala de aula, há nuances variedades linguísticas é possuir uma pedagogia da variação linguística, que contempla, dentre outros parâmetros, que há várias maneiras de dizer uma mesma coisa.

Pires-Santos (2010) nos chama a atenção para o *entrelugar* existente, um universo de mestiço, compreendido pela autora como uma “linguagem híbrida”. Trata-se de um fenômeno linguístico que é facilmente percebido em escolas de fronteira, em que se encontram marcas da língua espanhola na oralidade do aluno brasiguai, alfabetizado no Paraguai. Diante dessa realidade “sociolinguisticamente complexa” (PEREIRA, 1999), é necessário o docente possuir uma “pedagogia culturalmente sensível” (BORTONI-RICARDO, 2004a) e uma “pedagogia da varia-

ção” proposta por Zilles e Faraco (2015).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao que se refere a análise de dados, utilizou-se a “triangulação de registros”, proposta por Frederick Erickson (1990a/1992b/1988c). A partir de agora, coloco-me em terceira pessoa, para melhor visualização e interpretação de dados.

Com relação à etnografia e ensino, André (1995, p. 38) ressalta que o pesquisador etnográfico ao procurar entendimento, interpretação da multiplicidade cultural encontrada, também, no âmbito escolar:

(...) vai procurar entender essa cultura, usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações. Os dados são considerados sempre inacabados. O pesquisador não pretende comprovar teorias nem fazer ‘grandes’ generalizações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade.

A partir dessa orientação etnográfica, outra referência utilizada para interpretação de sentidos nos dados coletados são as premissas de Bortoni-Ricardo (2004a/2005b), ancoradas na “Sociolinguística Educacional” e/ou “Sociolinguística e Ensino” cujo objetivo é baseado numa “pedagogia culturalmente sensível” e o foco é, dentre outros parâmetros, o reconhecimento da diversidade cultural e linguística existente dentro do âmbito escolar, respeitando-as e as tratando de maneira igualitária.

A análise de dados em sua versão original é dividida em três momentos. Entretanto, aqui é apresentado apenas o primeiro momento, relativo ao olhar do pesquisador sobre a percepção da professora para/com a produção escrita, produzida numa escola de fronteira, por uma aluna considerada brasiguaiá.

Ao que se refere às transcrições de dados coletados durante os anos de 2013 e 2014, *corpus* da pesquisa de mestrado de Barbosa (2015), em função da ética e do sigilo, optou-se por utilizar nome fictício para designar a aluna que produziu o texto. Além disso, as entrevistas foram transcritas de acordo com as normas de transcrição do Projeto NURC/SP, Projeto desenvolvido em cinco capitais do Brasil com o objetivo de analisar o português padrão falado por informantes com nível universitário de escolaridade, com algumas adaptações para a linguagem popular falada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: O CASO DE LAURA⁷

O texto analisado foi, gentilmente, cedido pela professora Laura. De acordo com as suas explicações, esse texto foi registrado como atividade de língua portuguesa com a orientação de que fosse redigido um texto para o aprimoramento da estrutura do “Gênero Dissertativo”. É importante registrar que o texto analisado não passou pelo processo de reescrita, por isso, há correções de Laura na produção textual escrita.

No momento de geração de registros, essa aluna considerada brasiguiaia estava cursando o 9º ano do ensino fundamental, em uma escola brasileira do município de Aral Moreira-MS. Segundo informações da professora, naquela época, havia, aproximadamente, um ano que a aluna brasiguiaia estava morando na região.

A partir da contextualização do perfil da aluna em questão, na sequência, será apresentado o texto, na íntegra, produzido pela aluna brasiguiaia. Posteriormente, realizaremos a análise a partir de fragmentos, aos quais, tentaremos perceber o olhar de Laura com relação à produção textual de um aluno brasiguiaio, residente na fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

A seguir é apresentada, na íntegra, a redação de uma aluna brasiguiaia em que a professora Laura classificou como “ruim”. O pesquisador selecionou essa produção textual, principalmente,

pelo fato de obter correção de Laura, o que contribuiu para entender como a professora percebe e “enxerga” a aluna brasiguaiia da fronteira, por meio da produção textual escrita.

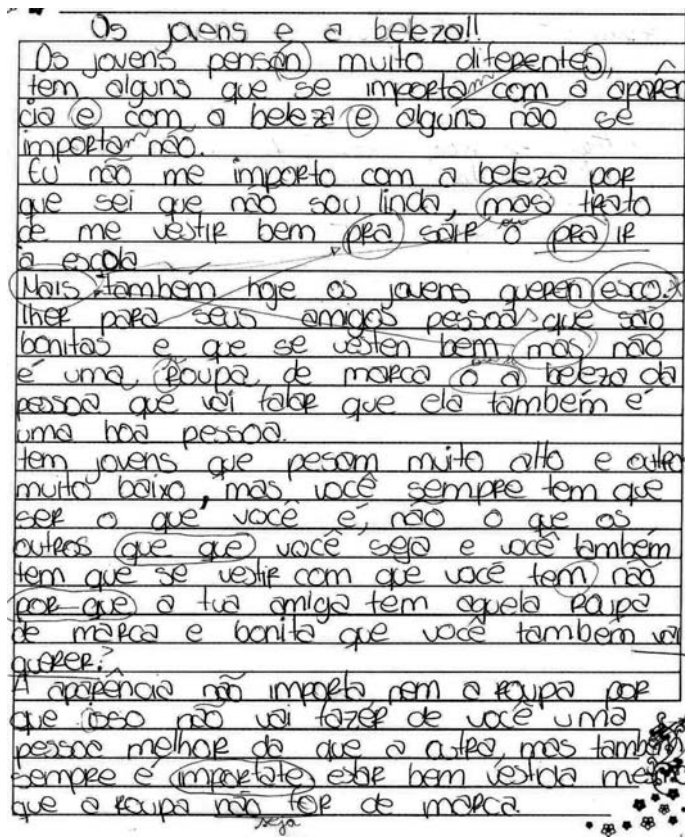


Figura 1. Correção de produção textual escrita cedida pela professora Laura.
Fonte: Dissertação de Mestrado Jefferson Machado Barbosa

Como se pode observar na Figura 1, a correção que a professora Laura realiza gira em torno da correção ortográfica, centrando seu interesse na homogeneidade linguística.

Embora não seja o interesse central voltar nosso olhar para a produção textual elaborada pela aluna brasiguaiia, em uma breve análise, nota-se que o texto apresenta ocorrências que são co-

muns aos alunos brasileiros, como por exemplo, **Pra/Para** – exceção às regras que prevê o “para” para situações formais de oralidade e escrita e “pra” em momentos informais de cunho oral e escrito. A aluna brasiguaiia usa em seu texto tanto “para” quanto “pra”, em consonância, isso evidencia pensar em níveis de bilinguismo escrito, tratado como complexo, conforme Mello (1999). Por isso, é fundamental possuir uma “pedagogia culturalmente sensível” com relação à escrita do aluno da fronteira. Curiosamente, na correção, verifica-se que a professora faz uma ligação entre a palavra “para” até a “pra”, indicando que a maneira adequada para dado contexto é “para”.

Essa atitude de circular as palavras acima evidencia pensar-mos em uma atitude de Laura centrada na homogeneidade da língua, reconhecendo a norma padrão (para) como unidade, e ao mesmo tempo ignorando a variante (pra) do aluno, sem refletir o uso das unidades lexicais (pra e para) a determinados contextos (formal e informal), tratando como uso para diferentes situações, sem ridicularizar o “pra”. Na visão do pesquisador, isso é fruto do não conhecimento de Laura sobre teorias relativas à sensibilização pedagógica, conforme destaca Pires-Santos (2010), a linguagem do aluno brasiguaiio tratado como híbrida.

Algumas ocorrências evidenciam o nítido apoio a língua espanhola, revelando uma linguagem híbrida do aluno da fronteira e ainda confirmando a noção de bilinguismo em processo, tais como: **Pensan**, ao invés de **Pensam** (português) e **Piensan** (espanhol); **Ten**, ao invés de **Tem** (português) e **Tiene** ou **Hay** (espanhol, de acordo com o contexto); **Queren**, ao invés de **Querem** (português) e **Quiere** (espanhol).

Na visão do pesquisador, essa marca linguísticas, além de evidenciar uma linguagem híbrida típica do aluno da fronteira, revela uma atitude de Laura que contribui para a rotulação de fracasso postulada ao aluno brasiguaiio. Além disso, a palavra **Nen** (considera híbrida) ao invés do **Nem** (português) não é apontada na correção de Laura, isso evidencia pensar que, embora a professora tenha habilitação em língua portuguesa e espanhola, não há um domínio do espanhol escrito.

Laura destaca, também, em sua correção, casos de inadequação do ponto de vista gramatical relativa ao emprego de pontuação, tais como: o emprego de vírgulas, de interrogação, de acentuação como se nota em: **Aparencia** ao invés de **Aparência**; **Voce** no lugar de **Você**; **E** ao invés de **É**; **Tambem** e não **Também**; e **Nao** ao invés de **Não**. Aqui é importante destacar que, na última linha (24), a aluna usa o “não” acentuado, isso só confirma a noção de graus ou níveis de bilinguismo (MELLO, 1999), o que evidencia pensar que, no momento de elaboração da produção textual, a aluna encontrava-se em fase de transição da sua língua de origem (familiar) para a língua da escola (institucional).

Nota-se, ainda, uma correção direcionada à concordância verbal, como no exemplo: **ten alguns que se importa com a aparencia**, ao invés de **tem alguns que se importam com a aparência** (2ª linha). Outro caso interessante é quanto ao trecho **al-guns nao se importa nao** (4ª linha) corrigido por Laura, **alguns não se importam não**.

Pires-Santos (2010, p.43), ao estudar a linguagem híbrida em contextos de fronteira, destaca que não se encontra marcas da língua espanhola na oralidade do aluno brasiguai, alfabetizado no Paraguai, como é o caso da aluna brasiguai em questão. Por outro lado, existe mistura da língua espanhola e portuguesa, podem ser encontrados mais facilmente na superfície escrita.

Na maioria das vezes, a produção textual escrita de alunos oriundos de outras nacionalidades, como é o caso da aluna brasiguai, Pires-Santos (Op. Cit) lembra que é imprescindível levar em consideração que a escrita do aluno brasiguai é, antes da superfície ortográfica, híbrida; e; muitas vezes, por não conhecer esse conceito de hibridismo, o contexto escolar, mais especificamente, o docente não dá atenção a essa escrita, caracterizando-a como errada e inferior às demais que mais se aproximam da língua padronizada.

Com base nesses dados, e tantos outros que podem ser elencados a partir dessa produção textual, mas não os elucidaremos aqui para não tornar nossa análise exaustiva, a vi-

são do pesquisador e de acordo com o que os dados evidenciam, Laura desconsidera a escrita de origem de sua aluna brasiguaiia, impondo a norma padrão escrita, tanto almejada pelo âmbito escolar. Essa atitude de Laura é devido a uma instituição maior, ou seja, o não reconhecimento da escola em que a docente atua como, genuinamente, bilíngue e intercultural, tornando invisível a língua, a fala, a escrita, a identidade e a cultura do brasiguaiio e, conseqüentemente de educandos indígenas e paraguaios.

Desse modo, os dados evidenciam pensar que a professora não enxerga a produção textual escrita de sua aluna brasiguaiia como híbrida e heterogênea.

Ao analisar, brevemente, o campo das ideias da produção textual escrita, percebe-se que há uma sequência textual, assim evidenciada:

1) **Beleza:** demonstrando uma baixa autoestima da aluna brasiguaiia, principalmente, na passagem: **Eu nao me importo com a beleza por que sei que nao sou linda mas trato de me vestir ben pra sair o pra ir a escola.** (linhas 5 a 8). O trecho, além de revelar um desprovimento de beleza da aluna brasiguaiia, demonstra uma forma de se apresentar melhor ao “outro”, no caso a professora Laura.

2) **Marca:** questão que pode ser interpretada como a ideia de pertencimento a determinado grupo social, isto é, a roupa de marca rotula a posição social do indivíduo, além disso, a marca estabelece que grupo tal sujeito pertence. Esse traço pode ser observado na passagem: **mas tambem sempre e importate estar bem vestida mesmo que a roupa não for de marca.**

Ainda com relação à **Marca**, é importante mencionar que a concepção de aparência e de se vestir do povo paraguaio, localidade de origem da aluna, é diferente da concepção brasileira. A título de exemplificação podemos citar as escolas paraguaias, onde os alunos usam uniformes, rigorosamente, padronizados, constituído de sapato, gravata e meia $\frac{3}{4}$. Desse modo, a aluna deixa transparecer em seu texto o padrão de vestimenta do Paraguai, uma vez que traz resquícios de sua cultura de origem.

Segundo o olhar de pesquisador, os dados evidenciam para uma atitude em que Laura classifica o texto aluna brasiguaiia como “ruim”, seguido de sérios problemas gramaticais, o que contribui para o fracasso escolar e quase sempre seguido da evasão. Esse tipo de atitude na prática docente é confirmado, também, no estudo de Pires-Santos (2010, p.43) quando registra que:

...as professoras ficam descontentes quando recebem em suas turmas alunos “brasiguaios”, reclamando para que sejam distribuídos nas diferentes turmas e muitas vezes considerando um castigo receber mais de um desses alunos em sua turma.

Evidentemente, o não conhecimento de Laura com relação à linguagem híbrida de sua aluna, bem como aos conceitos relativos à “Sociolinguística educacional”, proposta por Bortoni-Ricardo (2004a/2005b) cujo objetivo se volta para a preservação cultural e linguística do aluno de fronteira; e ainda, o desconhecimento da prática de uma pedagogia culturalmente sensível faz com que a visão da professora com relação ao texto da aluna brasiguaiia seja homogênea, centrada apenas na norma padrão escrita, desconsiderando a “Pedagogia da Variação”, proposta por Zilles e Faraco (2015) e a noção de que o contexto de sala de aula é de conflito étnico-linguístico, sujeito a norma padrão e não-padrão; crises de identidade por parte do alunato e dentre outros fatores de caráter heterogêneo.

CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO

Conforme se pode notar no subtítulo, não há considerações finais, mas em processo, pois compreendemos que essas reflexões teóricas são construídas diariamente nas interações sociais. Além disso, essa investigação se soma a um conjunto de pesquisas que se encaixa na “Linguística Fronteiriça” (STURZA, 2006), um mapeamento de situações vivenciadas pela escola, em especial pelas docentes de língua portuguesa, em área de fronteira. Além do mais, este conjunto de estudos, certamente, serve como

fortalecimento às políticas públicas voltadas a estes cenários fronteiriços, ricos, peculiares e mestiços.

O momento em que o professor reconhece que existem variações na língua oral e escrita, ocorre o processo de sensibilização, ou seja, há, de fato, o reconhecimento de uma sociolinguística educacional dentro da escola, tratada por Bortoni-Ricardo (2004a, 2005b) como “pedagogia culturalmente sensível”, reconhecendo, assim, a existência de variantes linguísticas, identitárias, culturais, sociais, ideologias, dentre outras.

Diante dessa realidade de complexidade linguística, no olhar do pesquisador, a escola da fronteira estudada não estimula, muitas vezes, a manutenção das línguas da fronteira, pois não se reconhece como uma escola de fronteira e ainda não propõe um ensino bilíngue e direcionado aos alunos paraguaios, indígenas e brasiguaios. Por fim, não pretendemos limitar o assunto, todavia, o estudo de caso de Laura ilustra a realidade da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia, bem como a postura das docentes que atuam nessa zona de fronteira com relações aos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas/SP: Papirus. 1995.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. Ed. Loyola. 1999.

BARBOSA, Jefferson Machado. *Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós Chegemu na Escola, e Agora?: Sociolinguística & Educação*. São Paulo: Parábola, 2004a.

_____. *Educação em língua materna - a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005b.

CAVALCANTI, M. *Estudos sobre Educação Bilíngue e Escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*. Em DELTA, vol 15. São Paulo, 1999. p. 385-417.

ERICKSON, F. *Qualitative Methods in Research on Teaching*. M. C. Wittrock. Handbook of Research on Teaching, 3, Nova York: Macmillan Publishing Company. 1990a, p. 119-158.

_____. *Ethnographic Microanalysis of Interaction*. M. Le Compte, J. Goetz et al i. The Handbook of Qualitative Research in Education. Nova York: Academic Press. 1992b. p.202-225.

_____. *Minority Education from Shame to Struggle*. Clevedon: Multilingual Matters. 1988c.

FREIRE. Eugenio Pereira. *Escola Estadual João Vitorino Marques*. Disponível em: <<http://www.eugeniofreire.blogspot.com.br/#!http://eugeniofreire.blogspot.com/2012/03/10032012-escola-estadual-joao-vitorino.html>>. Último acesso em 16-06-2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 8. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MELLO, H. A. B. *O Falar Bilíngue*. 1. ed. Goiânia: Editora UFG/CEGRAF, 1999.

PEREIRA, Maria Ceres. *A escola em contexto sociolinguisticamente complexo e o apagamento das minorias étnicolinguísticas na perspectiva do letramento*. In: Revista Olhar do Professor. Ponta Grossa. v.5. n.01. 2002, p. 47-56.

PIRES-SANTOS, M. E. *Ambivalências de termos e conceitos: Implicações para a linguagem híbrida em contexto de fronteira*. Línguas e Letras: UNIOESTE. Vol.II, nº 20. 2010.

SANTOS, Elisângela Batista. *Topônimos das ruas de Aral Moreira*. S.l: s.n, 2004. 25 f.

STURZA, E.R. *Línguas de Fronteiras e Políticas de Línguas: Uma História das Ideias Linguísticas*. Campinas, SP. 2006. Tese de Doutorado.

ZILLES, A. M. S. & FARACO, C.A. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: parábola, 2005.

VIRGINIA WOOLF E AS ARTES: O FAROL, O MAR, A LITERATURA E A PINTURA IMPRESSIONISTA

Neurivaldo Campos Pedroso Junior¹

RESUMO

A comparação entre as artes é um *topois* tão antigo em nossa cultura que remonta à aurora da civilização. A partir dos movimentos impressionistas e pós-impressionistas, nota-se, com mais frequência, a sistematização de trocas teóricas e metodológicas empreendidas pelos artistas. Este artigo pretende, em um primeiro momento, discutir questões relativas à correspondência entre as artes e as mídias e, em um segundo momento, propor uma leitura do romance *Passeio ao farol*, de Virginia Woolf, com o propósito de destacar a relação que este mantém com as técnicas do Impressionismo pictórico.

Palavras-Chave: Estudos Interartes e Intermídias; Virginia Woolf; Literatura e Pintura.

ABSTRACT

The comparison between the arts is a *topois* so ancient in our culture that remounts to the dawn of the civilization. Since the impressionist and post-impressionist movements, it is seem with more frequency the systematization of the theoretical and methodological exchanges undertook by the artists. This article aims, at first, to discuss issues related to the correspondence among arts and medias and after this, to propose a reading of Virginia Woolf's novel *To the lighthouse*, with the purpose of emphasize the relation that this novel establishes with techniques of the Pictorial Impressionism.

¹ Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. Professor Adjunto de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da UEMS.

Keywords: Interarts and Intermedias Studies; Virginia Woolf; Literature and Painting.

“A arte são todas as artes.”

Etienne Souriau

Há algum tempo, o aforismo de Etienne Souriau, tomado em epígrafe, tem conduzido nossa reflexão acerca da correspondência entre as artes. Harmonizamo-nos com as palavras do esteta francês, no sentido em que selam uma unicidade entre práticas, em princípio, tão díspares, como a pintura, a música, a escultura, a dança, o teatro, o cinema e a literatura. Sob essa perspectiva, reconhecemos que, apesar das inúmeras divergências existentes, há um ponto de convergência entre essas práticas, a partir do qual, elas, juntas, trabalhariam em nome de uma única Arte. Assim, ao desenvolvermos o raciocínio proposto por Souriau, acreditamos que o estudo da correspondência entre as artes pode trazer uma maior compreensão e conhecimento das artes colocadas em diálogo e pode, também, ampliar nossa compreensão do fenômeno estético como um todo, o que corrobora a ideia inicial de que “a arte são todas as artes” (SOURIAU, 1983, p.3). Ao raciocínio de Souriau podemos associar um outro, agora de Marc Jimenez, quando pontua que:

Hoje duas tendências se enfrentam: as artes especializaram-se a um ponto extremo. Sua prática usa técnicas e procedimentos extremamente especializados, e constatamos que os artistas das diversas disciplinas não se correspondem entre si. Porém, paradoxalmente, assistimos a aproximações, a conjunções, a intercâmbios que tendem a abolir divisórias. Tudo acontece como se a vontade de criar elos entre as diferentes práticas artísticas, de associar material heterogêneo, de conjugar as práticas artísticas, fosse mais forte do que a preocupação de classificar, de ordenar, de “administrar” o domínio do imaginário e do sensível. Não se estaria sonhando com uma “polissensorialidade” que reatasse, de forma nostálgica, com a “obra de arte total” e se esforçasse para unificar a esfera estética? (JIMENEZ, 1999, p.103).

As palavras de Jimenez apontam para uma obliteração das divisões entre as diversas artes no sentido de formar uma “obra de arte total”. Por mais ingênua que possa parecer tal ideia, não podemos deixar de trazê-la para o plano da reflexão interartística, pois, se consideramos, em um primeiro momento, as discussões e trocas teóricas e metodológicas empreendidas pelos artistas, de forma mais sistemática, a partir do pós-impressionismo, nos daremos conta, então, do quanto tem havido esses intercâmbios, chegando, inclusive, a não existir mais a exclusividade, por uma arte, de determinado material. É importante apontarmos para a ampliação, ocorrida nos últimos anos, do campo de atuação dos Estudos Interartes sofrida, principalmente, em decorrência da introdução do conceito de intermedialidade, na medida em que este se refere, não apenas àquilo que tradicionalmente designamos como “artes” (Literatura, Pintura, Música, Dança, Artes Plásticas, Cinema, Teatro, Arquitetura), mas, acaba por agregar outras mídias e seus textos. Com isso, vemos figurar, lado a lado, as mídias impressas, o Cinema, a Televisão, o Rádio, o Vídeo, além das várias mídias eletrônicas e digitais. Logo,

(...) os teóricos das mídias, na sua maioria, concordam que eles trabalham com formas mistas, nas quais, elementos verbais, visuais, auditivos, cinéticos e performativos agem conjuntamente, as disciplinas dedicadas às artes tradicionais, frequentemente, têm dado pouca atenção a essas formas mistas que surgem em seu âmbito e não desenvolveram quaisquer métodos adequados que lhes fizesse justiça – até que elas se tornaram um objeto de estudo importante para os Estudos Interartes. O fenômeno dessas formas mistas também é denominado, no uso corrente alemão, “intermedialidade” (CLÜVER, 1998, p.19).

Ampliando a reflexão de Diante do exposto, podemos evocar, uma vez mais, a reflexão proposta por Marc Jimenez em *La querelle de l'art contemporain*, quando, ao discorrer sobre a atuação dos artistas contemporâneos, registrará que, atualmente, os artistas não se prendem exclusivamente às suas “mídias” e procedem à obliteração das fronteiras interartísticas em nome de uma produtiva interlocução:

Em nossos dias, o artista contemporâneo não se limita mais a uma

única mídia. Pintor ou escultor, ele pode acumular as funções, de *performancer*, de instalador, de cineasta, de músico, etc. O fim da unidade das Belas-Artes se caracteriza efetivamente pela disseminação dos modos de criação a partir das formas, de materiais, de objetos, ou de ações heterogêneas que a expressão ‘arte contemporânea’ define imperfeitamente (JIMENEZ, 2005, p.28. Tradução nossa).

As palavras de Jimenez atestam a correspondência interartística de forma que artistas têm recorrido, na elaboração de suas obras, a dois ou mais sistemas de signos ou mídias. Com isso, assistimos à convivência, produtiva e inseparável, em uma mesma obra, de elementos pictóricos, literários, cinematográficos, musicais. No campo das artes (e das novas mídias) nada mais é estanque, a interação entre as artes está se tornando cada vez mais intensa e complexa. Nesse sentido, pensamos que há, hoje, uma forte tendência de combinação entre diferentes linguagens, também, dentro de uma arte, assim, se pensarmos nas artes plásticas, podemos observar que os limites entre desenho, pintura, gravura e escultura já não são mais tão rígidos. Pensando, também, em termos da Literatura, a proliferação da Internet e dos blogs fez com que houvesse uma instabilidade nos limiares entre conto, crônica, poesia e até mesmo romance. Por último, não podemos deixar de mencionar que o advento das novas mídias digitais e eletrônicas proporcionou a rediscussão dos limites entre artes plásticas, música, teatro, literatura, cinema, vídeo, fotografia etc.

François Jost reforça as palavras de Marc Jimenez, pois, ao analisar romances da Modernidade, dentre os quais se destacam *Ulisses*, de James Joyce e *Jogo de fogo*, de Robbe-Grillet, registra a existência da uma relação entre esses romances e a música. Ao desenvolver sua análise, Jost aponta para a questão das trocas teóricas e metodológicas que passam a existir entre sistemas semióticos diferentes, todavia, há, também (e de forma inegável) um “impasse” sentido pelos próprios artistas, pois, apesar da vontade de realizar as trocas, os trânsitos entre as fronteiras interarísticas, acentua-se, em certa medida, o olhar voltado para

si, colocando em discussão o questionamento dos códigos da representação, o que resultaria em uma “intermedialidade militante”. Assim, o paradoxo desta intermedialidade militante “é que, ao mesmo tempo em que ela vai buscar sua inspiração fora do campo semiótico próprio, ela se afirma como uma procura da especificidade, já que ela trata, no fundo, de experimentar os limites de cada arte, de cada prática uma pela outra” (JOST, 2006, p.34).

Os romances de Virginia Woolf sempre tiveram como imperativo crítico a correlação entre a literatura e as demais artes, poderíamos citar “os efeitos cinematográficos em *Jacob’s Room*, a figura emblemática da dramaturga Miss La Trobe em *Between the Acts* e as constantes referências à arte e aos efeitos sinestésicos em *The Waves*” (OLIVEIRA, 1993, p. 130). Em Virginia Woolf, o texto literário abre-se para constantes e profícuos diálogos com outros tipos de textos, sejam eles pictóricos, musicais ou cinematográficos. A escritora conscientiza-se de que a Literatura, ou melhor, o texto literário, pode vir a se tornar um palco no qual se encenam e se correlacionam diferentes tipos de textos. E assim, nesse jogo inter-textual, temos a Literatura num “interfaceamento” com a Pintura e com a Música, outras vezes com o Cinema e com o Teatro.

Em *Passeio ao farol*, quinto romance publicado por Virginia Woolf, os elos de intermediação entre Literatura e Pintura são estabelecidos não apenas porque há uma pintora como uma das personagens centrais, mas, principalmente, porque percebemos em quase todas as páginas da narrativa, que paralela ou concomitantemente ao enredo ficcional, existe uma “técnica” das artes plásticas que influencia e sustenta o enredo. Notamos que o romance de Virginia Woolf estabelece uma íntima relação com os movimentos Impressionistas e Pós-Impressionistas, uma vez que a multiplicidade dos pontos de vista, a simplificação da forma, a intensificação das cores, as inúmeras impressões que as personagens apresentam uma das outras remetem-nos, ora ao Impressionismo, ora ao Pós-Impressionismo. A narrativa do romance está dividida em três partes (A Janela; O tempo passa e O farol) e poderia ser resumida da seguinte forma:

(...) toda a ação tem lugar numa só tarde e num só fim de dia, quando a família Ramsay e seus amigos estão passando as férias nas ilhas Hébridas (em lugar de Escócia, leia-se Cornualha); na parte final, numa só manhã, muitos anos depois da Primeira Guerra, quando os sobreviventes se reúnem de novo na casa onde passavam as férias e que estava há muito abandonada. Entre essas duas partes, dá-se uma fantasmagórica aceleração do tempo, (...) nas quais os acontecimentos humanos, casamentos, nascimentos, destruição e mortes no campo de batalha, ocorrem somente em referências passageiras ou entre parênteses, tão fundamental é a cena, o ritmo, como se fosse um sonho (LEHMANN, 1989, p.56).

O termo “Impressionismo” fora cunhado, inicialmente, por Louis Leroy, artista e crítico de arte, responsável pela crítica da primeira exposição coletiva desses pintores que mais tarde receberiam o título de Impressionistas. Leroy fora atraído pelo título de uma das telas de Monet, *Impressions, soleil levant*, (Impressão, Sol nascente). Alguns críticos e artistas, entretanto, acharam o nome, Impressionismo, pejorativo, mas, a partir dessa primeira exposição, tornou-se frequente a utilização de palavras como “impressão” e “impressionismo”. O crítico de arte, Meyer Schapiro, observa que:

Independente da origem do nome, Monet, ao chamar a sua pintura do sol nascente de ‘*Impressão*’, estava se explicando ao público. Estava dizendo que o quadro não era simplesmente uma imagem de uma enseada, mas o efeito da cena sobre o olhar de um observador-artista (SCHAPIRO, 2002, p.35).

Assim, o termo “impressão” torna-se um solo fértil para que os pintores desenvolvam suas obras, sobretudo porque os artistas passaram a opor suas impressões pessoais ao pensamento e observação analíticos, “à fantasia e à memória como fontes tradicionais da arte”, pois, essas fontes eram comumente vistas como imposições das academias, ou ainda, como “representantes” de uma ilusão na vida pessoal tanto quanto no plano social. Com

isso, vemos tornarem-se frequentes, quando associados aos artistas impressionistas e, principalmente, à estética impressionista, o emprego dos conceitos de “impressão” e “sensação”. Por conseguinte, o Impressionismo tornou-se um movimento que visava, acima de tudo, a traduzir as impressões dos artistas. Essa atitude vem confirmar a crença de que, à época dos Impressionistas, “a impressão, com as sensações componentes, era vista como uma experiência primitiva básica, uma ocasião em que somos mais sinceros, sensíveis e capazes de apreender totalidades como valores estéticos” (SCHAPIRO, 2002, p.59). Uma passagem de *Passeio ao farol* é significativa para ilustrar o papel que a pintura (aqui representada pelo quadro de Lily Briscoe) ocupa dentro do romance. Acreditamos que há uma técnica das artes plásticas que embasa a escrita desse romance woolfiano. A passagem é:

O Sr. Bankes pegou um canivete no bolso e bateu na tela com seu cabo de osso. Que queria dizer com essa forma triangular purpúrea “logo ali”? Perguntou.

Era a Sra. Ramsay lendo para James, respondeu ela. Conhecia sua objeção: ninguém diria que aquela mancha era uma forma humana. Mas não tentara fazê-la parecida, disse. Então, por que os colocara no quadro?, perguntou ele. Realmente, por que? Apenas, porque naquele canto era claro, sentia a necessidade de colocar uma sombra no outro. Era simples, óbvio, banal, mas o Sr. Bankes estava interessado. Então, mãe e filho, objetos de veneração universal – e nesse caso a mãe era conhecida por sua beleza –, poderiam ser reduzidos, sem irreverência, a uma mancha purpúrea, ponderou ele. *Mas a pintura não era sobre eles, disse ela. Pelo menos, não no sentido em que ele o entendia. Havia outras formas de reverenciá-los. Com uma sombra aqui e uma luz ali, por exemplo. Se um quadro deve ser uma homenagem como ela achava, o seu tributo se expressava assim. Mãe e filho podiam ser reduzidos a uma sombra, sem irreverência. Uma luz aqui exige uma sombra ali, mais adiante. Ele refletiu interessado. Encarava a tela cientificamente, numa total boa fé. Mas a verdade é que todos os seus preconceitos estavam do outro lado, explicou* (WOOLF, 1982, p.56. Grifo nosso).

Chamamos a atenção, então, para o fato de *Passeio ao farol* apresentar-se como um exemplo crucial de um romance com qualidades impressionistas. O texto woolfiano não é apenas um “romance”, na sua acepção tradicional, mas, sobretudo, um registro das sensações, dos sentimentos, bem como das reflexões daquelas personagens enquanto passam as férias em uma ilha na Cornualha. Virginia Woolf, para captar nuances mais fugidias de luz e atmosfera, volta-se constantemente para elementos da natureza como o mar, as montanhas e os ventos — afinal, a grande questão que perpassa quase todo o primeiro capítulo é: se amanhã o tempo estiver bom, poderemos ir ao farol. Entretanto, o tempo não ficaria bom e eles teriam de adiar a viagem, pois, o vento que soprava sobre a ilha era o “oeste”, ou seja, o vento soprava da pior direção para se atracar ao farol.

Passeio ao farol pode ser lido como uma série de telas impressionistas, uma vez que apresenta uma rica percepção das cores, da atmosfera brumosa que envolve toda a ilha naquele dia de tempestade. A escritora não trabalha apenas com os movimentos da luz e da paisagem em constante mutação, mas também, explora as propriedades das cores, como se fosse um pintor. Logo, podemos afirmar que “esta capacidade de perceber os objetos em termos de tintas constitui uma analogia, por si só, e mostra quão intimamente a psicologia da criação artística se ligava, em Virginia Woolf, aos desenvolvimentos das artes visuais” (HAVARD-WILLIAMS *apud* PRAZ, 1980, p. 197). Ocorre ao longo do romance um incessante trabalho com as cores, e, assim, como se fosse um pintor, Virginia Woolf empregará determinadas cores, como, por exemplo, o púrpura, o vermelho, o verde, o azul, o branco, enfim cores frequentemente empregadas pelos pintores impressionistas. O trabalho com as cores e os movimentos da luz, realizado por Virginia Woolf, pode ser notado, dentre outras, na passagem abaixo:

— Esfriou de repente. O sol parece estar menos quente — falou, olhando em redor, pois tudo estava muito *claro*, a grama ainda de um *suave verde* profundo, a casa *cintilando* na sua folhagem com *flores purpú-*

reas de maracujá, e gralhas lançando gritos cortantes do alto azul. Mas alguma coisa *moveu-se*, brilhou, virou uma asa *prateada* no céu. Afinal, era *setembro*, meados de setembro, e *mais de seis horas da tarde*. Assim, caminharam pelo jardim na direção costumeira; passando pela quadra de tênis e pela grama alta, até aquela clareira na espessa sebe protegida por suas hastes de *vermelho* incandescente como brasas de carvão queimando, por entre as quais as *águas azuis* da baía pareciam ainda mais azuis (WOOLF, 1982, p.24).

Ainda na esteira dos elementos impressionistas presentes no romance *Passeio ao farol*, de Virginia Woolf, pensamos, por exemplo, que a tênue história, com acontecimentos insignificantes e escolhidos ao acaso, para refletirem os difusos contornos de um único dia, seguido de uma única manhã, após um intervalo de dez anos, assemelha-se ao Movimento Impressionista, que trouxe para a tela a representação do cotidiano. Assim, recorreremos, uma vez mais, a uma passagem de Meyer Schapiro sobre os pintores Impressionistas, na medida em que pode ser associada ao romance *Passeio ao farol*, de Virginia Woolf, pois os impressionistas

(...) se sentiam atraídos por aquelas situações da vida real em que os indivíduos se deleitam com o que os cerca e, especialmente, com seu impacto visual. Incluía a sensação do sol e do ar % quente, frio, seco, ventoso ou imóvel; as qualidades tácteis da água, areia, solo, relva e rocha; as sensações físicas de andar, remar ou dançar; escutar música, assistir a espetáculos e participar de conversas; e, junto com som e visão, os estímulos ao paladar e olfato no café, na mesa de jantar ou no jardim (SCHAPIRO, 2002, p.32).

Aquele romance de Virginia Woolf apresenta-nos ações simples e corriqueiras, que nada têm de heroico ou histórico: são nos apresentadas ações do dia-a-dia de uma família em férias no campo, assim, encontramos a Sra Ramsay a medir e tecer uma meia marrom, Lily Briscoe pintando uma tela, algumas pessoas passeando pelas montanhas inglesas; entretanto, o que podemos perceber da leitura do romance é que “a trama enfatiza, não tanto

esses fatos, mas o impacto deles sobre a mente dos participantes” (OLIVEIRA, 1993, p.129), com isso, será uma característica marcante de *Passeio ao farol* a utilização do monólogo interior e do fluxo da consciência, que correspondem, no plano da narrativa, ao paradoxo impressionista da interpretação subjetiva do momento presente.

Em “A Meia Marrom”, capítulo de *Misesis*, Erich Auerbach analisa esse caráter prosaico encontrado na narrativa woolfiana, que abandona a representação de episódios heroicos ou dramáticos. De acordo com Auerbach, uma constante na ficção woolfiana é a extrema importância que a romancista confere às ações corriqueiras, tendência presente, também, em Marcel Proust, Thomas Mann e Gustave Flaubert. Auerbach observa que Virginia Woolf:

(...) se atém a acontecimentos pequenos, insignificantes, escolhidos ao acaso: a medição da meia, um fragmento de conversa com uma criada, um telefonema. Não ocorrem grandes mudanças, momentos cruciais exteriores da vida, ou catástrofes, e, ainda que tais coisas sejam mencionadas em *To the Lighthouse*, isto é feito rapidamente, sem preparação nem contexto, de forma aproximada e, por assim dizer, apenas informacional (AUERBACH, 1997, p.492).

A narrativa woolfiana possibilita o questionamento sobre o papel do sujeito dentro narrativa e acaba por minar a existência de um sujeito único, onipresente e onisciente. Auerbach chama a atenção para o fato de que o “essencial para o processo e para o estilo de Virginia Woolf, é que não se trata de *um* sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos amiúdes cambiantes” (AUERBACH, 1987, p.483). Consequentemente, haverá na narrativa uma multiplicidade de pontos de vista que, descentrando o ponto de vista único e fixo das narrativas tradicionais, acabará por dificultar a identificação da voz narrativa. Logo, observamos que as informações e as impressões fornecidas no primeiro capítulo de *Passeio ao farol* caminham em direção à formação de um “retrato” da Sra. Ramsay,

afinal, ficamos sabendo, por meio de uma dessas vozes narrativas, que cinquenta pares de olhos não seriam o suficiente para captar na totalidade a personalidade da Sra Ramsay. Sendo assim, Virginia Woolf, para proporcionar esses inúmeros “pares de olhos”, vai empregar um processo denominado “reflexo múltiplo da consciência”, por meio do qual a realidade será dissolvida em “múltiplos e multívocos reflexos da consciência”, que darão ao leitor “uma sensação de desesperança; apresenta-se frequentemente algo de confuso ou de velado, algo que é inimigo da realidade que representam” (AUERBACH, 1987, p.495).

Assim, Virginia Woolf utilizará em *Passeio ao farol* uma técnica denominada monólogo interior indireto, ou seja, há um narrador onisciente apresentando “material não-pronunciado”, como se viesse diretamente da consciência das personagens, além disso, esse narrador onisciente tecerá comentários e descrições que conduzirão o leitor pela consciência das personagens. Na verdade, observamos que a prática do monólogo interior indireto geralmente está ligada à outra prática inerente à ficção do fluxo da consciência: a descrição da consciência das personagens, logo, o autor entrará em cena “como um guia para o leitor. Retém a qualidade fundamental do monólogo interior no sentido de que é direto aquilo que apresenta em matéria de consciência; isto é, vir no idioma e com as particularidades dos processos psíquicos do personagem” (HUMPHREY, 1976, p.27).

Haveria, dessa forma, uma analogia entre o romance e a pintura moderna; à eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço sofrida pela pintura moderna, parece corresponder, no romance, à eliminação da sucessão temporal; a “cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, ‘os relógios foram destruídos.’ O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo presente, passado e futuro” (ROSENFELD, 1996, p.80). Assim, a narrativa que se dispuser a representar esses movimentos da consciência acabará colocando em questão as noções de tempo e espaço como formas relativas e subjetivas.

A atitude de Virginia Woolf frente ao texto literário nos remete àquelas empregadas pelos pintores impressionistas, pois, tanto na superfície da página quanto na superfície da tela ocorrerá o desaparecimento de uma realidade objetiva, que possa ser perfeitamente dominada pelo escritor ou pelo pintor; o que se vê, agora, é o surgimento de uma posição adotada pelo escritor, que até então não parecia ser possível, a de um sujeito que “duvida, interroga e procura” alguma coisa, como se o autor conhecesse as personagens tanto quanto o leitor ou as outras personagens se conhecem. Assim, trata-se agora da “posição do escritor diante da realidade que representa”, distanciando da realidade objetiva, procura-se, de certa forma, “reproduzir o vaguear e o jogar da consciência, que se deixa impelir pela mudança das impressões” (AUERBACH, 1987, p.483). Conseqüentemente, haverá uma modificação na estrutura do romance e até mesmo da própria frase, já que esta:

(...) ao acolher o denso tecido das associações com sua carga de emoções, se estende, decompõe e amorfiza ao extremo, confundindo e misturando, como no próprio fluxo da consciência, fragmentos atuais de objetos ou pessoas presentes e agora percebidos com desejos e angústias abarcando o futuro ou ainda experiências vividas há muito tempo e se impondo talvez com força e realidade maiores do que as percepções reais (ROSENFELD, 1996, p.83).

Acontece, de certa forma, que o romance de Virginia Woolf, tanto quanto as telas impressionistas proporcionam questionamentos acerca daquilo que denominamos “Realidade”, já que “uma mesma realidade se cinde em múltiplas realidades divergentes quando observada sob pontos de vista diferentes” (ORTEGA Y GASSET, 1996, p.75). Conseqüentemente, passamos a indagar qual dessas “realidades” é a verdadeira ou a autêntica, para, *a posteriori*, constatarmos que “todas essas realidades são equivalentes; cada uma é autêntica, consoante o respectivo ponto de vista”.

Ocorre, então, no curso da narrativa de *Passeio ao farol*, uma valorização de ações triviais, que apresentam-se envoltas em um certo simbolismo. Assim, “a luta por respostas a problemas básicos de conhecimento, a busca de códigos para lembranças e impressões assumem a importância que vem com uma busca mística” (HUMPHREY, 1976, p.92), conseqüentemente, em Virginia Woolf as ações — as mais corriqueiras — tornam-se motivo para introspecção. A medição da meia feita pela Sra Ramsay, por exemplo, ocupa grande parte do primeiro capítulo e é o ponto de partida para que as demais personagens reflitam acerca de suas vidas e também de mostrarem suas “impressões” umas das outras. Logo, de um acontecimento isolado, como é o caso da medição da meia, “surtem circunscções do acontecimento e conexões com outros acontecimentos que anteriormente mal foram vislumbrados, nunca vistos, nem considerados — e que são, contudo, decisivos para a nossa vida real” (AUERBACH, 1987, p. 497), assim, tudo o que é dito ou feito, aparecerá como “reflexo na consciência das personagens do romance”.

Um estudo comparativo entre o romance woolfiano e as artes plásticas que visasse uma aproximação puramente temática, não poderia deixar de evocar as inúmeras similitudes entre *Passeio ao farol* e as telas impressionistas, pois, tanto no romance de Virginia Woolf como em telas de Monet, Manet e Renoir, dentre outros, há a exclusão de temas heroicos, históricos ou míticos, em detrimento de temas que visassem a relação do sujeito com o mundo que o cerca, os objetos e sobretudo a natureza. Não é de se admirar que os impressionistas tenham abandonado os ateliês, partindo frequentemente para o campo ou para vilarejos à beira-mar. A própria personagem-pintora de *Passeio ao farol* opta por sair da sala onde a Sra Ramsay se encontra, para retratá-la do lado de fora da casa e, desta forma, posiciona-se “de pé, na extremidade do gramado”. Lembramos, por exemplo, que:

(...) os impressionistas saíram dos estúdios para pintar no exterior, ao

ar livre, abandonando, assim, a cópia da natureza a partir da solução de seus predecessores. A paisagem – campestre ou urbana – passou a ser executada *in loco*, como a viam os olhos do artista em um determinado instante do dia (LÔBO, 1999, p. 169).

Consequentemente, a paisagem, a natureza morta, bem como as ações do cotidiano estão, também, sujeitas aos constantes movimentos da luz, que passa a ser vista como capaz de mudar, quer sejam os seres, quer sejam os objetos a ela expostos. De acordo com Meyer Schapiro, para os impressionistas, o tema era, com frequência, “um estado momentâneo do meio ambiente artificial influenciado pela natureza, ou da natureza modificada pelo homem: o clima instável, com seus momentos agradáveis de luz solar brilhante; a paisagem mudando com a luz e a posição do espectador em movimento” (SCHAPIRO, 2002, p.93). Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar o trabalho empreendido pro Claude Monet, o impressionista exemplar, que, em meados da década de 1880 e 1890, passou a pintar séries de um mesmo objeto, conforme a mudança da luz. De acordo com Meyer Schapiro, Monet

(...) levava meia dúzia, ou mais, de telas a um local escolhido e começava uma tela diferente a cada meia ou uma hora, retornando para complementar o quadro quando a luz fosse a mesma, com uma resoluta fidelidade a impressão, à qualidade da luz e da atmosfera, e às mudanças sutis que apareciam ao longo do dia. O monte de feno é um dos mais conhecidos desses objetos escolhidos e pintados em séries (SCHAPIRO, 2002, p.202).

As constantes evocações do passado, sobretudo na última parte do romance, quando a pintora Lily Briscoe, volta à casa dos Ramsays e tenta concluir a sua tela, iniciada há dez anos, sugerem-nos algumas atitudes adotadas por Monet nas suas últimas obras, nas quais “segue o percurso interior da sensação visual, a sua evolução e mutação em estados de almas complexos e ramificados, na sobreposição e associação de *diversos momentos*

do sentimento e da memória” (ARGAN, 1995, p.107. Grifo nosso). Podemos afirmar que Virginia Woolf, ao deslocar para o último capítulo a conclusão da tela de Lily Briscoe, atesta, uma vez mais, que “o tempo passa” e que aos pintores e escritores resta apenas a tentativa de tentar capturar o “instante efêmero”.

A linguagem pictórica, para tentar registrar a fluidez do tempo, apresenta recursos mais “exíguos” do que a linguagem verbal. O texto literário será constituído por sequências, cesuras, ritmos e passagens, apresentando ao mesmo tempo uma “liquidez” e uma “fluidez” semelhante ao movimento do tempo, que tentam aprisionar. Haveria, então, uma diferença entre o texto verbal e a pintura, já que o texto, ao pousar sobre a folha de papel, não fica aí “encarcerado”, pelo contrário, “ele voa, adeja, por ali ele apenas *passa*”. Na pintura, ao contrário, “o compromisso da linguagem com seu suporte é intrínseco, a espacialidade é fundante: a pintura *está* ali, existe *na tela*”, o olhar poderá, por exemplo, percorrê-la e, por conseguinte, “imprimir-lhe certa animação, atribuir-lhe vetores; mas ela ali permanece, no espaço ela *jaz* e constrói sua poética. Por isso, é extremamente difícil, quase paradoxal, pintar o tempo” (PESSANHA, 1988, p.160).

No texto literário, o impressionismo implicaria questões de técnicas linguísticas, uma vez que haveria a tentativa “de fazer da linguagem o ato perceptivo, em lugar de ser uma análise do ato, de fazer dela uma atividade da experiência, em vez de uma descrição da atividade” (SCOTT, 1999, p.179), consequentemente, as técnicas empregadas, para que surtam tais efeitos no texto, são: a retirada de partículas, de conjunções ou ainda de “instrumentos sintáticos de colocação e hierarquização”. Há ainda, no plano da literatura uma constante tendência à substantivação de verbos tanto quanto de adjetivos, que corresponderia, no da pintura, à sobreposição da cor sobre o objeto.

A tentativa de registrar a passagem do tempo, utilizando-se de expedientes próprios da linguagem impressionista, pode ser notada de forma mais explícita, no título da parte, “O tempo passa”. Na verdade, essa parte tem como objetivo ligar a primeira a

terceira parte, registrando, dessa forma, o intervalo de dez anos existente entre eles. Para que haja, então, no plano da narrativa essa aceleração temporal, a escritora excluirá as personagens quase que totalmente da cena, optando por focalizar elementos da natureza, como o mar e o vento. E assim, quase todas as seções da segunda parte parecem envoltas em uma brisa, como se toda a atmosfera estivesse coberta por uma série de manchas informes, o que exigiria, então, do leitor/espectador, uma expansão sensorial para poder captar essas nuances que encobrem as situações. Na verdade, a segunda parte é “dominada por um lirismo fantástico e abstrato, que o esvazia do sentido cronológico, acentuando qualidades poéticas e simbólicas que aproximam essa parte do livro do sonho e do devaneio”. Não raro, então, no decorrer da narrativa, a narradora apóia-se em brisa, névoa, manchas, etc. Como bem podemos notar na passagem abaixo:

Apenas uma leve brisa, que se desprendia do próprio vento, esgueirando-se por gonzos enferrujados e entalhes encharcados de maresia (pois a casa estava em ruínas), contornava as quinas e penetrava em seu interior. Quase se podia imaginá-la entrando na sala de visitas, curiosa e indagadora, brincando com o papel de parede em frangalhos, e perguntando: ainda resistiriam muito? (WOOLF, 1982, p.128).

Passeio ao farol, então, pode ser lido como um comentário sobre a sua própria elaboração e elaboração de uma pintura, sobre a ficção modernista como um todo e sobre a arte moderna em geral, pois, a prática da pintura empreendida por Lily Briscoe coincide com a prática da escritura adotada por Virginia, sendo que ambas, tornam-se símbolos da arte e dos artistas modernos. Assim, a leitura do romance nos permite refletir não apenas sobre a obra literária, mas também sobre a arte em geral, reforçando, assim, as palavras de Roland Barthes, que questionava sobre os limites ou limiares entre as artes. Barthes queria anular o hiato existente entre as diferentes artes, por conta disso, o teórico francês vai afirmar que:

(...) se a literatura e a pintura deixam de ser apreciadas com uma reflexão hierárquica, sendo uma o retrovisor da outra, para considerá-las por mais tempo como objectos simultaneamente solidários e separados, numa palavra: classificados? Por que não se anula a sua diferença (puramente substancial)? Por que não se renuncia à pluralidade das 'artes' para melhor se afirmar a pluralidade dos 'textos' (BARTHES, 1992, p.48).

Com efeito, textos como *Passeio ao farol*, e tantos outros de Virginia Woolf, colocam no palco da escrita, não apenas discussões acerca de sua gênese, sobre o processo de escrita, mas também problematizam questões outras, tais como a dissolução do sujeito na escrita, a transmigração de imagens que perpassam vários textos da escritora, os visíveis diálogos entre a Literatura e a Pintura. Logo, tentar apreendê-los, por meio de uma leitura, que se quer última e totalizante, é um projeto no mínimo ambicioso, ou presunçoso. Evocamos, aqui, as palavras finais da narradora/feiticeira de *Água viva*, de Clarice Lispector – “Tudo acaba mas o que te escrevo continua, o que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (LISPECTOR, 1980, p.97). Devemos então, tentar desvendar o enigma da escritura, tanto na superfície da tela quanto na superfície da página, antes que esta, assim como a esfinge, nos devore.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte e crítica de arte*. Trad. Helena Gubertis. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

AUERBACH, Eric. “A meia marrom”. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.471-479.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Trad. Léa Novaes. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

_____. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

CLUVER, Claus. “Inter Textus/Inter Artes/ Inter Media”. In: ALETRIA: revista de estudos de literatura, v.6, 1998/1999. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG.

HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf e Dorothy Richardson, William Faulkner e outros*. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

JIMENEZ, Marc. *La querelle de l'art contemporain*. Paris: Gallimard, 2005.

_____. *O que é estética?* Trad. Fulvia M. L. Moreto. São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS, 1999.

JOST, François. “Das virtudes heurísticas da intermedialidade”. In: CYNTRÃO, Sylvia Helena (Ed.). *Cerrados - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UNB*. Ano 15, n.21 (2006). Brasília, 2006.

LEHMANN, John. *Virginia Woolf*. Trad. Isabel do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. (Coleção Vidas Literárias)

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LÔBO, Danilo. *O pincel e a pena: outra leitura de Cesário Verde*. Brasília: Theasaurus/Núcleo de Estudos Portugueses/UnB, 1999.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda*. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1991.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e Artes Plásticas: o künstlerroman na ficção contemporânea*. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1993.

ORTEGA Y GASSET, José. *A desumanização da arte*. Trad. Manoela Agostinho e Teresa Salgado Canhão. São Paulo: Passagens, 1996.

PESSANHA, José Américo Motta. “Bachelard e Monet: o olho e a mão”. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Compa-

nhia das Letras, 1988. p.149-165.

PRAZ, Mario. *Literatura e Artes Visuais*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix; Ed. Universidade de São Paulo, 1982.

SCHAPIRO, Meyer. *Impressionismo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2002.

_____. *Mondrian: a dimensão humana da pintura abstrata*. Trad. Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SCOTT, Clive. "Simbolismo, decadência e impressionismo". In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). *Modernismo - Guia Geral 1890 - 1930*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.166-184.

SOURIAU, Étienne. *A correspondência das artes: elementos de estética comparada*. Trad. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix; Ed. USP, 1983.

WOOLF, Virginia. *Passeio ao farol*. Trad. Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

A FABRICAÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE DOS BRASIGUAIOS

ROSEMERE DE ALMEIDA AGUERO¹

RESUMO

Neste estudo o drama em torno da questão agrária, vivido pelo sujeito denominado *brasiguai*, transforma-se em *objeto de análise* com o objetivo de refletirmos a propósito de questões como *discurso e fabricação discursiva* das identidades. Buscamos verificar, por meio da análise de *sequências discursivas* recortadas de jornais, realizadas pelo viés da *Análise do Discurso de linha francesa (AD)* a partir da voz teórica de Michel Pêcheux, os *efeitos de sentido* mobilizados na construção da identidade desses sujeitos. As análises mostram que a denominação *brasiguai* está associada a uma *fabricação/construção discursiva* heterogênea de identidade, regulada pela existência de um *jogo oblíquo de efeitos de sentido*. Esse jogo resulta das *condições de produção* dos discursos e das FD nas quais se inscrevem os sujeitos enunciadore, produzindo contradições no entremeio dessas FD. Pelo viés dessa contradição pode-se constatar a existência de um embate ideológico entre as diferentes classes sociais.

Palavras-chave: *Discurso; Fabricação discursiva da identidade; Brasiguai.*

ABSTRACT

In this study, the subject known as Brasiguai, who lived the drama in the agrarian question, is the object of analysis in order to reflect issues surrounding discourse and discursive production of identities. We seek to verify, through analysis of newspapers discourses, carried out by French Discourse Analysis bias (DA)

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

and from the theoretical voice of Michel Pêcheux, the effects of meanings used in the identity constructions of these subjects. The analysis shows that the term *brasiguai* is associated with a manufacturing heterogeneous discursive construction of identity, governed by playing with the oblique case in the narrative discourse. This playing is a result of the production of discourse and FD on which are inscribed the discourse narrative, producing contradictions in between these FD. Through the bias of this contradiction it can be seen that there is an ideological struggle between different social classes.

Key Words: Discourse, Identity Production, *Brasiguai*

A EMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA O TERRITÓRIO PARAGUAIO DURANTE O SÉCULO XX

Após a derrota na *Guerra da Tríplice Aliança* (1864 -1870) o Paraguai passou a ser controlado econômica e culturalmente pela Argentina. O Paraguai, país sem costa marítima, até aquele momento era totalmente dependente dos rios Paraná, Paraguai e Prata, assim como do Porto de Buenos Aires para o escoamento de seus produtos. A Argentina, aproveitando-se da dependência paraguaia, controlava a importação e exportação do país regulando, indiretamente, seu desenvolvimento econômico.

Em 1941 o presidente brasileiro Getúlio Vargas visitou Assunção, dando início a uma política de aproximação diplomática com o Paraguai. A aproximação definitiva entre os dois países, entretanto, só aconteceu durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-61) e no período da Ditadura militar (1964-85). Nessa época, o governo brasileiro oportunizou projetos de integração com o Paraguai, como a construção da *Ponte da Amizade* e da *Hidrelétrica de Itaipu*, permitindo o desenvolvimento econômico e territorial do leste paraguaio e oportunizando a ocupação dos espaços fronteiriços vazios por camponeses dos dois países.

Stroessner tinha interesse em atenuar a influência argentina em sua política interna, eliminando a dependência do país em relação ao porto argentino. O ditador buscava criar um novo *pul-*

mão econômico, através dos portos brasileiros, para escoar sua produção. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 62). Nessa mesma época Juscelino Kubitschek (1956-61) foi eleito presidente do Brasil, dando início à execução de uma série de projetos bilaterais que ficaram conhecidos como a *política pragmática de aproximação bilateral*, entre os dois países. Essa política perdurou até 1973, com a assinatura de um acordo entre o Brasil e o Paraguai, durante o governo militar de Médici, para a construção da *Usina de Itaipu*. O financiamento de obras, naquele país, pelo governo brasileiro era parte de uma estratégia para atestar à comunidade política internacional o grau de desenvolvimento do Brasil projetando, simultaneamente, uma imagem de potência econômica regional.

Stroessner foi um dos maiores incentivadores da geopolítica brasileira e, aproveitando-se da disputa política entre Brasil e Argentina, debruçou-se sobre o desenvolvimento das regiões próximas à fronteira com o Brasil.

O período de aproximação entre o Brasil e o Paraguai fortaleceu o governo ditatorial de Stroessner, ao mesmo tempo em que favoreceu a entrada de muitos brasileiros naquele país. A exemplo da *Marcha ao Oeste* desencadeada pelo presidente Getúlio Vargas, a *Marcha hacia el Este*, de Stroessner, também pretendia ocupar os espaços vazios do território paraguaio. O programa visava fixar camponeses paraguaios que viviam na área central do país nas zonas fronteiriças de intensa floresta tropical, que até então era habitada apenas por indígenas, traficantes de madeira e empresas de erva-mate (ALBUQUERQUE, 2010, p. 65).

Ao final de 1960, propagandas veiculadas em rádios e jornais do Sul do Brasil encorajavam os agricultores, especialmente os descendentes de alemães e italianos, a migrarem para o Paraguai. O fator de atração divulgado eram as terras baratas e a possibilidade de melhoria econômica acelerada. Muitos agricultores do Sul do Brasil, proprietários de pequenos lotes, venderam suas terras e compraram maiores extensões no Paraguai, atraídos pelos incentivos agrícolas e créditos em longo prazo disponíveis no *Banco Nacional de Fomento* daquele país.

Brasileiros indenizados e remanescentes das inundações do lago de *Itaipu*, além dos trabalhadores que colaboraram na construção da Hidrelétrica somaram-se às fileiras de emigrantes que atravessaram a fronteira, comprando propriedades em território paraguaio e contribuindo para a mudança econômica da região.

A EXPANSÃO BRASILEIRA NO PARAGUAI E O RETORNO DOS *BRASIGUAIOS* AO BRASIL

O movimento emigratório de brasileiros para o Paraguai teve um aumento de fluxo a partir de 1970. Embora as estatísticas sejam imprecisas, de acordo com dados apresentados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil (ALBUQUERQUE, 2010, p. 60 *apud* SPRANDEL, 2002) existem hoje no Paraguai cerca de 459.147 brasileiros, espalhados por cidades como *Assunção, Ciudad del Este, Concepción, Encarnación, Pedro Juan Caballero e Saltos del Guairá*.

No início, essa população era constituída por camponeses, boias-frias e alguns proprietários rurais dedicados aos setores de agricultura, pecuária e extração de madeira vindos de estados como o Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e do Nordeste brasileiro. Muitos vendiam pequenos pedaços de terra, no Brasil, e compravam extensões bem maiores no Paraguai dedicando-se, inicialmente, ao plantio de menta e café. Com o aumento do preço da soja no mercado esses pequenos agricultores passaram a plantar a nova cultura, negócio que, pela rentabilidade, atraiu grandes proprietários de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo para aquele país.

A partir do final da década de 1970 e início de 1980 os processos de mecanização agrícola no Paraguai se ampliaram, propiciando a expansão do agronegócio e o aumento da concentração de terras. Brasileiros que estavam se capitalizando abriam novas frentes agrícolas em direção ao interior do país, expropriando pequenos trabalhadores rurais, populações indígenas e acirrando a luta pela terra. Interessados em investir no plantio de soja em áreas antes arrendadas, deixavam de renovar antigos contra-

tos de arrendamento causando o empobrecimento e a expulsão de pequenos agricultores que não conseguiam competir no mercado produtor.

Com o fim da Ditadura Stroessner, em 1989, o Movimento Campesino paraguaio se fortaleceu, dando origem à várias ações de luta pela terra. Imigrantes brasileiros pobres, *expulsos* do país, iniciaram o movimento de retorno ao Brasil, passando a assumir a identidade de *brasiguaios*.

O Brasil, na década de 1980, vivia o fim da Ditadura Militar (1985) que oportunizou o reaparecimento de movimentos sociais, como o Movimento Rural dos Trabalhadores Sem Terra (MST), assim como a volta do tema da Reforma Agrária à agenda pública do país.

O regresso dos *brasiguaios* era apoiado, inicialmente, pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), mas no final da década de 90 o MST também passou a organizar o retorno das famílias, abrigo-as nos acampamentos localizados nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul (PRIORI E KLAUK, 2010, p. 101).

O JOGO DAS IDENTIDADES NA REGIÃO DE FRONTEIRA

Embora um grande número de *brasiguaios* tenham regressado ao Brasil após o aumento dos conflitos fundiários no Paraguai, muitas famílias resistem e ainda permanecem naquele país. Desse modo, constata-se hoje, na região da fronteira Brasil-Paraguai, a existência de um espaço de contradições e disputas não só em decorrência das questões que envolvem a luta pela terra, mas também em torno das identidades reivindicadas por brasileiros e paraguaios. Nesse campo, as relações entre os grupos de sujeitos das duas nações oscilam entre situações de hostilidades mútuas e discursos de integração.

Há um clima constante de tensão decorrente de disputas de poder entre os dois estados nacionais, exteriorizadas em discursos que deixam entrever a diversidade de *posições-sujeito*.

Muitas localidades onde os processos imigratórios e as frentes de colonização brasileira eram intensas acabaram prosperando, favorecendo a constituição de uma elite local formada pelos primeiros imigrantes e pelos seus descendentes. Essa supremacia faz que muitos imigrantes assumam a posição dominante com base na *formação imaginária*² que fazem de si em relação ao *outro* (paraguaio), garantida pelas desigualdades econômicas entre imigrantes ricos e paraguaios pobres e distinções culturais e étnicas, visto que muitos são descendentes de europeus. Em contrapartida, muitos setores da população paraguaia apontam os brasileiros como estrangeiros e invasores.

Muitos imigrantes adotam discursos progressistas, construindo uma imagem em que se apresentam como *pioneiros* e *trabalhadores* em oposição aos paraguaios, denominados de *haraganes* (preguiçosos). Segundo Albuquerque (2010, p. 170-3), as imagens negativas transferidas ao camponês paraguaio foram construídas na década de 1970, quando as frentes de expansão capitalistas, no Leste do Paraguai, começaram a se intensificar.

Nesse jogo de denominações (*haraganes* X trabalhadores) e relações de força, os paraguaios representam a parte dominada, pois chegaram às áreas colonizadas pelos brasileiros depois desses imigrantes, são pobres e mestiços. Todavia são *paraguaios legítimos*. A questão da nacionalidade, neste aspecto, representa um elemento diferenciador favorável a esses camponeses, principalmente em situações de crise dentro de seu país.

Outras disputas envolvendo a afirmação identitária dos imigrantes e seus descendentes, em território paraguaio, acontecem no campo linguístico e cultural. A realidade linguística paraguaia

²*Formações imaginárias*, segundo Pêcheux ([1969], 2010, p. 81-2), são mecanismos de funcionamento discursivo compreendidos como lugares representados e transformados pelos sujeitos nos processos discursivos, de acordo com a *imagem* que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro na estrutura social. Colocadas em jogo durante os processos discursivos, essas *imagens* representam as posições sociais de onde os sujeitos falam sendo responsáveis por uma série de *efeitos de sentidos* que irrompem em seus discursos.

é a de um país bilíngue que tem como idioma mais falado o guarani, língua de raízes indígenas que é estigmatizada por muitos falantes da elite econômica e social paraguaia e pelos imigrantes brasileiros mais idosos.

Reconhecido como língua oficial em 1992, o guarani hoje é visto pela maioria dos paraguaios como a expressão máxima da identidade nacional, acumulando o *status* de língua natural, sentimental, poética, o retrato da expressão mais pura da cultura popular. Constitui-se ideologicamente como língua de *resistência* para a população paraguaia. Quanto ao espanhol é visto como a língua racional, estatal e transmissora da cultura erudita.

A relação língua-nacionalidade, na região da fronteira Brasil-Paraguai se estabeleceu, ao longo dos anos, de maneira bastante complexa, pois há muitos paraguaios (professores, governantes, políticos) que consideram que o convívio com os imigrantes brasileiros faz com que o país perca sua identidade linguística nacional. Isso acontece principalmente em cidades em que a presença maciça de imigrantes é responsável pelo desenvolvimento local e, conseqüentemente, pelo aumento do poder político dos brasileiros.

Nas cidades da fronteira Brasil-Paraguai o português, assim como os valores culturais brasileiros predomina. Por conseguinte, são os paraguaios que acabam tendo que se adaptar à cultura brasileira, principalmente porque a diversidade das atividades abre frentes de emprego que atraem a população paraguaia.

A política é um lugar antagônico de aproximação e de geração de conflitos entre brasileiros e paraguaios. Na década de 1990, muitos brasileiros e paraguaios se uniram na luta para a emancipação de seus municípios. Todavia, quando os imigrantes mais ricos se aventuravam na disputa a cargos públicos, começavam os conflitos.

Hoje, na busca de votos, os imigrantes brasileiros precisam dominar os dois idiomas nacionais, pois os camponeses paraguaios mais idosos só falam o guarani e é necessário estabelecer com eles uma relação de confiança na tentativa de ser reco-

nhecido como um *paraguaio legítimo*. Assim, não é a cidadania o critério para o reconhecimento social, mas o domínio fluente da língua guarani (ALBUQUERQUE, 2010, p. 205-6).

Apesar do sentimento de segregação e desconfiança à cultura paraguaia permanecer bastante arraigado nas gerações de imigrantes brasileiros mais velhos, as gerações mais jovens se aproximam no espaço das escolas em que aprendem, além das duas línguas nacionais, aspectos relacionados à cultura paraguaia. Nesse sentido, a escola e a família acabam se tornando espaços de tensões, pois pais e professores lutam simbolicamente, cada qual do seu lado, para educar as gerações segundo os valores e tradições de seu país (*Idem*, p. 204-5). Desse modo, as gerações mais jovens vão constituindo suas identidades nacionais no entremédio existente entre a cultura das duas nações.

O JOGO OBLÍQUO DOS EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS EM TORNO DA DENOMINAÇÃO BRASIGUAIO DO LADO BRASILEIRO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Na análise do jogo dos *efeitos de sentido* que se instauram em torno da *denominação brasiguai*, algumas considerações são importantes tais como os mecanismos das *formações imaginárias*, formulados por Pêcheux (2010, p. 81-2) responsáveis por uma série de *efeitos de sentido* que irrompem nos discursos. Compreendidas como mecanismos de funcionamento discursivo as *formações imaginárias* não se relacionam aos lugares empíricos nos quais os sujeitos se inscrevem, mas às *imagens* que se delineiam no interior das relações sociais e que os inscrevem como sujeitos discursivos a partir de suas projeções.

Em textos escritos em 1983, Pêcheux ([1983], 2002; [1983], 2010) nos alerta, ainda, que cada novo *acontecimento*, no contexto de atualidade e no espaço de memória que convoca, é profundamente opaco e se marca por meio de um jogo de denominações que ele chama de *oblíquos* e que funcionam sob diferentes registros discursivos que marcam sua equivocidade (PÊCHEUX,

[1983], 2002, p. 19-23). Trazendo o *jogo oblíquo das denominações* de que trata Pêcheux, nesses textos, para nosso objeto de análise, verificamos que, a partir da denominação *brasiguai*, iremos nos defrontar não com um *jogo de denominações*, mas com um *jogo oblíquo de efeitos de sentido*, instaurados em torno da denominação. É este *jogo* que será nosso objeto nas análises que se seguem.

Recortamos a seguir algumas sequências discursivas de jornais brasileiros que projetam *imagens* distintas sobre os *brasiguaios*. Tomando por base a imagem $I_A(R)$ que remete ao exame de *Quem é ele (o brasiguai) para que dele eu fale assim?*, observa-se duas *posições-sujeito* nos enunciados que se seguem:

(SD4) Há cerca de cinco anos, porém, os camponeses paraguaios (que invadem e ocupam propriedades não tituladas) utilizam táticas de guerrilha com o objetivo de expulsar **os cidadãos com dupla nacionalidade** das terras do país vizinho (Recortada do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande - MS - 05/05/2010, p. 11 - Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD5) Quais as providências que estão sendo tomadas pelo Itamaraty em apoio aos **brasiguaios - produtores brasileiros** que vivem no Paraguai - serão os pontos principais da audiência [...] (Recortada do *Jornal Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande - MS - 24/02/2012, - Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(SD6) “[...] e, em nome de uma onda nacionalista, alguns políticos paraguaios chegaram ao ponto de incentivar a invasão de propriedades de **brasileiros**.” (Recortada do Pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende do PMDB/MS, publicado em *O Progresso*, de Dourados - MS - 05/11/2008, p. 2 - *Dia-a-dia* - Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(SD7) Ainda não foi desta vez que Santa Rita, principal reduto brasileiro no interior do Paraguai, conseguiu eleger um *brasiguai* como

prefeito da cidade. O brasileiro Valter Mensch, ex-vereador e candidato do Movimento Independente Todos por Santa Rita, amargou a segunda colocação. [...]. Mas, por outro lado, em outras cidades do Paraguai pelo menos dois prefeitos de origem brasileira foram eleitos. [...]. (Rádio Grande Lago – AM 580 – *on line*. Reportagem de 08/11/2010. Título: *Thomé perde “por pouco” em San Alberto, mas dois brasileiros se elegem prefeitos de cidades do Paraguai*).

(SD8) A Polícia Militar montou uma verdadeira operação de guerra na manhã de hoje para recuperar alimentos que foram saqueados na sexta-feira (18), por **brasiguaios** ligados ao MST (Movimento dos Sem Terra), acampados na região de Itaquiraí. [...]. Os **acusados do saque** alegam que tiveram que recorrer a esse tipo de crime porque não receberam as cestas básicas prometidas pelos governantes locais. (Recortada do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*.)

A observação dos enunciados anteriores nos permitem inscrever os sujeitos enunciadorez dessas sequências discursivas em *uma formação discursiva* que individuaremos como FD1 e duas *posições-sujeito* (PS1, PS2) que irrompem em decorrência de diferentes *condições de produção*: 1) uma posição-sujeito (PS1) que se posiciona *a favor das causas brasiguaias apoiando* esses imigrantes por ocasião da sua expulsão do Paraguai, enquanto eles ainda figuram como problema apenas do governo paraguaio e da diplomacia brasileira (SD4, SD5, SD6 e SD7) ou quando ainda não se tornaram uma ameaça concreta aos ruralistas locais; e 2) outra posição-sujeito (PS2) que criminaliza e hostiliza os *brasiguaios* quando estes já se encontram no Brasil, engajados na luta pela terra e participando de ações conjuntas com os Sem Terra do MST (SD8). Nessas *condições de produção*, os *brasiguaios* acabam se transformando em ameaça para os ruralistas e o governo de MS com os quais os dois jornais sul-mato-grossense mantém uma aliança histórica.

Nos recortes (4), (5) e (8) o sujeito enunciador é o articulista do jornal sul-mato-grossense *Correio do Estado*. Na SD (6) é o

articulista do jornal *O Progresso* que reproduz, em discurso direto, a fala do deputado federal Geraldo Resende, do PMDB/MS.

O Progresso nasceu identificado à bandeira política do PSD (Partido Social Democrático) e o *Correio do Estado* à UDN (União Democrática Nacional). Esse forte vínculo com a classe dominante local pode ser atestado no discurso veiculado por esses dois periódicos, principalmente após os anos 90 quando o Movimento pela Reforma Agrária ganhou as ruas do país e, também, quando os *brasiguaios* retornaram ao Brasil confrontando-se com os interesses dos ruralistas locais. Isso mostra que o discurso apreendido nas matérias veiculadas pelas duas empresas é um só, identificando-se com a *forma-sujeito* dominante que organiza a FD. A principal característica desse discurso durante os anos 90 foi a construção de sentidos que deslegitimavam a luta social pela terra, desacreditando suas principais lideranças.

À vista dessas questões, pode-se afirmar que existe semelhança no modo como esses dois periódicos se relacionam com a ideologia da classe dominante em MS, não se configurando, por conseguinte, como FD distintas. Entretanto quando passam da defesa (PS1) à criminalização dos Sem Terra (PS2), imprimem a contradição no interior da FD, inscrevendo-se em *posições-sujeito* distintas.

Na SD (7) o sujeito-enunciador é o articulista da Rádio Grande Lago, de Foz do Iguaçu, Paraná. De acordo com os estudos de Staub e Hauptmann ([S.d], p. 100) essa Rádio, semelhante às outras mídias do interior do país, é uma modalidade de imprensa que vincula sua linha editorial às fontes oficiais de informação da sociedade. Suas posições político-ideológicas (incluindo-se as questões relacionadas à terra e aos *brasiguaios*) acham-se fortemente marcadas pelos discursos circunscritos ao seu grupo de informantes. Dada à natureza dessa imprensa e à relação que mantém com a ideologia desses grupos dominantes (semelhante a que ocorre com os dois jornais sul-mato-grossenses citados) nós a inscreveremos, também, na FD1 e na PS1 que apoia os *brasiguaios* e suas demandas.

Nos recortes discursivos a seguir, enumerados de I a VIIb, passamos a analisar os *efeitos de sentido* que perpassam os discursos desses sujeitos-enunciadores:

(I) [...] contam os trabalhadores que vieram do Paraguai [...]. (Recortado do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, de 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(II) [...] incentivar a invasão de propriedades de brasileiros. (Recortado do pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende do PMDB/MS, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(III) [...] expulsar os cidadãos com dupla nacionalidade das terras do país vizinho. (Recortado do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(IV) [...] produtores rurais brasileiros radicados no Paraguai [...]. (Recortado do Jornal *Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

(V) [...] apoio aos brasiguaios – produtores brasileiros que vivem no Paraguai [...] (Recortado do Jornal *Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(VI) [...] eleger um brasiguai como prefeito da cidade. (Recortado da Rádio Grande Lago – AM 580 – *on line*. Reportagem de 08/11/2010. Título: *Thomé perde “por pouco” em San Alberto, mas dois brasileiros se elegem prefeitos de cidades do Paraguai*).

(VII_a) [...] alimentos [...] saqueados [...] por brasiguaios ligados ao MST [...]. (Recortado do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*).

(VII_b) [...] Os acusados do saque alegam que tiveram que recorrer a esse tipo de crime [...] (Recortado do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS, *on line*, de 02/07/2012 – Título: *PM ‘varre’ acampamento de brasiguaios e recupera alimentos*.)

No recorte (I) a sequência *cidadãos com dupla nacionalidade* instaura um *efeito de sentido* que pode acionar múltiplas interpretações que se marcarão pela *equivocidade* (PÊCHEUX, 2002, p. 22). Por *equivocidade* compreendemos aqui a possibilidade de deslocamentos, de outras interpretações e, conseqüentemente, de novos sentidos que o jogo de denominações possibilita. Assim, o jogo de *efeitos de sentido* produzido pelos segmentos *cidadãos* e *dupla nacionalidade* pode levar os interlocutores a interpretar que *todos* os imigrantes brasileiros naquele país possuem dupla nacionalidade e encontram-se em pleno gozo de seus direitos civis, políticos e sociais. No entanto, são

poucos os que podem participar da vida política do país. Os poucos que exercitam esse direito estão representados no recorte (VI) *um brasiguaião como prefeito da cidade* e referem-se a alguns descendentes de imigrantes brasileiros que foram pioneiros na colonização de regiões e na fundação de cidades que, hoje, destacam-se como fortes redutos de imigração brasileira. Seus descendentes, paraguaios de nascimento e legalmente documentados, hoje podem participar de pleitos eleitorais com chance de vitória pelo grande número de eleitores que conseguem congrega em seus redutos eleitorais.

Outro ponto a se destacar, ainda em relação à questão do *equivoco*, é que o segmento *cidadãos* utilizado pelo articulista pode instaurar a ideia de que esses imigrantes possuem cidadania reconhecida do lado brasileiro da fronteira também. O governo brasileiro, entretanto, não acena com a possibilidade de reconhecimento de seus direitos para não ter de assumir os problemas decorrentes de um possível retorno em massa. Dessa forma, a grande maioria, principalmente aqueles que estão sendo sumariamente expulsos, pode ser enquadrada na categoria de *não cidadãos*, pela falta de reconhecimento de seus direitos civis, políticos e sociais nos dois países. Do ponto de vista de Arendt (2004, p. 313) eles seriam *apátridas* por terem perdido sua cidadania no Estado brasileiro e não possuírem os direitos mínimos reconhecidos no país para onde emigraram. Na perspectiva de Rancière (1996, p.

23) eles seriam os *sem parcela*, uma massa humana sem propriedade, indocumentada, invisível por não terem lugar de pertença em ambos os lados da fronteira e que, por isso mesmo, não tomam parte em nada.

A ausência de visibilidade do *brasiguai* e a falta de um lugar de pertencimento nos levam a refletir sobre a reconstituição da sua identidade, desestabilizada após a expulsão política e social do Paraguai.

Orlandi (2012a, p. 74) nos lembra, interpretando o materialismo dialético, que “[...] o mundo não é um complexo de coisas acabadas, mas processos em constante movimento”. É nesse aspecto que “[...] a própria identidade é um movimento da história” (*Idem*, p. 74-5). Somamos a esse pensamento a ideia de que os sujeitos não são passivos às determinações sociais. Ante os efeitos da dominação, eles *ousam se revoltar pensando por si mesmos* (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 281).

Assim, considerando essa movimentação constante e a *fabricação das identidades* como processos históricos (e discursivos) concluímos que os desdobramentos dessa situação de não cidadania pode provocar a irrupção de identidades sociais de *resistência*, aqui compreendidas a partir da percepção de Pêcheux de que em todos os processos de lutas de classe “[...] não há dominação sem resistência [...]” (PÊCHEUX, [1978], 2009b, p. 281). Desse modo em lutas de classe, como as desencadeadas no Paraguai, entre imigrantes brasileiros e paraguaios, surgem pontos de *resistência* de ambos os lados da fronteira em que os *sujeitos* não se *assujeitam* às ideologias dominantes, lutando para modificar tais condições.

A *resistência* acontece cotidianamente na mesma conjuntura onde se estabelecem as *relações de força* em que a dominação e a segregação se fazem sentir e onde os sujeitos reagem ao “[...] apagamento do seu eu social, e de alguma forma se objetivam em suas relações” (ORLANDI, 2012b, p. 227). Essas lutas ocorrem, assim, de forma pontual visando minorar os efeitos dessa dominação sobre os sujeitos.

Com Pêcheux (PÊCHEUX, [1975], 2009a, p. 147- 151) aprendemos que a constituição do sujeito é um efeito ideológico e que a *interpelação* do indivíduo em *sujeito* se dá pela sua identificação com a *forma-sujeito* de uma determinada *formação discursiva*. Essa identificação abre possibilidades para que assuma uma *posição-sujeito* no interior de uma FD.

Do nosso ponto de vista, o impedimento da identificação dos sujeitos com uma *formação discursiva* por processos de dominação social, pode desencadear a irrupção de *identidades de resistência* construídas por indivíduos que precisam trazer à luz sua existência como *sujeitos*. Nesse aspecto, *brasiguaios* configura-se como uma identidade de *resistência* que irrompe quando o processo de dominação, desencadeado a partir do controle territorial, passa a se estender a todos os setores da vida desses *sujeitos* pelo viés de sua negação. Os dois estados nacionais não reconhecem a cidadania da grande maioria dos imigrantes brasileiros no Paraguai, em situação de pobreza, optando por sua segregação. Desse modo, não há como estabelecer uma *identificação* com esta ou aquela nação. Essa característica os faz fabricar uma terceira identidade. São *brasiguaios* e resultam da fabricação discursiva de uma *identidade de resistência* que é forjada em *condições de produção* específicas, pela necessidade de resistir à negação dos dois Estados envolvidos.

Considerando a imagem projetada em Ia(A), agora tratando (A) como enunciadores dos discursos recortados de (I) a (VIIb), e (B) como interlocutores (leitores dos jornais), pode-se falar em *relações de força* quando observamos que todos os enunciados, de (I) a (VIIb), partem de lugares socialmente legitimados, pois procedem de sujeitos (articulista da imprensa e político) que enunciam a partir de uma posição social que legitima o seu dizer. O que caracteriza esses discursos é a ausência de uma interação face a face com os interlocutores, uma vez que estes não estão presentes fisicamente nesse *processo discursivo*.

Indursky (1997, p. 136-40) denomina o *processo discursivo* que se marca pela ausência de interação *in loco* de *interlocução*

discursiva, cuja característica é não ser produzida no mesmo espaço físico e tampouco ser determinada pela presença do interlocutor. A *interlocução discursiva*, segundo a autora, “consiste [...] na interlocução entre sujeitos de discursos dispersos em espaços discursivos diferentes, afetados possivelmente por FD igualmente diversas” (*Idem*, p. 139).

Nessa interlocução (A) constrói seu discurso assumindo o lugar de legítimo representantes da voz popular (B), uma vez que os interlocutores desse *processo discursivo* não têm oportunidade de expressar suas dúvidas e saberes, de forma imediata, sobre a temática abordada. Caso venham a responder será em outro espaço e tempo. O silêncio de (B) caracteriza, portanto, o funcionamento desse discurso.

Os discursos de (A) ganham força e sentido a partir do lugar ou da *posição* que os enunciadores ocupam no espaço público o qual legitima suas enunciações. Seus dizeres produzem efeitos de verdade. Por efeitos de verdade compreendemos, neste estudo, os *sentidos* que são construídos nos discursos identificados às *formações ideológicas* das classes dominantes e que a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros, em determinadas condições históricas. A credibilidade conferida a esses discursos também será responsável pelos *equivocos* que o jogo de denominações vier a instaurar.

Se os recortes de (I) a (VI) projetam *imagens* positivas sobre os *brasiguaios*, o mesmo não ocorre com as formulações (VIIa) e (VIIb) onde os sentidos deslizam radicalmente para valores negativos atribuídos por (A) ao grupo (B). Nas *condições de produção* mencionadas encontramos o grupo de *brasiguaios* já em território brasileiro, vivendo em acampamentos do MST e investindo sobre caminhões de alimentos. Nos recortes (VIIa) e (VIIb) os itens lexicais *saqueados*, *operação de guerra*, *acusados* e *crime* são responsáveis pela ativação de imagens que produzem o *efeito de sentido* de criminalização do *brasiguai*, inscrevendo esse discurso na PS2 da FD1.

Quanto aos jornais *O Progresso* e *Correio do Estado*, respon-

sáveis pelas formulações recortadas em (VIIa) e (VIIb), assumem uma *posição-sujeito* que enuncia na perspectiva do que *pode e deve ser dito* de acordo com as circunstâncias e regulado pela FD na qual se inscreve. Nesse aspecto, observa-se que de (I) a (VIIb) as denominações se deslocam de maneira contraditória, migrando da ativação de imagens que destacam a nacionalidade e o sofrimento experienciados pelo grupo no Paraguai (articuladas em outras *condições de produção*, quando o jornal pretendia sensibilizar a opinião pública) para a posição de exprobação, criada em (VIIa) e (VIIb), a partir da associação do grupo à imagem de saqueadores e marginais.

Uma vez que língua e ideologia se articulam na produção dos sujeitos e dos sentidos esse discurso funciona na organização de todo o imaginário social sobre os *brasiguaios*, resultando na construção dos sentidos e no modo de pensar de grande parte da sociedade sul-mato-grossense.

PALAVRAS FINAIS

O exame das FD e *posições-sujeito* nos permite constatar que a *denominação brasiguai* sofre deslizamentos de sentido, sendo apropriada por duas diferentes *posições sujeito* (PS1 e PS2) identificadas à FD1. Deste modo, sob a aparência de uma mesma *denominação* oculta-se um jogo de sentidos que só se revela quando a nomeação é analisada na perspectiva das condições de produção em que emerge e na FD na qual se inscreve.

O vaivém de sentidos em torno da denominação *brasiguai* vai sendo negociado no interior da FD1, na dispersão e circulação dos discursos, produzindo contradições no entremeio dessa FD. Pelo viés dessa contradição, capturada nos *efeitos de sentido* produzidos em torno da *denominação*, pode-se observar o embate ideológico que atravessa as diferentes classes sociais no lado brasileiro da fronteira Brasil-Paraguai.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

ARENDT, Hanna. *Origem do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. _____. *Quando a falha fala - materialidade, sujeito, sentido* (2011). In.: *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012a, p. 69-82.

_____. *Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito*. In.: *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012b, p. 213-239.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 59-158.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009a.

_____. *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* (1978). In.: *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al., 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009b.

PRIORI, Angelo; KLAUCK, Roberto Carlos. *O retorno dos brasiguaios*. Revista Espaço Acadêmico, nº 109, junho de 2010, Ano X, p. 95-102, ISSN 1519-6186.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento* – política e filosofia. Trad. de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

STAUB, Daiane e HAUPTMANN, Claudenir. *Os critérios de seleção de notícias no 'Rádio Jornal Rotativa no ar, de Santa Helena'*. Revista Advérbio, vol. VIII, n.16, [s.d]. ISSN 1808-883X.

DIÁLOGO GUARANI ENTRE OS CONTOS “SISE”, DE JOSEFINA PLÁ, E “KIIYE”, DE GIOVANNA RIVERO

Prof^a. Dr^a. Suely Aparecida de Souza Mendonça¹

“El pueblo [guarani] estudia y piensa en castellano, pero ama, odia y pelea em guarani “

Justo Pastor Benítez

RESUMO

Esse artigo chama a atenção para a importância do estudo de determinados parentescos culturais, linguísticos e literários entre dois países vizinhos, Paraguai e Bolívia, cujo patrimônio artístico traz, em suas trajetórias, fatos e artefatos significativos que concorrem para redesenhar o mapa dos estudos culturais locais, principalmente com os processos históricos e imigratórios que ocorreram no final do século passado. Entre essas afinidades, destacamos o estudo das Literaturas locais com a presença do protagonismo indígena, configurado pela representação da mulher guarani associada à mitologia nativa. Levando em consideração essas abordagens, apresentamos uma leitura comparativa entre os contos “Sise”, da hispano-paraguaia Josefina Plá, e “Kiiye” da boliviana Giovanna Rivero, escritoras pouco conhecidas no panorama literário mundial. Após essa breve comparação, entendemos que essas narrativas se caracterizam por uma literatura que prima pelo encontro entre gêneros, culturas e vozes femi-

¹ Doutora em Literatura e Vida Social pelo Programa de Pós-Graduação do Curso em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista, Campus de Assis, SP; Bolsista do CNPq; Mestre em Estudos Literários e Especialista em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas e Dourados, respectivamente; Orientadora no Curso de Pedagogia e Professora de Prática de Redação e Expressão do Curso de Administração na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Maracaju, e-mail: surielmitzi@hotmail.com.

ninas consideradas, muitas vezes, subalternas e ignóbeis por razões alheias a qualquer forma de expressão.

Palavras-chave: Literatura, mitologia guarani, mulher guarani, Paraguai, Bolívia.

ABSTRACT

This article draws attention to the importance of the study of certain cultural, linguistic and literary kinship between two neighboring countries, Paraguay and Bolivia, whose artistic heritage brings in their trajectories, facts and significant artifacts that contribute to redraw the map of the local cultural studies mainly with historical and immigration processes that occurred at the end of the last century. Among these affinities, we highlight the study of local literatures with the presence of indigenous leadership, set up by the representation of the Guarani woman associated with native mythology. Given these approaches, we present a comparative reading of the tales “Sise”, the Spanish-Paraguayan Josefina Plá, and “Kiiye” the Bolivian Giovanna Rivero, writers little known on the world literary scene. After this brief comparison, we understand that these narratives are characterized by a literature that strives for meeting between genres, cultures and female voices considered often menial and ignoble for reasons unrelated to any form of expression.

Keywords: Literature, Guarani mythology, Guarani woman, Paraguay, Bolivia.

INTRODUÇÃO

O Paraguai e a Bolívia são países limítrofes e mediterrâneos que possuem várias similaridades entre si, determinadas não apenas por fatores históricos e geográficos, mas também por questões étnicas, sociais e culturais. Relevantes, porém, são os fatores relacionados à Língua e à Literatura locais, uma vez que, diante das diversas perspectivas dos estudos literários contemporâneos, sustentados por abordagens pós-coloniais, pode-se dizer que, nesses países, assim como em outras nações latino-

americanas,

[...] o vínculo e mesmo a dependência entre arte e história é algo mais forte que em outros lugares e em outros tempos [e] quando tudo se relaciona – o idioma, os problemas – e alcança esse ar familiar [...] fica evidente a presença da arte no continente (RAMA, 2008, p. 66-67).

Nesse sentido, chamamos a atenção para alguns parentescos literários entre esses dois países vizinhos que trazem em sua trajetória fatos e artefatos expressivos que concorrem para redesenhar o mapa dos estudos literários locais, principalmente com os processos migratórios artístico-culturais que ocorreram no final do século passado.

Na acepção de Walter Mignolo, esses procedimentos demonstram, entre outros aspectos, que “[...] a noção de culturas nacionais homogêneas e a transmissão consensual de tradições históricas e literárias, bem como a transmissão de comunidades étnicas inalteradas, estão passando por um processo de profunda revisão e redefinição” (MIGNOLO, 2003, p.321).

Em princípio, talvez pareça irrelevante asseverar que ambos os países, Paraguai e Bolívia, foram colonizados pelos espanhóis no século XVI e que os nativos locais passaram pelo processo de transculturação. Todavia, esses fatos importam no sentido de admitir que essas duas nações apresentam-se intimamente ligadas pela tradição do povo Guarani, principalmente no uso da língua nativa como segundo idioma oficial no contexto paraguaio.

Na Bolívia, o guarani é usado como linguajar paralelo, embora seja um país que apresenta a maior população Guarani, pois, segundo estimativa feita pela *Asamblea del Pueblo Guarani (APG)*, entidade que representa diretamente as mais de trezentas comunidades Guarani na Bolívia², vivem, aproximadamente, 80 mil pessoas na região Sudoeste, no departamento de Santa Cruz e parte do Chaco.

² Disponível em: < <http://www.campanhaguarani.org.br/historia/gcontinente.htm> >
Acesso em: 20 dez. 2012.

Por outro lado, embora o guarani seja uma das línguas oficiais do Paraguai, usada por aproximadamente três milhões de pessoas, a população Guarani local é de apenas cinquenta mil pessoas, conforme assinala o *Censo Nacional Población y Vivienda del Paraguay*, realizado no ano de 2002³. Todavia, historicamente, os Guarani do Paraguai e da Bolívia fazem parte de uma mesma nação que se dividiu por conta da Guerra do Chaco, em 1932, mas permanecem unidos em vários aspectos, especialmente linguístico e cultural, representados em algumas obras literárias paraguaias e bolivianas, deixando evidente a força cultural desse povo nativo na América do Sul.

Assim sendo, as literaturas paraguaia e boliviana serão abordadas nesse texto pela ótica do cruzamento entre duas sociedades, duas culturas, a do branco e a do indígena, ou seja, uma *literatura heterogênea* que “[...] se caracteriza pela duplicidade ou pluralidade dos signos culturais do seu processo produtivo [...]” (CORNEJO POLAR, 2000, p. 162), ressaltando a presença feminina guarani, configurada pela exploração do corpo e pela linguagem literária e heterogênea representada na conexão entre o castelhano e o guarani. Levando em consideração essas abordagens, apresentamos nesse capítulo, uma leitura comparativa entre os contos “Sise”, da hispano-paraguaia Josefina Plá, e “Kiiye” da boliviana Giovanna Rivero, duas escritoras pouco conhecidas no Brasil, todavia, adentrando pelos salões da crítica literária de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

1. JOSEFINA PLÁ E GIOVANNA RIVERO: DUAS FACES DE UMA MESMA MOEDA

Josefina Plá nasceu nas Ilhas Canárias, na Espanha, em 1903 e faleceu em Assunção em 1999. Foi jornalista na imprensa escrita e radiofônica de Assunção e organizou várias exposições de arte em Assunção e Buenos Aires. No Brasil, participou da IV

³ Idem.

Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1957, recebendo prêmio na categoria escultura. Participaram deste evento o artista plástico Aldemir Martins e o arquiteto Oscar Niemeyer.

Em 1965, na Itália, Plá participa de um importante congresso realizado na cidade de Gênova com a finalidade de promover o intercâmbio entre a Europa e o Terceiro Mundo. Também estavam presentes os escritores Miguel Angel Asturias, José María Arguedas, Angel Rama, Ernesto Sábato, e os brasileiros Antonio Cândido, Murilo Mendes e João Guimarães Rosa.

O universo literário de Josefina Plá é formado por poemas, peças teatrais e contos. Além de expressivos poemas, Plá destacou-se na crítica, no teatro e na prosa paraguaia. Escreveu vários livros de contos: *La mano en la tierra* (1963), *Es espejo y el canasto* (1981), *La pierna de Severina* (1983) e *La muralla robada* (1989), além de contos publicados na revista *Juventud*, em 1926, na revista *Alcor*, em 1960, e contos infantis.

Desconhecida no contexto literário brasileiro, Giovanna Rivero Santa Cruz, ou simplesmente, Giovanna Rivero, nasceu na Bolívia, em 1972. Além de escritora, Rivero é comunicadora social e periodista graduada da Universidade Privada de Santa Cruz de la Sierra. Atualmente mora nos Estados Unidos, onde cursa doutorado em literatura hispano-americana. Em 1994, recebeu a medalha de ouro com a insígnia do Escudo da Província Obispo Santistevan por sua contribuição às letras bolivianas. Ministrou aulas em Semiologia Aplicada e Periodismo na Universidade Privada de Santa Cruz de la Sierra.

Rivero publicou os romances *Las camaleonas* (2001) e *Tukzon, historias colaterales* (2008) e os livros de contos *Nombrando el eco* (1994), *Las Bestias* (1997), *La dueña de nuestros sueños* (2002), *Sentir lo oscuro, Libro de fotografías de Kathy Leonard y cuentos de Rivero* (2002), *Contraluna* (2005) e *Sangre dulce*, (2006), edição bilingue inglês-espanhol, com patrocínio da Universidade de Iowa State, nos Estados Unidos. Recebeu o prêmio de conto organizado por 'Presencia Literaria' com sua peça 'María amor' (1993) e o primeiro prêmio do Concurso

'Franz Tamayo' (2005). Seu último livro é *Niñas y Detectives*(2009), publicado na Espanha e alguns de seus contos foram publicados no periódico *Antología del cuento femenino boliviano*.

2. “SISE” E “ KIIYE” : ASPECTOS DIALÓGICOS DA ESTRUTURA NARRATIVA

“Sise”⁴, um dos contos mais significativos de Josefina Plá, foi escrito no ano de 1953 e publicado inicialmente em Buenos Aires, em 1969, no livro *Crónicas del Paraguay*, uma antologia de narradores paraguaios selecionada pela própria autora e com prólogo de Francisco Pérez Maricevich. Posteriormente, foi publicado com outros contos de Plá em *La pierna de Severina*, em 1982 (primeira edição), em 1983 (segunda edição) e na coletânea *Cuentos Completos*, em 1996 e 2000.

O narrador de “Sise” descreve, em terceira pessoa, o assassinato de uma índia cometido pelo filho do fazendeiro que encontra uma criança junto à vítima, envolta em uma rede escura, num milharal de uma fazenda no interior do Paraguai. O homem entrega a criança para sua mãe e esta passa a menina aos cuidados da cozinheira. Batizada e crismada na igreja católica com o nome de Sise, escolhido pelo padrinho, o peão Luzarte, a indiazinha vive como um animal nos cantos da cozinha, comendo restos de comida, ajudando a cozinheira e servindo mate para a patroa. A velha cozinheira morre e a nova cozinheira maltrata Sise, provocando na menina o desejo de fugir, mas os peões e os cães farejadores da fazenda sempre a encontram. Sise leva uma surra dos peões até que desiste de fugir. A cozinheira, vendo que a menina está crescendo, dá-lhe um vestido velho e sujo que Sise ata na cintura

⁴ Todas as análises do conto de Josefina Plá aqui apresentadas encontram-se na Tese de Doutorado em Literatura e Vida Social, defendida por Suely Aparecida de Souza Mendonça, na UNESP, campus de Assis, no ano de 2011, com o título “Representações da mulher paraguaia das classes pobres em contos de Josefina Plá”, sob a orientação do Professor Dr. Antonio Roberto Esteves.

com uma corda velha encontrada no lixo do quintal. Para tristeza de Sise morre o velho Luzarte.

A patroa adocece e o patrão abusa sexualmente de Sise, transformando-a em sua amante. O fato não passa despercebido dos peões, mas chegam à fazenda dois jovens filhos do patrão que decidem seguir o mesmo caminho do pai, possuindo a menina sempre que têm oportunidade. Apenas o neto de dez anos respeita a indígena. O fazendeiro descobre e castiga, de forma brutal, os dois filhos, mas deixa a menina sob o poder dos herdeiros que logo voltam para a capital.

Sise fica grávida, mas a cozinheira percebe e lhe entrega outro vestido para cobrir a barriga. A patroa descobre a gravidez, mas Sise permanece na propriedade, vendo a barriga crescer. Um dia, ela desaparece, mas os peões não se preocupam com isso. No dia de Natal, os peões resolvem procurá-la e os cães vão para o milharal e lá encontram Sise nua e seu filho. Ambos estão mortos, enquanto na fazenda seguem os festejos para o Menino Jesus.

Em relação ao conto de Giovanna Rivero, sabe-se que ele foi publicado na Revista Nuestra América, n.3, em 2007, na seção de Seleção dos melhores contos bolivianos atuais. Posteriormente, o conto foi inserido na Internet, de onde foi extraído para essa análise comparativa com o conto de Josefina Plá por encontrar entre ambas narrativas várias verossimilhanças, principalmente estéticas e culturais.

O enredo de “Kiiye” não é tão extenso quanto o de “Sise”, mas apresenta fortes elementos estéticos e nos traz as memórias de um narrador onisciente que mantém uma relação amistosa com a protagonista, Ena. Quando tinha seis anos de idade, ele conhece um jovem indígena que trabalha na fazenda dos avós. Ena, a nativa guarani, deveria trabalhar em silêncio, aprender a não chorar e apenas se comunicar com as mãos, por meio de sinais que apenas se entendiam na escuridão. Assim, ele a denomina de mariposa do bosque ou vaga-lume. Na companhia do menino, ela se comportava diferente: para ele, Ena conta segredos e len-

das indígenas como a de Kandire⁵, o deus da terra na mitologia chiriguana, ensina várias palavras em guarani, além de chamá-lo de pequena perdiz, *yeruti*, pois, segundo o narrador, ele se sentia um passarinho ao lado da protagonista, a ponto de estender as asas, mas nunca voando.

Um dos mistérios de Ena, na visão do narrador, era que a moça tinha o costume de ir ao bosque todas as noites de lua cheia e só voltar pela manhã do dia seguinte. Mas as mulheres brancas da fazenda, quando percebem que a jovem índia chega da mata pela madrugada, chamam-na de bruxa guarani, acreditando que ela realizava bruxarias durante a noite, transformando-se em mula.

Ninguém pergunta a Ena porque ela age dessa forma, mas a índia morena, de cabelos negros e trançados, segue ensinando ao narrador sobre vários assuntos: morte, sonhos, o poder silencioso das ervas e da música, e “[...] as figuras proféticas que o fogo forma nos cegos contornos humanos” (RIVERO, 2007, p.242, tradução nossa)⁶.

Certo dia, o menino resolve seguir a jovem em sua fuga para o bosque e descobre que a índia se transforma assim que chega à mata, pois se despe, dança e canta com uma voz rouca: *Kiiye, Kiiye*. Nesse momento, vários homens brancos e suas sombras surgem da escuridão e começam a tocar a dançarina nativa: entre eles seu avô. Cada grupo de homem revelava um animal selvagem: jaguar, lobo ou raposa. Depois desse estranho ritual, ela

⁵ Kandire é assimilado à terra sem mal dos Guarani ou chiriguano da Bolívia. Uma revisão das fontes coloniais mostra que primeiro se falou de um povo chamado “los candires”, os quais podem identificar-se com os incas [...] A assimilação de Kandire a uma terra sem mal ou, ao menos, sua inserção em um complexo de crenças religiosas, só poderia ser comprovada entre os chiriguano itatin, antepassados dos guarayo, e não entre os grupos que deram nascimento aos atuais chiriguano. Entre estes últimos, o mito de Kandire constitui mais um invento da tradição do que a crença fundadora e original que muitos apresentam e utilizam na atualidade (Cf. <<http://jsa.revues.org/index3139.html>>).

⁶ “[...] lãs figuras proféticas que el fuego forma en los ciegos contornos de los hombres”.

some na mata como um felino ferido. Assim, o narrador descobre que o maior mal ao coração do homem branco é *Kiiye*, que significa “medo”.

O ponto culminante da narrativa de Plá situa-se ciclicamente no milharal, no mesmo local onde o filho do fazendeiro encontra viva a indiazinha Sise junto ao corpo do indígena morto. É nesse lugar que explode o drama, o ponto alto do conto, uma vez que aí os peões da fazenda também encontram Sise morta junto ao filho mestiço recém-nascido. Isso confere ao conto um caráter cíclico, por um lado, e por outro, uma denúncia das constantes condições de vida a que estão submetidos os indígenas do país.

No que concerne ao conto de Rivero, o clímax dessa narrativa linear ocorre no momento em que o narrador-personagem descobre o segredo maior da jovem Guarani: o ritual animista realizado no bosque, onde Ena transforma-se em vaga-lume, chamando os machos para dançar ao redor da luz. Tais “rituais denominados “chamanismo guarani” por Bareiro Saguier são “[...] o resultado de uma prática, de uma aprendizagem, acessível a qualquer que se sinta com predisposições e dê provas delas” (2007, p. 93, tradução nossa)⁷. Nesse mesmo sentido, Zanardini comenta que os Guarani “[...] conservam suas tradições em espaço reservado, privado. Para cantar, internam-se no bosque” (2010, p. 88, tradução nossa)⁸.

Dessa forma, notamos a presença da mitologia guarani na narrativa de Rivero, fortalecendo suas tradições indígenas, chamando a atenção para o matriarcado e para alguns temas religiosos considerados essenciais pelo povo guarani que são a criação e a busca da terra sem mal. Geralmente, essas práticas rituais determinam o comportamento social dos Guarani e são considera-

⁷ “[...] el resultado de una práctica, de un aprendizaje, accesible a cualquiera que se sienta com predisposiciones y dé pruebas de ellas”.

⁸ “[...] consiervan sus tradiciones en ámbito reservado, privado. Para cantar se internan en el bosque”.

das importantes para se entender os processos de representação literária da resistência ao contato do índio com o branco e para a sobrevivência dessas crenças que, muitas vezes, são configuradas como superstição em nossos dias, mas que na narrativa de Rivero se transmuta em núcleo do conto.

Em relação à protagonista de Plá, Sise manifesta seus sentimentos através de gemidos, choros e gestos nervosos, pois, pela abordagem teórica neo-realista, “[...] uma personagem pertencente a um destes grupos humanos não possui, como é óbvio, a capacidade de reflexão e de auto-observação” (AGUIAR E SILVA, 1968, p. 307). Refletindo dessa forma, podemos dizer que os sons emitidos por Sise apontam, além do silêncio imposto pelo processo de exploração da indígena, a verossimilhança com que são tratados os animais, revelando a tentativa de alguns personagens de domesticar Sise. Rivero nos traz uma protagonista que, ao contrário de Sise, não pode chorar e muito menos falar, gesticulando apenas. Mas na escuridão da noite, no bosque, ela extravasa todo seu interior, e, com as mãos, transforma os homens brancos em animais.

Tanto em “Sise” quanto em “Kiiye”, as protagonistas representam uma das culturas formadoras da identidade sociocultural local e a voz de todas as mulheres indígenas marginalizadas. Os textos revelam-se como narrativas de caráter confessional e também como literatura indigenista porque, primeiramente, subentendem uma confissão por parte dos narradores, e porque ainda “respondem a determinações de uma sociedade caracterizada pelo subdesenvolvimento e pela dependência de sua estrutura capitalista, enquanto o referente- mundo indígena - aparece condicionado por uma estrutura rural ainda tingida de resíduos feudais [...]” (CORNEJO POLAR, 2000, p. 181).

3. SISE E ENA: ASPECTOS DIALÓGICOS DA REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO GUARANI

Os povos indígenas que habitavam o país antes do descobri-

mento da América são considerados portadores de culturas com peculiaridades diversas e manifestavam sua religiosidade através do culto a elementos da natureza, como animais, plantas, astros e estrelas, ou evocando os espíritos. Sendo assim, na etnoliteratura guarani, encontramos lendas e mitos indígenas que conferem papel importante à mulher, dotando-a de poderes que deixam os homens em situação de igualdade ou de inferioridade.

Nas crenças dos Toba-Qom, por exemplo, quando o mundo foi criado, as mulheres não existiam e os homens eram imortais. Todavia, eles depositavam seu sêmen em cabaças e os meninos que nasciam morriam porque se alimentavam apenas de terra e não havia leite materno. Por isso, através de uma corda, as estrelas desceram do céu em forma de mulheres dotadas de grande poder e dentes na boca e na vulva. Temendo essas mulheres, os homens cortaram a corda e romperam os dentes do sexo feminino, impedindo-as de voltar ao céu, tornando-se uma espécie de suas servidoras. Assim, as mulheres, ao mesmo tempo em que são o centro da família, são também consideradas devoradoras de homens, sejam maridos ou filhos.

Nas sociedades indígenas matriarcais, a imagem da mulher está intimamente ligada à natureza, especialmente com a Lua e a Terra que, por muito tempo, representaram as mudanças na vida e os aspectos da natureza feminina. Para os Pai Tavyterá, a terra é como uma genitora que alimenta seus filhos e, portanto, merece respeito assim como se respeita à mãe. Eles não vendem ou compram a terra porque seria como comprar e vender a própria mãe (ZANARDINI, 2010, p.119). Isso significa que a mulher indígena desempenhava um papel importante na sociedade primitiva, na vida religiosa e familiar, sendo valorizada, principalmente, por possuir o dom de dar à vida, ser portadora e reflexo da memória coletiva. Nesse sentido, apontamos que uma das maiores similaridades entre os dois contos encontra-se nas protagonistas: Sise e Ena, duas descendentes diretas da tribo guarani que saem de seu mundo natural para, forçosamente, viverem no mundo rural do homem branco, mau e explorador, mas que ora também se

configura pela presença do homem branco portador de bom caráter.

As histórias de Sise e Ena retratam uma situação na qual o corpo feminino é violentado principalmente pela disparidade racial e social entre a protagonista e os outros personagens. Em ambas narrativas, a representação do corpo feminino envolve dois aspectos: a exploração do corpo da mulher por outra mulher para o trabalho doméstico e pelo homem para o seu deleite. Tanto Sise quanto Ena inicialmente passam pelo processo de transculturação parcial por parte dos brancos: a primeira morre e a segunda renasce guarani em seus rituais eróticos.

Sob essa perspectiva, nos deparamos com dois arranjos literários nos quais a violência contra a mulher atinge diversos aspectos físicos e psicológicos, decorrentes do preconceito racial e do uso e abuso de poder contra a parcela feminina indígena, configurando o que poderíamos denominar de *violência gênero-racial*. Para empregar esta expressão, abordamos a questão da violência contra a mulher indígena por meio da leitura dos comportamentos dos sujeitos envolvidos no contexto sociocultural representado nas narrativas.

No caso de “Sise”, além de mulher e índia, a violência é mais chocante porque se trata de uma menina que nem chega à adolescência e é cruelmente violentada. Por outro lado, percebemos nas entrelinhas formadas pelas vozes da mulher paraguaia, pela situação da nativa guarani e pela fala da patroa uma paráfrase histórico-social do discurso do branco colonizador que, durante muito tempo vem explorando o povo guarani em terras paraguaias. No conto de Rivero, Ena, a protagonista de quinze anos, também se relaciona sexualmente com os brancos da fazenda onde trabalha, mas de forma estranha, em um ritual noturno, no meio da mata, para onde ela, nua, corria “[...] como um felino descoberto e ferido” (RIVERO, 2007, p. 43, tradução nossa)⁹

⁹ “[...] como un felino descubierto e herido”

Um aspecto importante brevemente comentado anteriormente é a questão do silêncio em das protagonistas que nada dizem ou pouco falam, absorvidas na categoria da subalternidade proposta por Spivak. O silêncio das personagens representa a mulher sem história e/ou a história da mulher subalterna, analisada pela pesquisadora indiana para quem essa reflexão “[...] não deve ser reduzida a mera questão idealista, uma vez que ignorar o debate acerca da mulher subalterna seria um gesto apolítico que, ao longo da história, tem perpetrado o radicalismo masculino (FIGUEIREDO, 2010, p. 87).

Sise e Ena configuram-se também como signos voltados para a simbologia da nudez e da veste feminina. Em relação à nudez das protagonistas, apreendemos o sentido de pureza física e moral, pois segundo Chevalier e Gheerbrandt, “a nudez do corpo é, na óptica tradicional, uma espécie de retorno ao estado primordial [...]” (1999, p. 645). Esta definição mantém uma forte relação com a questão cultural indígena, pois tradicionalmente a maioria dos índios anda nu e é desta forma que eles se sentem vestidos, mostrando o corpo.

Dessa forma, a erotização se faz presente em ambas as narrativas, mas “a nudez só se torna erótica se [...] for, metonimicamente, a consequência do desvestir-se, pois são as vestes que o fazem significar, facilitando o corpo feminino” (BRANDÃO, 2006, p. 172). Dito de outra forma, o continente feminino é que chama a atenção para o seu conteúdo e a roupa mascara o corpo e desperta a curiosidade daqueles que a vêem. Assim, o corpo vestido torna-se um corpo erótico. Em “Sise”, os curiosos são os peões da fazenda que percebem sua nudez e comentam entre si. Quando ela recebe seu primeiro vestido, eles a observavam com mais ênfase e percebem que a menina havia se tornado amante do patrão e dos filhos dele. Quando ela fica grávida e recebe um vestido mais largo, a reação dos peões é de deboche, mas quando eles a encontram morta e nua no milharal, seus desejos sexuais desaparecem, dando lugar ao espanto e à piedade. Todavia, a nudez de Ena é apresentada apenas pelo olhar

curioso e ingênuo do neto da dona da fazenda, especialmente quando ela adentra-se no bosque para praticar o seu ritual erótico, traçado por elementos místicos do animismo, ou seja, da “[...] crença na existência de espíritos ou seres imateriais, ou na atividade de seres ou coisas da natureza que podem intervir na vida das pessoas” (GONZALES TORRES, 2012, p. 83, tradução nossa).¹⁰

Buscamos em Brandão uma identidade simbólica da roupa no texto literário. Para a ensaísta, “as roupas têm dupla função: se, por um lado parecem ser o duplo do corpo [...] por outro, são um desenho corporal, que anula o corpo material, escondendo-o e encobrindo-o, para remodelá-lo de outra maneira, compondo um outro corpo” (BRANDÃO, 2006, p. 170). No entanto, se o corpo feminino pode ser abordado como “mapa de uma terra abundante e mítica, nos textos barrocos e românticos, com os atributos de mãe provedora e fértil” (BRANDÃO, 2006, p. 165). Em “Sise” e “Kiiye”, os corpos das protagonistas podem ser visualizados sob a égide da violência entre os gêneros e etnias ou da liberdade, pois as protagonistas representam, ao mesmo tempo, a mulher pobre do Paraguai e da Bolívia e a cultura guarani. A mulher indígena tem tanta importância nesse processo quanto a branca, pois

[...] centenas, quem sabe milhares, de mulheres – todas jovens- que passaram, por arras de aliança, ao rancho do espanhol, “para lhe servir”, palavra que na conotação indígena significava simplesmente ser para o homem branco o mesmo que era ele de sua casta: servidora total da missão do lar tal qual o indígena a entendia (PLÁ, 1985, p. 59, tradução nossa).¹¹

Como sujeito do discurso, as protagonistas indígenas são des-

¹⁰ “[...] ecreencia en la existencia de espíritus o seres inmateriales, o en la actividad de seres o cosas de la naturaleza, que puedem intervenir en la vida de las personas”.

¹¹ “[...] centenares, quizá millares, de mujeres – todas jóvenes – que pasaron, por arras de alianza, al rancho del español, “para servile”, palabra que en la connotación indígena significaba simplemente ser para el hombre blanco lo mismo que era el de su casta: servidora total de la misión hogareña tal cual el indígena la entendía”.

critas por meio de duas linguagens distintas: realista e romântica. Em dado momento, a descrição física de Sise e de Ena é similar à forma adotada pelos indianistas, pois as protagonistas também são comparadas com alguns elementos da natureza. A pele morena de Sise é assimilada com a cor de *mel de abelha* e brilhante como os móveis de *jacarandá* da sala. Suas pupilas enormes são descritas como duas *luas* grandes e seus lábios da cor de amora são desenhados como o erótico formato da *flor de bananeira*. Ena é descrita pelo menino como uma jovem de cabelo negríssimo amarrado em forma de trança e com um corpo esplêndido, moreno e maciço.

Por todos os elementos discursivos, simbólicos e temáticos que envolvem o processo de representação do universo feminino nos contos de Plá e Rivero, a heterogeneidade social e o hibridismo estético explícitos nos levam a aferir o processo múltiplo de ruptura subjacente na narrativa, pois até a década de 50 a maioria das narrativas latino-americanas privilegiavam apenas a mulher branca, heroína das guerras locais ou as idealizadas erótica ou romanticamente. Todavia, em “Sise” e “Kiiye”, as autoras tematizam a mulher/nativa como vítima de um conflito sócio-cultural gerado pelo homem branco, de modo semelhante ao que acontece em *Wata-Wara*, romance indigenista de Arguedas, na qual a heroína “é violentada pelo mordomo, e depois de ficar grávida é objeto de desejo de violação coletiva que lhe ocasiona a morte” (FRANCO, 2002, p.213, tradução nossa).¹²

A inserção do universo rural nas narrativas de Plá e de Rivero segue uma tendência comum à narrativa hispano-americana, já que elas priorizam nos contos o regionalismo local às narrativas urbanas. Apreendemos, no entanto, que a violência contra a mulher representada na literatura de autoria feminina paraguaia não difere de outras literaturas da mesma categoria, pois todas apontam a total submissão feminina indígena ao homem branco e ao meio onde vive.

¹² “[...] es violada pelo mayordomo, y después de quedar encinta es objeto de um intento de violación coletiva que le ocasiona la muerte [...]”.

Assim ocorre no conto boliviano, pois a protagonista revela-se como submissa ao homem branco, mesmo no ritual do bosque quando a nativa invocava, por meio das mãos e do fogo, os espíritos dos animais selvagens, demonstrando ser ela a dominadora e não a dominada. Nesse sentido, o romancista Wolfgang Montes realça o caráter erótico da obra de Rivero, afirmando: “é um janela aberta ao erotismo feminino: é uma visão necessária porque mostra aos homens o que ignoramos o queremos ignorar sobre as mulheres”¹³.

Entretanto, não é fácil calar a voz patriarcal, falocêntrica e colonizadora visíveis nos textos literários indigenistas, mas não é difícil apontar esta mesma voz, nem que seja usando ela mesmo contra si própria, pois nem toda narrativa de autoria feminina o ponto-de-vista é da mulher. Por isso, ao comentar sobre o papel da mulher das classes baixas no conto de Plá, Bordoli Dolci salienta que “muitos contos mostram o grau de indefesa do personagem rural feminino marcado por carências que se revelam em sua forma de atuar e, especialmente, na fala” (1993, p. 32, tradução nossa).¹⁴ Trata-se então de uma literatura heterogênea e similar a outras literaturas que se caracterizam pelo embate de gêneros e raças e pelas concentradas vozes femininas que muitas vezes são caladas por razões socioculturais.

4. CASTELHANO E GUARANI: ASPECTOS DIALÓGICOS DA BILINGUAGEM LITERÁRIA

A visão heterogênea da narrativa pode ser analisada pela abordagem de Roan Carter, citado por Pratt (1999, p. 32), ao conceituar “literatura de contato”, indicando as literaturas escri-

¹³ “es una ventana abierta al erotismo femenino: es una visión necesaria porque muestra a los hombres lo que ignoramos o queremos ignorar sobre las hembras”

¹⁴ “[...] muchos cuentos muestran el grado de indefensión del personaje rural femenino marcado por carencias que se revelan en su forma de actuar y, especialmente, en el habla”.

tas fora da Europa em línguas europeias. Nesse sentido, apontamos que um dos elementos mais ativos no sentido de heterogeneidade literária apresentados nos contos é a bilinguagem, ou seja, uma nova dimensão da língua, “[...] na esfera da sexualidade, da raça e das interações humanas [pois] não se refere mais apenas à língua (espanhol, inglês)” (MIGNOLO, 2003, p. 365-366).

Dessa forma, no entender de Bartolomeu Meliá (2008), o meio mais seguro de uma língua não morrer é ser falada. No entanto, podemos afirmar que o registro escrito também pode mediar a preservação de um idioma em extinção. No campo literário, ao contrário do castelhano que constituiu uma tradição literária na escrita, o guarani possui não uma larga tradição nesse campo, mas se faz presente em ambos os contos e de forma mais expressiva em “Kiiye”, uma vez que a protagonista guarani ensina ao narrador-personagem vários vocábulos dessa língua nativa.

O uruguaio Horacio Quiroga é um dos precursores na utilização de vocábulos em guarani em seus contos, como em “Los mensu” (*Cuentos de amor, de locura y de muerte*, 1917). Todavia, na literatura paraguaia moderna, algumas manifestações da mestiçagem idiomática ou hibridismo linguístico tomam espaço na década de 50, embora a maioria das obras literárias seja escrita essencialmente em castelhano. Dos autores que empregam em suas obras palavras ou expressões em *yopará* de forma representativa destacam-se Roa Bastos, principalmente no romance *Hijo de hombre* (1960), Gabriel Casaccia em *Los Exiliados* (1966), entre outros.

Josefina Plá (1996, p. 29) aponta que Casaccia, ao introduzir diálogos no idioma vernáculo com tradução ao pé da página, e Roa Bastos, ao incluir simplesmente as palavras e frases em guarani, deixando que pelo contexto se intuisse o sentido, levantam uma polêmica no sentido de que correm o risco de dar a narração um caráter estritamente documental. No entanto, podemos dizer que este procedimento estilístico pretende reafirmar através da literatura a existência da língua guarani com relevância

em vários contextos, especialmente nos países onde ainda vivem os Guarani, como a Bolívia, terra de Rivero que traz em seu conto “Kiiye” uma amostra da resistência dessa língua nativa.

Pela dificuldade de tradução para muitos leitores castelhanos, Plá assinala que não são poucos os que vêem nessa situação uma importante causa da escassez de produções narrativas em guarani, embora o momento literário paraguaio da década de 50 careça de personagens nativos e uma atenção ao guarani no sentido de inseri-lo na prosa paraguaia sem que para isso pressione a si mesmo ou ao idioma do conquistador. Bareiro Saguier assinala que

[...] uma serie de escritores *asumem* através da escritura, os valores profundos das culturas indígenas. Escrevem em espanhol, é certo, mas conhecedores- quase todos- das línguas autóctones que servem de suporte em cada caso a essas culturas, utilizando recursos e técnicas prestadas das mesmas, que terminam por alterar o signo do idioma dominante, literariamente falando ¹⁵(BAREIRO SAGUIER, 2007, p. 123, I, tradução nossa).

Em “Sise” nos deparamos com uma expressão em *yopará*, sendo que no primeiro a narradora emprega o termo “*typychá jhú*” para designar uma planta que se faz escova de banho entre os índios, e no segundo, ela cita apenas o termo “*ñanduti*”, embora o faça por quatro vezes, para nomear e destacar a atividade manual da protagonista. Levando-se em conta a data da produção dos contos, entre 1948 e 1958, podemos deduzir que a autora adota poucas expressões em *yopará* porque aquele era uma técnica muito recente na prosa literária e ainda havia certo cuidado na inserção desses termos, uma vez que esta nova tendência de-

¹⁵ [...] una serie de escritores *asumen*, a través de la escritura, los valores profundos de las culturas indígenas. Escriben en español, es cierto, pero conecedores- casi todos- de las lenguas autoctónas que siervem de soporte en cada caso a esas culturas, utilizando recursos y técnicas prestadas de las mismas, que terminan por cambiar el signo del idioma dominante, literariamente hablando.”

veria “[...] expresar o homem paraguaio, não como símbolo ou arquétipo, senão como imagem matizada e atormentada, ou seja, como ser humano [...]” (PLÁ, 1993, p. 30, tradução nossa).¹⁶

Ao contrário de “Sise”, encontramos em “Kiiye”, diversos termos em guarani, iniciando do título que significa “medo”. Todavia, a nativa ensina ao narrador-personagem várias palavras em guarani que fazem parte da natureza como *taka* (rio), *yagua* (tigre), *michi* (cachorro), *yeruti* (perdiz pequena). O próprio narrador usa um termo em guarani para descrever a fuga de Ena para o bosque: “[...] sua trança grossa se arrebatava ao vento da noite *ararundai* [...]” (RIVERO, 2007, p. 242, tradução nossa)¹⁷.

Entretanto, em “Sise”, a personagem principal não emite nenhuma palavra seja em castelhano ou guarani, mas apenas sons guturais, uma vez que ela é tratada como animal selvagem pelos outros personagens da história. O silêncio feminino, muitas vezes, é a resposta a ofensas e injustiças verbais, seja em castelhano, guarani ou *yopará*, uma vez que é recusado à mulher tornar públicos esses ultrajes e porque ainda pesa os padrões sociais e religiosos determinados pelo homem. Retomando a posição de Spivak (2010, p.85-86) em relação à subalternidade feminina, podemos dizer que a categoria elencada pela indiana se encaixa em várias situações da mulher indígena representada nos contos de Plá e Rivero, principalmente por questões sociais e raciais.

Sise e Ena, além de pobres, são índias ou mestiças e essas características determinam sua subalternidade como sujeito sexuado e objeto, uma vez que, além de colonizadas, são subjugadas pelo homem de sua própria raça e classe social. Diante dessas representações, reiteramos com Spivak que “[...] não há espaço a partir do qual o sujeito sexuado possa falar [pois] o subalterno como sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” (SPIVAK, 2010, p. 121-124). Entretanto, contar histórias sempre

¹⁶ “[...] expresar el hombre paraguay, no como símbolo o arquetipo, sino como imagen cambiante y atormentada, es decir como ser humano [...]”.

¹⁷ “[...] su trenza gruesa se arrebatava al viento de la noche ararundai[...]”

foi uma função primordial na vida das mulheres, principalmente as Guaraní, como observamos no conto de Rivero. Elas transmitem à sua descendência parte do imaginário e dos costumes locais, uma vez que compete ao homem revelar certos segredos de sua tribo, pois na América Latina, “[...]co-habitam deusas e deuses pré-colombianos, virgens e bruxas, oralidade, escrita e outras grafias; vozes indígenas, mestiças e européias; retalhos de máquinas sociais, rituais, semi-feudais e burguesas [...]” (RICHARD, 2002, p. 151).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as narrativas de Plá e Rivero implicam em uma denúncia por parte das autoras em relação à situação de exploração, total ou parcial, da mulher indígena e pobre, podemos dizer que, em relação à situação real das mulheres paraguaias guarani, a autora denuncia as mazelas sociais que envolvem as indígenas, pois Plá conheceu de perto essa realidade, chegando a publicar alguns depoimentos dessas mulheres paraguaias.

No âmbito boliviano, declarações feitas recentemente na mídia por algumas mulheres guarani que viviam como escravas em fazendas na Bolívia confirmam que muitas delas sofrem ainda várias formas de exploração além de abuso sexual, e que as crianças, produtos dessas relações, são retratos de que no sistema de trabalho forçado havia laços de sangue entre exploradores e explorados. Tais fatos certamente são de conhecimento de Rivero, pois o conto foi publicado na mesma época da divulgação do Centro de Estudos Jurídicos da Bolívia sobre a escravidão do povo guarani naquele país.¹⁸

Destacamos também, na associação entre o uso do *yopará* e as mulheres das classes pobres, a prática dessa variante pelo narrador de Plá e pela protagonista de Rivero, constituindo mais

¹⁸ Disponível em: <<http://www.nipbr.org/2011/03/ainda-existe-escravidao-do-povo-guarani.html>>. Acesso em 20 dez. 2012.

um recurso literário para expor a situação da mulher dessas classes marginalizadas. Assinalamos, portanto, percebemos que, na América Latina, a arte feminina de narrar empregando linguagens literárias diferenciadas, ou bilinguagens, como o *yopará* não constitui em si apenas uma alegoria textual, mas uma forma feminina de resgatar a cultura local da marginalização e do incógnito potencial artístico feminino.

Assim, apreendemos que, em tempos de avanços tecnológicos e de reciclagem, a força da representatividade literária feminina presente em “Sise” e “Kiiye” demonstra que pode se transformar em arte grande parte daquilo que é rejeitado, marginalizado ou desconhecido pela sociedade, e até mesmo pelas literaturas. Por isso, intuímos que ambas as narrativas se caracterizam por uma literatura que prima pelo encontro entre gêneros, culturas e vozes femininas consideradas, muitas vezes, subalternas e ignóbeis por razões alheias a qualquer forma de expressão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Victor Manuel. *Teoria da Literatura*. 2. ed. rev. e amp. Coimbra: Almedina, 1968.

BAREIRO SAGUIER, Rubén. *Diversidade en la literatura de nuestra américa*. Asunción, Paraguay: Servilibro, 2007. 2 vol.

BORDOLI DOLCI, Ramón Atílio. Introducción e antología. In: PLÁ, Josefina. *Canto y Cuento*. Montevideo: Arca, 1993.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher a pé da letra: a personagem feminina na literatura*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

CHEVALIER, Jean; GEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 12 ed. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 12 ed. São Paulo: José Olimpo, 1999.

CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

FIGUEIREDO, Carlos Vinicius da Silva. Estudos Subalternos: uma introdução. *Raido: Revista de Pós-Graduação em Letras da UFGD*. Dourados: UFGD, v. 4, n. 7. p. 83-92, jan./jun. 2010.

FRANCO, Jean. *Historia de la literatura hispanoamericana*. 15. ed. Edição revista e ampl. Barcelona: Ariel, 2002.

GONZALES TORRES, Dionisio M. *Folklore del Paraguay*. Asunción:Paraguai:Servilibro, 2012.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. *A representação da mulher paraguaia em contos de Josefina Plá*. 2011. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) Assis, SP: UNESP, abr. 2011.

MELIÁ, Bartolomeu. «*Las lenguas no mueren porque las hablamos*». Asunción, 2008. Entrevista concedida a Osvaldo Zayas. Disponível em: <http://ea.com.py/bartomeu-melia-guarani-paraguay/>. Acesso em: 15 jun. 2010.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais /Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONTES, Wolfango. *Biografia de Giovanna Rivero Santa Cruz*. Disponível em: <<http://venenolundico.blogspot.co.uk/2012/04/biografia-de-giovanna-rivero-santa-cruz.html> >. Acesso em: 10 jan. 2013.

PLÁ, Josefina. *Sise. Cuentos Completos*. FERNÁNDEZ, Miguel Ángel (Org.). 2. ed. Asunción: El Lector, 2000.

_____. *Conversaciones com Josefina Plá*. In: CENTURIÓN. MORINIGO, Ubaldo *Josefina Plá y el periodismo paraguayo*. Asunción: EDIPAR, 1996.

_____. *Bilingüismo y tercera lengua en el Paraguay*. In: FERNÁNDEZ, Miguel Ángel (Org.). *Obras completas*. Asunción: RP Ediciones, 1993. v. 1. p. 7-35.

_____. *Algunas mujeres de la conquista*. Assunção: Asociación de la Mujer Española, 1985.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Trad. de Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Ángel Rama. Seleção, apresentação e notas Pablo Rocca. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 208 p.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RIVERO, Giovanna. Kiiye. In: *Revista Nuestra América*. n. 3 jan.-jul. 2007, p. 241-243. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2421/3/241-243.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZANARDINI, José. *Los pueblos indígenas del Paraguay*. Asunción: El Lector, 2010. vol. 1.

AS PERSONAGENS FEMININAS DE TAUNAY: IERECÊ E INOCÊNCIA

Cássia Regina Ferreira dos Santos ¹
Zélia R. Nolasco dos S. Freire ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre duas personagens femininas protagonistas das obras: “Inocência” (1872) e de “Irecê a Guaná” (1874) ambas de Visconde de Taunay. O suporte teórico utilizado foi a metodologia comparatista e teóricos sobre a mulher, isto é, sobre a identidade feminina, como Mary del Priore e Lúcia Zolin. Visa analisar a representação da “identidade feminina”, da “voz da mulher” por meio das personagens: Inocência e Irecê, duas donzelas criadas e retratadas por Taunay, como integrantes de uma sociedade patriarcalista do século XIX. Ambas as vítimas de um amor romântico que as submetem ao sofrimento e à morte, sem ter a quem recorrer. Até porque os homens ditavam as regras indiferentes à vontade das mulheres, já que as mesmas não tinham voz. Far-se-á um breve panorama contextual da sociedade e do papel da mulher daquele período histórico. O que muito consubstancia esse projeto são as questões: como as personagens femininas são tratadas e como foram construídas nas narrativas.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literatura Brasileira, Mulher, Taunay.

¹ Aluna do Curso de Letras/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Dourados.

² Prof.^a Dr.^a, Zélia R. Nolasco dos S. Freire atua nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras - Mestrados acadêmico e profissional - da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UNESP/Assis) e Doutora em Letras (UNESP/ Assis).

ABSTRACT

The aim of this article is to propose a comparative analysis between two female main character of the works: “Inocência” (1872) and of “Irecê a Guaná” (1874) both novel by Visconde de Taunay. The theoretical support used was the comparativist methodology and theories about women, in other words, about the female identity, such as Mary del Priore and Lúcia Zolin. It also aims to analyze the representation of “female identity”, of the “female voice” throughout the characters: Inocência and Irecê, two ladies raised e portrayed by Taunay as members of a patriarchal society of 19th Century. Both victims of a romantic love that submit than to suffering and death, having no one to turn to. Mainly because men dictated the rules indifferent to women’s will, because they did not have voice. It will done a brief contextual panorama of the society and the role of women in that historical period. What gives support to this project are the questions: how women were treated and how they were portrayed in the narratives.

Keywords: Comparative Literature. Brazilian Literature, Women, Taunay.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em Letras/ Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), o qual tem por proposta realizar uma análise comparativa entre as personagens femininas Irecê de *Irecê a Guaná* (1874) e Inocência de *Inocência* (1872) de Alfredo d’Escragnonle Taunay. Ambas tem uma participação importante para a construção histórica do Brasil, por representarem a participação da figura feminina (uma índia e outra, branca) dentro de um contexto político, social, familiar e cultural brasileiro. O que muito consubstancia esse projeto de pesquisa são as questões: como as personagens femininas são tratadas nas narrativas citadas acima, como foram construídas e para respondê-las debruçamos de modo especial sobre as análises, pois

por muito tempo, a produção literária ficou restrita ao mundo masculino, a mulher não tinha vez, sua voz era silenciada.

Em primeiro lugar faremos uma síntese sobre o escritor Alfredo d' Escagnolle Taunay. Nasceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843. Filho de família abastada que lhe deu requintada educação do tipo francês. Era um homem extremamente elegante. Teve uma formação humanística e científica. Coursou Letras, Ciências físicas e Matemática, além de exercer o cargo de engenheiro militar. Serviu ao Exército, convocado para a Guerra do Paraguai, governou a Província de Santa Catarina, foi fiel à Monarquia, afastou-se da política como senador. Em 1870, publicou a sua primeira obra. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 13, que tem como patrono Francisco Otaviano. Morreu no Rio de Janeiro em 1899. Como escritor apresenta características regionalistas ou sertanejas em suas obras.

Publicou inúmeras obras, porém se destacou como escritor entrando para a história com as obras *A Retirada da Laguna* (1871) e *Inocência* (1872). Com um estilo simples, e com características que às vezes fogem do estilo romântico, Visconde de Taunay se impõe sempre como um observador ao descrever as paisagens e personagens e ao desenvolver seus enredos. Seu romance mais conhecido, *Inocência* (1872), é considerado a maior obra regionalista brasileira. Nele, Taunay consegue aliar a inocência, a pureza e a beleza da mulher romântica, encarnada na personagem Inocência, a uma descrição minuciosa da realidade, da vida cotidiana do sertanejo, muitas vezes mostrando-o como rude e ignorante.

No livro, *Reminiscências* (1908), Taunay conta como fez para produzir seus personagens, os ambientes, e o que utilizou para gerar o romance *Inocência*. Ele diz o seguinte:

No dia 30 de junho estávamos no vasto do Sr. José Pereira, bom ministro nos acolheu atentamente e era o primeiro morador que encontrávamos a saída do sertão bruto de Camapuã e a entrada de Santana do Parnaíba, um pouco mais habitado. [...] Aí vi um

anãozinho mudo, mas tanto gracioso, sobretudo ágil nos movimentos, que me serviu de tipo ai Tico do meu romance *Inocência*. Passou-nos numa canoa com muito jeito, buscando conversar e tornar-se amável por meio de frenética e engraçada gesticulação. Dei-lhe uma molhadurazinha e pôs-se a pular como um cabrito satisfeito da vida, fazendo-nos muitos acenos de agradecimentos e adeuses com o chapéu de palha furado, que não esqueci de indicar naquele livro (TAUNAY, 1908, p.15).

Os regionalismos presentes na obra de Taunay foram resultados da observação pessoal, da real experiência do autor, que documentava o linguajar do sertão, por ocasião da Guerra do Paraguai (1864-1870), na região que tomou como cenário do romance – a região sul de Mato Grosso, fronteira com São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Tanto em uma quanto em outra, é possível perceber que uma boa parte das palavras e expressões utilizadas é objeto de notas explicativas de rodapé e outras grifadas no corpo do texto. No conto *Irecê a guaná*, Taunay acrescentou à obra o vocabulário da língua guaná ou chané, trabalho minucioso que desempenhou em contato direto com os índios.

Alguns críticos dizem que a obra de Taunay, *Inocência* precede o Realismo, e a partir disso, foge dos ideais do movimento romântico. Para outros críticos essa obra faz parte do Romantismo, como diz Lúcia Miguel Pereira:

Não é (...). *Inocência* um romance realista, porque só na formação do ambiente o ousou ser Taunay; as figuras humanas ainda pertencem ao convencionalismo romântico, isto é, encarnam cada uma um tipo ideal, com todas as suas características. (PEREIRA, 1952, p.48)

Prosseguindo a linha de raciocínio, Bosi (2006), acrescenta que:

[...] Taunay idealiza, mas parcialmente, porque seu interesse real é de ordem pictórica: a cor da paisagem, os costumes, os modismos que ele observa e flui como típico. Viajante mais sensual do que apaixonado.

do, incapaz do empenho emotivo de um Alencar, a sua realidade é por isso mesmo mais tangível e mediana. Há quem veja nele um escritor de transição para o realismo. Não é bem assim. Quando maduro, criticou o naturalismo. E a postura fundamentalmente egótica, reflete nos romances mundanos que se seguiram a *Inocência*, nos diz que se algo mudou foi a sociedade, não o estofo individualista do escritor. Mas nada mais fez que se comparasse sequer à realização de *Inocência* [...] (BOSI, 2006, p.145).

SOBRE INOCÊNCIA

Sendo uma obra romântica, *Inocência* tenta mostrar o Brasil por inteiro, apresenta a descoberta do interior do Brasil, o Brasil rural, que ainda guarda seus costumes, valores e até uma linguagem própria, bem diferente do que ocorre no Brasil do Litoral. Apresenta o conflito gerado pelo choque cultural de um “país” dentro do próprio país. Embora seja um escritor do Romantismo sua preocupação com a descrição detalhada do cenário e das personagens já se mostra muito próxima aos ideais do Realismo, o que caracteriza a obra do romancista carioca como uma fase de transição dentro de nossa literatura. Porém, mais do que contar as desventuras amorosas da heroína, o objetivo do livro é mostrar o confronto de dois mundos diferentes: o mundo dos costumes, tradições, crenças e preconceitos do homem do sertão contra o mundo liberal e mais intelectualizado do homem da cidade. Como no romance realista, algumas das personagens criadas por Taunay são consideradas protótipos de grupos sociais, sempre agindo e, ao mesmo tempo, sendo corrompidos pelo meio em que vivem.

Inocência (1872), sua obra-prima, consolida a maior fase de sua carreira como escritor. Com uma vasta experiência de guerra e sertão, reproduziu com precisão o cenário sertanejo, com seus tipos humanos e normas rígidas de comportamento social e familiar, equilibrando ficção e realidade, valores da realidade bruta do sertão e românticos, linguagem culta e regional. Mesmo com um enredo sentimental, *Inocência* apresenta traços da prosa rea-

lista ao documentar, com a depurada sensibilidade de um pintor documentalista e espírito naturalista, a realidade presente nos sertões mato-grossenses. É nesse ponto que Taunay critica a postura de Alencar, afirmando que o romancista cearense falava da natureza mais lembrando o que havia lido que presenciado.

Acreditamos não haver necessidade de relatar aqui o resumo de *Inocência*, mas para o leitor desinformado, digamos que narra uma história de amor impossível entre a protagonista Inocência e Cirino porque a moça fora prometida pelo pai ao sertanejo Manecão, este mata Cirino ao descobrir que a noiva tem o outro no coração. Os personagens mais atuantes não são muitos, restringem-se a Inocência, seu pai, o Sr. Pereira, Manecão, Meyer, Tico, um anão. O espaço que ocorre a trama amorosa é a confluência de Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais e Goiás, mais detidamente nos campos de Camapuã, na Vila Sant'Anna do Parnaíba, na segunda metade do século XIX (1860).

Dos personagens todos tem presença marcante na narrativa, porém, Tico, um anão, mudo, que vivia junto à moça como um fiel guardião, destaca-se na nossa análise, pois ele era os olhos do pai que acompanhava a filha em todo lugar para sua tranquilidade. Como se vê, Inocência era vigiada dia e noite pelo pai, pois além de ser mulher era muito bonita, o que despertava a atenção dos homens. O que aconteceu de fato com o pesquisador alemão Meyer que chegou a batizar a rara espécie de borboleta que descobrira com o nome de *Papilio Innocentia*, em homenagem à beleza da jovem sertaneja.

Bem se vê que apesar de Inocência ser a protagonista e dar nome ao livro, não é propriamente a heroína que se espera encontrar. Criada à imagem e semelhança do meio natural e humano que a cerca, tem seu destino determinado pelo pai, que a mantém confinada em casa, sob a guarda de um anão mudo; esposa prometida de Manecão, jamais ousaria se opor à escolha paterna.

O Senhor Pereira, pai de Inocência, típico sertanejo do interior do Brasil, homem rústico, porém hospitaleiro e muito cordial com as pessoas, embora bastante desconfiado. Palavra dada é

documento para ele; acredita que a mulher seja um peso para os pais se passa da idade de casar.

De acordo com Moisés (2007, p.218), “apesar de haver sido publicada três anos antes d’*A Escrava Isaura*, *Inocência* atesta um compromisso com a estética romântica ao mesmo tempo em que respira novas brisas anunciadoras ao realismo”. Pode-se dizer que a estética romântica consolida-se na narrativa, especialmente, através do fato do amor não correspondido entre Inocência e Cirino. Taunay compôs uma história que expôs o idílio amoroso e os costumes do Sertão do Mato Grosso, mantendo-se equilibrado nos traços naturalista/realista. Diferente de outros autores, Visconde de Taunay evitou usar de forma exagerada o sentimentalismo, pois, ele queria mesmo é mostrar a realidade e a cultura do povo sertanejo. Os traços e os costumes deste sertão revelam o Brasil histórico e geográfico, que se mostram através do impedimento da relação amorosa entre Cirino e Inocência, até porque a situação patriarcal rural, é retratada através do autoritarismo de Pereira, pai de Inocência, que impede sua filha ser feliz em nome da palavra e da mão dada sem o consentimento da mesma.

No século XIX, todas as mulheres eram submetidas e submissas ao poder patriarcal, isso era o costume vigente, as mulheres tinham que se resguardar puras até o dia do casamento. No romance de Taunay notamos que *Inocência* se encaixa no perfil da mulher oitocentista, pois se constata que a mesma vive isolada em sua casa, sem ter uma vida social.

SOBRE IERECÊ

Já o conto *Irecê a Guaná* foi publicado inicialmente em 1874 na obra *Histórias brasileiro, sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte*, e somente republicado, desta vez em formato de obra, em 2000, passados 126 anos. Pelo que se vê uma obra esquecida da história da literatura brasileira, o conto longo *Irecê a Guaná* ressurge e pode ser lido como uma parábola do (des) encontro entre duas raças, a índia e a branca. *Irecê a Guaná* recria um idílio vivido

pelo próprio escritor, que, se apaixonou por uma índia chamada Antônia, decidiu estudar-lhe a língua e os costumes, redigindo então notas etnográficas e um vocabulário de termos guanás, incluídos na edição publicada em 2000.

É fundamental salientar o trabalho do Professor Sérgio Medeiros, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que organizou a publicação do livro e enriqueceu a edição com ensaios do crítico Antônio Candido, do poeta Haroldo de Campos, da professora Lúcia de Sá e dele mesmo. Foi uma atividade de resgate do conto *Irecê a Guaná* e afirma que Taunay escreveu o mesmo para contrapor a *Inocência*, de José de Alencar, visto que Taunay julgava-o um “romance de gabinete”. Ambos, tanto *Iracema* quanto *Irecê a Guaná* retratam o envolvimento amoroso do homem branco com uma índia, porém, no caso de José de Alencar nada indica que o escritor tenha tido algum envolvimento com uma delas, mas no caso de Taunay, esse envolvimento ocorreu de fato.

Segundo o escritor em suas *Memórias*, quando de sua passagem para Mato Grosso na época da Guerra do Paraguai, conheceu a índia Antônia que tinha entre 15 e 16 anos, a qual compra por 120 mil réis, não sem antes a seduzi-la com um colar. As memórias do escritor só foram publicadas 50 anos após sua morte atendendo a um desejo do mesmo, na qual ele confessa que Antônia foi a mulher que ele mais amou.

Em análise do conto *Irecê a Guaná* é difícil separar o fato da ficção, uma vez que Taunay baseou-se na própria vida, desse modo, o próprio escritor se faz representar pelo personagem Alberto Monteiro, um dândi entediado e blasé, proveniente da Corte que viaja pela América do Sul para se distrair. Porém, conforme Medeiros (2000), a personagem Irecê incorpora os traços de Antônia a amante de Taunay durante a guerra, já, o herói do conto, Alberto Monteiro, não poderia ser lido como um simples retrato do escritor quando jovem.

Acontece que quando nos defrontamos com a descrição de Alberto feita em *Irecê* fica difícil não relacioná-lo ao próprio es-

critor. As características são quase as mesmas: rico e jovem. Vejamos a descrição no próprio texto: “Chamava-se Alberto Monteiro e viajava por mera distração. Homem no pleno vigor dos anos, e bastante rico para satisfazer seus caprichos” (TAUNAY, 2000, p. 20). Os caprichos aos quais se refere podem ser os relacionados aos desejos, ao sexo e, principalmente, à compra de uma índia, só sua, exclusiva, para tal finalidade. Partimos do princípio de que os leitores atentos já conhecem o conto e não faremos uma retomada em sua íntegra, porém o suficiente para explicitarmos a análise que nos propomos. Pois bem, Alberto em viagem empreendida à Cuiabá para realizar suas pesquisas antropológicas com os índios menos “aportuguesados”, conhece Irecê, neta de Morevi, quando durante sua estada é acometido pela maleita. Num primeiro momento em que os dois se conhecem, assim, Taunay descreve Irecê:

Trazia todo o corpo embrulhado num pano alvíssimo, a que chamam *julata* e que, preso por volta muito apertada logo abaixo dos seios, desce até os calcanhares, e mostrava ter quando muito, quinze anos, idade da plenitude da mocidade e beleza naquelas localidades em que o desenvolvimento da puberdade, já de por si precoce, é quase sempre apressado.

Seu rosto de formosura singular houvera em qualquer parte do mundo prendido as vistas. Se a fronte era estreita, os olhos um tanto oblíquos e as sobrancelhas pouco arqueadas, em compensação os cílios compridos e bastos faziam realçar o brilho dos negros íris; o nariz tinha uma retidão caucásica; os lábios pareciam tintos de carmim e a cabeleira negrejante, bem que áspera, espargia-se por um colo e seios admiráveis de contorno e de pureza. Para completar o tipo de uma bela moça nem sequer lhe faltavam pés e mãos de uma pequenez e delicadeza dignas de cuidadosa atenção.

A tez muito lisa e fina, na cor aproximava-se à do chocolate desmaiado com leite, tão desmaiado que quando qualquer impressão mais viva ia entender-lhe com o coração, as suas faces se acendiam vivas de rubor (TAUNAY, 2000, p. 30).

Apesar de a citação tornar-se um pouco longa, é de todo imprescindível sua presença, para que possam conhecer a riqueza de detalhes que o escritor se utiliza na descrição de Ierecê. Além de uma beleza deslumbrante, Ierecê pelo que se pode constatar através do texto era a mais pura das criaturas, e isso vem subentendido de uma forma indireta: “Trazia todo o corpo embrulhado num pano alvíssimo (...)”, o que nos remete à cor branca dos vestidos de noivas tão comuns no século XIX e que se estende até aos dias de hoje. O mesmo simbolizava a pureza da mulher, sua ingenuidade para o sexo, principalmente, sua castidade e sua virgindade, que deviam estar resguardadas ao futuro marido e companheiro para o resto da vida.

Alberto tão rápido se enamorou por Ierecê, e isso não passou despercebido do avô, que ficou satisfeito com o fato, pois em sua cabeça iria livrar-se dos gastos com comida e roupa que tinha com a neta. Interessado em livrar-se do peso da neta, prontamente dirige-se a Alberto perguntando-lhe: “Você quer Ierecê para sua mulher? Perguntou ele com alguma pausa e gravidade. Há de lhe dar comida e roupa.” (TAUNAY, 2000, p.31). E, sem dar muito tempo para a resposta, uniu-os, colocando sobre a mão de Alberto, a mão da neta e murmurou umas palavras cabalísticas para selar a união dos dois.

Pelo que se observa na trama, Ierecê não compreendia muito bem o que estava se passando, já que estava totalmente imbuída de admiração pelo colar que lhe haviam dado. Nas devidas proporções, é claro, o que se passou com Ierecê pode-se compará-la a uma criança quando recebe um brinquedo, fica totalmente, enamorada, absorta com o presente. Tal foi o comportamento de Ierecê, quando colocou o colar de contas de ouro, em seu pescoço, pois a mesma olhou curiosa e agradecida para aquele estrangeiro. Agora, o que é mais representativo do tratamento dispensado às mulheres é que Ierecê não fora consultada sobre o casamento que ali decidiam, afinal, decidiam a sua vida. O que demonstra a presença dos costumes de uma sociedade patriarcalista também entre os indígenas, pois entre os brancos o costume que as famílias preservavam era que quem escolhia o marido para

sua filha casar-se eram os pais e, principalmente, escolhiam os que detinham mais posses.

Na verdade, Ierecê mostrou-se completamente indiferente com a cerimônia que seu avô Morevi realizou segundo os costumes de sua gente, ligando-a a um homem desconhecido por um laço que ela não poderia romper, somente ele detinha esse direito. Durante o desenrolar da união, Ierecê restringe-se aos afazeres domésticos e a servir Alberto, seu marido. Porém, isso parece não lhe trazer muitas alegrias: “Ela parecia um tanto triste, indiferente sobretudo” (TAUNAY, 2000, p. 34); “Seu gênio era a realização fiel do que exprimia logo a fisionomia: muita brandura, tristeza e alguma curiosidade” (TAUNAY, 2000, p.34). O comportamento de Ierecê, inicialmente, deixa transparecer que a mesma considerava Alberto um ente de natureza superior, a quem devia obediência cega, enquanto lhe servisse de mero passatempo; porém, depois seus sentimentos vão mudando ao ver o quanto ele se dedicava em torná-la e fazê-la mais apresentável. Na verdade, Alberto vai moldando-a conforme a cultura do branco, começando por vesti-la: “Ierecê deixou o traje nacional e primitivo e cobriu o esbelto corpo de um vestidinho que Alberto se deu ao trabalho de cortar e preparar, dirigindo o trabalho da costureira (...)” (TAUNAY, 2000, p.34).

Apesar de tanta meiguice, brandura e tristeza, podemos perceber no decorrer da narrativa que Ierecê é muito mais que isso, já que em um momento dentre os quantos que Alberto a prendia com suas histórias “umas reais outras fantásticas que ele à tarde lhe contava” (TAUNAY, 2000, p.35), enquanto ele se deixava tomar conta pela nostalgia do entardecer, “Nessa hora, tudo é tristeza para a alma que as sombras da natureza parece quererem também invadir” (idem), ela, ao contrário, “era quando o coração de Ierecê pulsava com mais segurança e calma” (idem), o que nos proporciona vê-la com alguma altivez; e ainda, o autor vai demonstrando que a mesma possui inteligência e facilidade para assimilar os novos costumes da cultura branca e europeia. Conforme podemos observar no trecho que segue:

A sua faceirice natural e inocente era ajudada por inteligência vívida e pela delicadeza de instintos: assim para logo desterrou do rosto e braços as pinturas que costumava traçar de urucu e jenipapo; deixou de cuspinhar, como fazem a cada momento os índios e de comer vorazmente, empenhando-se enfim por merecer aplauso pelo abandono pronto deste ou daquele hábito menos conforme com o modo de viver civilizado (TAUNAY, 2000, p.35).

Seus hábitos e costumes foram sendo deixados para trás, em nome de uma total subserviência ao marido que ia lhe inculcando novos costumes. Tudo isso em nome do amor já que o autor o descreve como “inventivo”: “O amor de Ierecê era inventivo. Tudo quanto pudesse sorrir ao espírito do moço, tratava ela, na medida de suas forças, de conseguir logo;(…) (TAUNAY, 2000, p.37). Porém, a felicidade de Ierecê demorou pouco, apenas dois meses, esse foi o tempo em que Alberto ficou com a índia. Pouco depois, resolveu que retornaria ao Rio de Janeiro para resolver problemas com suas contas, porém, não estava nos planos de Alberto levá-la consigo. Ierecê percebendo a movimentação toda dos preparativos e “sem saber ainda pelo que, o seu coração se apertava de tristeza e um pressentimento doloroso agitava-lhe a alma” (TAUNAY, 2000, p.43), caiu em profunda tristeza.

Para o avô de Ierecê, ao receber a notícia que Alberto iria embora, foi motivo de alegria, alegria maior ficou quando soube que tudo quanto continha no rancho ao lado viria pertencer-lhe: duas redes, alguns cobertores, espingardas, pólvora e chumbo, peles, facões, um par de tamancos e várias notas de papel-moeda. Quanto a Ierecê, ninguém se preocupava com a mesma, aliás, Faustino assim se manifestara em relação a ela: “(...) convém lembrar-se que os índios esquecem-se depressa. Ierecê poderá ficar sentida uma semana, duas, se tanto; depois consolar-se-á (...)” (TAUNAY, 2000, p.46). Conselho que Alberto apesar de demonstrar sinceros sentimentos pela índia, seguiu seu caminho e partiu rumo ao Rio de Janeiro, deixando para trás Ierecê, sozinha e com o coração em pedaços. Tanto é que na partida de Alberto:

Ela tinha perdido os sentidos, e quando uma filha das selvas e da inculca natureza desmaia, é que a dor a esmagou com a mão de ferro num paroxismo horrível; é que seu coração estalou numa contração de agonia e a sua alma entrou em dúvida se era ou não chegada a hora de sair daquele corpo para ir buscar outro mundo, outros destinos (TAUNAY, 2000, p.53).

Após cinco meses de sua partida, Alberto recebe uma carta de Faustino informando-lhe sobre a morte de Irecê: “Meu amigo, dizia ele, as minhas previsões foram infelizmente errôneas. Irecê, a bela virgem do Agaxi, já não existe” (TAUNAY, 2000, p.53). Para Alberto Monteiro, ao deixar Irecê, seu grande amor, significa que ele reconheceu que existia uma barreira insuperável entre o civilizado, esse recém-chegado na Corte, e o habitante da mata, o indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de observação e de domínio da escrita são características de Taunay, que foi um dos primeiros prosadores a utilizar a linguagem coloquial regional em suas obras. Além, de uma capacidade peculiar para retratar a paisagem do sertão por onde andou, detendo-se em retratar os usos e costumes do interior do país. Embora, seja classificado como um escritor romântico, não deixou com que o sentimentalismo tomasse conta de suas narrativas, porém na construção dos personagens, principalmente, das duas protagonistas aqui estudadas, a estética romântica predominou. Tanto em *Inocência* quanto em *Irecê a Guaná*, o autor se detém na apresentação do choque de duas concepções de mundo bem diferentes. O do homem do interior, tido por ignorante, caipira, grosso e sem modos, e do homem civilizado, da cidade que é tido como moderno e mais ousado. Ambas as protagonistas apaixonam-se pelo homem errado, uma vez que o mundo de cada uma não se ajustava com o mundo de seus amores, devido às convenções sociais e patriarcais do período.

É importante ressaltar que o século XIX foi uma época marcada por grandes mudanças e inovações, tanto na literatura como na história do Brasil, mas também foi marcada pelo patriarcalismo, a repressão social, no que se refere às mulheres. Um século onde a sociedade era voltada para a materialidade, para o status social, e o homem era concebido como um ser superior comparado à mulher da época. A mulher não tinha voz, não usufruía dos mesmos direitos, logo sua condição era de total submissão, era vista apenas como “objeto” para satisfazer o interesse do homem e nada mais, Lúcia Osana Zolin em “Crítica Feminista” traz o conceito de “mulher-sujeito” e “mulher-objeto”, sendo este o que enquadra a mulher do século XIX: “... a mulher-sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (ZOLIN, 2009, p. 219).

Na obra *Inocência*, Pereira, pai da protagonista, vigia sua filha o tempo todo para que a mesma não fique desonrada uma vez que ele a prometera para Manecão, preferia vê-la morta a desonrada. Ele, homem do sertão, preso a padrões estritos de comportamento não consegue perceber que a felicidade de sua filha não estava no casamento proposto por ele, que ele escolhera.

Já, com Irecê, não é diferente, pois Alberto apesar de dizer amá-la, não se sente determinado a levá-la consigo para o Rio de Janeiro. Já que a mesma não se enquadrava no comportamento da corte e talvez, nem ele mesmo estava disposto a sofrer todo o tipo de preconceito pelo fato de estar casado com uma índia.

Observa-se que em ambas as narrativas, tanto em *Inocência* quanto em *Irecê a Guaná*, predominou as características do romantismo europeu, a concepção de um único e idealizado amor, cuja impossibilidade de realização leva as protagonistas à morte. Já que, *Inocência* e *Irecê* morrem por causa dos amores não correspondidos. Constata-se que essas obras foram escritas em um período de transição, do romantismo para o realismo, isto é, o romantismo entra em declínio com a ascensão do realismo, e

aproxima-se do naturalismo, já que o homem é fruto e produto do meio em que vive e age de acordo com o tipo de vida que leva. Desse modo, tudo leva a crer que Taunay criou tanto Inocência quanto Irecê tendo por base o relacionamento que teve com uma índia moça quando de sua passagem por Mato Grosso.

As duas protagonistas-mulheres eram muito lindas, porém inatingíveis devido às diferenças étnicas, sociais, culturais, entre outras. No caso de Inocência, a mesma parece obter um pouquinho de vontade própria quando decide por não se casar, mesmo contrariando a vontade do pai e dos costumes da época. O que não acontece com Irecê que fica a mercê de sua própria sorte: a morte, a qual se entrega sem lutar. Aliás, as duas morrem ao final de tristeza por um amor não correspondido.

Sabemos da importância dessas obras para a compreensão da participação e presença da mulher na sociedade brasileira do período e que tem muito a ser dito sobre as mesmas, e também para provocar uma transformação social no que se refere ao lugar da mulher na sociedade. Esperamos ainda que esse estudo possa despertar o interesse dos leitores para essas obras que tanto contribuem com os estudos literários e que está a exigir mais análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa na Literatura Brasileira*. 43ªed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: Candido, A.; Rosenfeld, A.; Almeida-Prado, D. de; Sales-Gomes, P. E.; (orgs.) *A personagem de ficção*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 53-80.

_____. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. 2 v. 8ªed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

_____. *Brigada Ligeira*. 3ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, v.4. 1986.

FALCI, Miriam Brito. As mulheres do sertão nordestino. In: *História das mulheres no Brasil*. (Org) Mary Del Priore, São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: *História das Mulheres no Brasil*. (Org.) Mary Del Priore, São Paulo: Contexto, 1997.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Três romancistas regionalistas: Franklin Távora, Taunay e Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1952.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Ierecê a Guaná*. Org. Sérgio Medeiros. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

_____. *Inocência*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1967.

_____. *Reminiscências*. 1º ed. São Paulo: Francisco Alves & C, 1908.

ZOLIN, Lúcia O. Literatura de autoria feminina. In: *Teoria literária*. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Thomas Bonnici & Lúcia Osana Zolin (Eds.). 3 Ed. Maringá: Eduem, 2009.

OS NOVOS LETRAMENTOS E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM JARDIM-MS

Évelyn Coelho Paini Webber¹

RESUMO

O trabalho apresentado, em forma de comunicação, no IV Colóquio de Linguística e Literatura da UEMS-Unidade Universitária de Jardim, é um recorte das pesquisas, que venho desenvolvendo, para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Este estudo é baseado na teoria dos Novos Letramentos, Multiletramentos e Letramento Crítico. Para a realização da pesquisa, tomou-se como base o Referencial Curricular de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso do Sul, em contraposição às Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Língua Estrangeira (OCEM/LE), seguido pela professora regente da disciplina, em uma escola da rede pública de ensino. Num primeiro momento, procurou-se elaborar uma sequência didática, com sete passos, com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental. Essas sequências foram realizadas dentro da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Língua e em Literaturas de Língua Inglesa, com a carga horária de regência de 27 horas/aulas. Diante do exposto, neste artigo serão relatadas a experiência de duas das setes etapas da sequência didática.

Palavras-Chave: Novos Letramentos. Ensino de Inglês. Sequência Didática. Escola Pública.

¹Aluna do curso de Letras Hab. Português/Inglês UEMS (Unidade de Jardim).

INTRODUÇÃO

A sociedade passa por mudanças radicais no que tange à globalização e aos domínios de fronteiras, principalmente devido à incorporação das novas tecnologias no cotidiano das pessoas, possibilitando o contato entre culturas de diferentes partes do mundo. Com isso, o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira tem sofrido grandes mudanças, principalmente devido aos processos de globalização.

Questionamentos sobre o significado de ser cidadão e de como agir nesse mundo, bem como qual o papel do ensino de uma língua estrangeira, mais especificamente a Língua Inglesa, e o papel da escola pública nesse processo me levaram a fazer uma pequena proposta de intervenção, tendo como embasamento teórico os Novos Letramentos (STREET, 1995), Multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000) e Letramento Crítico (LANKSHEAR, C.; McLAREN, 1993).

Esta pesquisa, de cunho qualitativo e inserida no Plano de Trabalho do Projeto de Estágio Curricular Supervisionado em Língua e em Literaturas de Língua Inglesa I, pretende relatar a experiência de aplicação de sequências didáticas, feitas entre quatro a cinco etapas, construídas com o aporte teórico descrito e ancoradas na Linguística Aplicada. As sequências didáticas, aplicadas em uma turma de sétimo ano de uma escola pública do município de Jardim, a princípio foram planejadas para cinco aulas, após a escolha dos respectivos temas.

Segundo as OCEM/LE (MENEZES DE SOUZA; MONTE MÓR, 2006), o trabalho com as teorias dos novos letramentos possibilita o uso de temas como facilitador no processo de ensino/aprendizagem. Antes de apresentar a primeira sequência didática, sobre os objetivos de se ensinar/aprender uma língua estrangeira – no caso o inglês, os alunos foram solicitados escrever um pequeno texto com reflexões sobre dois questionamentos: “Por que tenho que aprender Inglês?” e “Qual o significado de se aprender Inglês?”. Pelas respostas, verificou-se que o ensino da Língua In-

glesa está vinculado ao fato de contribuir com a carreira profissional ou lidar com estrangeiros, além disso, o conhecimento que se tem sobre ele é estritamente linguístico desconhecendo as possibilidades na formação do aluno/cidadão.

Essas considerações iniciais já serviram de ponto inicial para que os alunos refletissem sobre o real papel da língua inglesa na sociedade atual e sobre a amplitude desse aprendizado. Diante do exposto, neste artigo serão relatadas a experiência de duas das setes etapas da sequência didática.

DESENVOLVIMENTO

Com o advento da tecnologia e a globalização o conceito de ensino e aprendizagem se transforma, principalmente com o contato estabelecido com outras culturas através da internet e dos bens de consumo presentes no nosso cotidiano, com isso o sistema educacional precisa se adequar a nova realidade. No rebojo dessas questões, surge a necessidade de se repensar o conceito de ensinar/aprender, ler/escrever, bem como o papel da escola.

Nesse sentido, Paiva afirma que “as máquinas dominam as comunicações no mundo moderno. O ambiente linguístico tem sido recriado artificialmente e o professor e o livro têm sido forçados a se integrar a esses novos meios de transmissão”. (2015, p. 21).

Desse modo, conforme a sociedade evolui as exigências feitas por ela se transformam, conforme Kleiman (2005) afirma que, antes bastava saber decodificar as palavras, no entanto, agora a linguagem está sendo utilizada com novas finalidades e modos.

Lankshear (1997 apud Barbosa e Barros 2013) acrescenta que ser letrado na atual sociedade é ter a habilidade de ler e escrever, bem como utilizar uma informação escrita em diferentes contextos. Além disso, afirma que a linguagem é utilizada prática social, logo, as concepções de leitura e escrita não podem ser consideradas neutras, pois a linguagem não ocorre isolada de seu contexto, que é carregado por questões de natureza social (idade, sexo, poder, classe social) e cultural.

Com isso, o conceito de Letramento após a verificação desses apontamentos passam a ser os Novos Letramentos (*New Literacy Studies*), pois abarcam os letramentos em todos os seus aspectos, ou seja, cognitivos, sociais, culturais, políticos e assim por diante, não sendo vinculado somente às habilidades de ler e escrever.

Então, com esse fácil acesso à informação e à constante mudança, tendo em vista a utilização da linguagem “o desafio fica colocado pelas nossas práticas escolares de leitura/escrita que já eram restritas e insuficientes mesmo para a “era do impresso” (ROJO, 2012, p. 22)

Cope e Kalantzis (2007, p.75) esclarecem que para a escola se atualizar e passar a utilizar as novas mídias no ensino não precisam deixar totalmente os seus valores, conforme o excerto “new media do not necessarily mean new learning. Old institutions have na enormous capacity to assimilate new forms without fully exploiting their affordances”¹².

A esse respeito, Rojo considera a necessidade de novas práticas ao afirmar “são requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; (b) de análise crítica como receptor. São necessários novos e multiletramentos”. (2012, p. 21).

Além disso, a autora afirma que o conceito de Multiletramentos abarcam dois tipos de multiplicidades presentes na sociedade “[...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2012 p.13).

¹ “ Novos meios de comunicação não significam, necessariamente, um novo aprendizado. Velhas instituições têm na enorme capacidade de assimilar novas formas sem explorar plenamente as suas *affordances*” (tradução da autora)

² *Affordance*: “possibilidades oferecidas pelo ambiente a um agente particular. Gibson (1979/1986) denominou *affordances* - superfícies possibilitam locomoção, alguns objetos possibilitam manuseio e outros animais possibilitam interações sociais. Quando um agente percebe superfícies, objetos e animais, ele percebe *affordances*” (SILVA & OLIVEIRA, 2006, p. 121)

Isto posto, a autora menciona dois paradigmas, são eles: o *paradigma de aprendizagem curricular*, aquele no qual alguém determina o que deve ser ensinado e planeja como o ato deve ocorrer por meio de uma ordem, já o *paradigma da aprendizagem interativa* consiste no indivíduo determinar aquilo que quer aprender conforme a sua experiência e necessidade em um ritmo próprio.

Portanto não basta somente ter autonomia no seu aprendizado, a sociedade exige cada vez mais cidadãos capazes de exercer sua opinião, indo ao encontro da definição de Letramento Crítico no qual consiste em, segundo Rojo “transformar o consumidor acrítico – se é que de fato existe – em analista crítico. E, para tanto, são necessários critérios analíticos que requerem uma metalinguagem (um conjunto de conceitos) e extraposição”. (2012, p. 28)

De acordo com Monte Mór (2013), é difícil determinar o momento em que surge a preocupação ou desenvolvimento crítico, mas um exemplo, está na legislação que assegura a implantação desse no âmbito escolar, então reconhece-se a criticidade como uma habilidade necessária para a convivência em sociedade. Mas o que é ser crítico? questiona a autora. Segundo ela, “ser crítico é ser capaz de atravessar os limites do texto em si para o universo concreto dos outros textos, das outras linguagens, capazes de criar quadros mais complexos de referência”, ou seja, é o indivíduo capaz de interpretar não só o que está aparente, mas de penetrar nas entrelinhas. (MONTE MOR, 2013, p.38)

O que essa teoria traz é sensibilizar o indivíduo a questionamentos, mostrando que o que antes era aceito agora pode ser pensado também de outra forma, ou seja,

O exercício da suspeita pode gerar uma crise no sentido ou nas visões de mundo que integram um círculo interpretativo e que a ruptura desse círculo desestabiliza as certezas dos sentidos e visões de então, abrindo espaço para a construção da crítica. (MONTE MOR, 2013, p.39)

Um estudioso que contribuiu para os estudos dos Novos Letramentos, Multiletramentos e Letramento Crítico foi Paulo

Freire, que apesar de não utilizar esses termos, seu pensamento se comparado as teorias se encaixam, desse modo,

As teorias sobre letramento crítico, novos letramentos e multiletramentos utilizam-se das concepções defendidas por Freire, como a dialética, a consciência crítica e a natureza política da linguagem, concepções essas desenvolvidas a partir das pesquisas e experiências com educação de adultos que o teórico realizou no Brasil. (MONTE MOR, 2013, p.41)

Para efetuar essa transformação o Grupo de Nova Londres propôs em 1996 a implantação da Pedagogia dos Multiletramentos, no qual apresentou pontos que precisavam ser trabalhados pedagogicamente para que a mudança ocorresse de fato, são esses: *prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico, prática transformada*.

Antes de esclarecer o que diz respeito a cada um, vale destacar que não são processos separados, mas, que ocorrem em conjunto. Assim, o primeiro diz respeito a um projeto que fizesse com que o aluno estivesse imerso dentro de práticas que constituem parte das culturas com que convive bem como os gêneros e *designs* utilizados para essa prática, isto é, locais e meios de se trabalhar com aquele tema em questão. Já o outro seria uma análise feita dessas práticas e de seus processos, mas tudo isso só ocorre a partir do terceiro tópico, ter uma visão crítica do que foi empregado e o produto seria a *prática transformada*.

Na Pedagogia dos Multiletramentos, Cope e Kalantzis nos esclarecem que “o conceito chave proposto na Pedagogia do Multiletramentos envolve uma visão de que somos ao mesmo tempo herdeiros de padrões e convenções de sentidos e ativos designers de sentidos”, isto é, herdamos algo, mas ao mesmo tempo transformamos o que já é conhecido conforme nosso interesse/ necessidade. (2007, p. 07)

Por meio desses conceitos busca-se enfatizar o papel do ensino de língua Inglesa e auxiliar na formação de cidadãos, pro-

pondo aulas que busquem uma interação e discussão com questões diretamente relacionadas ao cotidiano do indivíduo possibilitando-o refletir sobre questões relevantes para seu contexto.

Tendo esse embasamento teórico situei minha pesquisa em uma escola da rede pública de ensino do município de Jardim/MS, no período de 26 de Outubro de 2015 a 09 de Novembro de 2015, com seis alunos do sétimo ano no período de contra turno, no matutino.

A primeira abordagem deu-se em sala de aula por meio de uma dinâmica na qual dividi a sala em dois grandes grupos, o conteúdo havia sido sugerido pela professora regente, após elaborar dez questões pedi que um representante de cada grupo pegasse um número correspondente a pergunta, após isso tinham cerca de 3-5 minutos para achar na folha de respostas qual condizia com a pergunta, lembrando que haviam três opções para cada pergunta, então deveriam recortar e colar na folha que me entregariam. Após o seu termino explicou-se que o projeto se daria também daquela forma.

Os dados foram levantados por meio de duas sequencias didáticas elaboradas. A primeira sequência foi realizada em quatro encontros. O primeiro encontro foi voltado para uma atividade escrita em que os alunos deveriam expor suas concepções sobre a aprendizagem de Língua Inglesa. Parti das seguintes questões **“Por que temos que aprender inglês?”, Como será que essa disciplina foi escolhida para fazer parte do currículo escolar?** Objetivei demonstrar que essa língua está presente no nosso dia-a-dia de maneira a colaborar nas reflexões sobre o tema, pois, os alunos têm acesso a Língua Inglesa somente na escola, apesar de utilizarem termos da mesma devido a globalização, no entanto, não são bilíngues.

O segundo encontro desta primeira sequência explanei os slides confeccionados, que também continham questionamentos acerca da relevância da aprendizagem da Língua Inglesa, como por exemplo, **“Para que serve essa disciplina? “; “Será que a Língua Inglesa está presente no nosso dia a dia? “. Após a discussão**

fizemos uma brincadeira com palavras presentes na Língua Portuguesa, mas que na verdade, são de outra origem, como por exemplo, garçom que vem do francês, salsicha do italiano, abacaxi do indígena, handebol do inglês. O resultado foi muito satisfatório pelo fato de levantar interesse em pesquisar outras.

No terceiro encontro ouvimos a música “Samba do Approach” (demonstrada a seguir) que também contém palavras estrangeiras, não só da Língua Inglesa (*lunch, ferryboat brunch approach, hi-tech, insight, cool, trash, link*), mas também do Francês (*savoir-faire* e *nouveau-riche*), por meio dela pude levá-los a unir termos com seus significados em suas respectivas línguas e ainda com sua interpretação, por exemplo: “Meu temperamento é light/ Minha casa é hi-tech”.

SAMBA DO APPROACH

Zeca Baleiro

Venha provar meu **brunch**
Saiba que eu tenho **approach**
Na hora do **lunch**
Eu ando de **ferryboat**...

Eu tenho **savoir-faire**
Meu temperamento é **light**
Minha casa é **hi-tech**
Toda hora rola um **insight**
Já fui fã do Jethro Tull
Hoje me amarro no Slash
Minha vida agora é **cool**
Meu passado é que foi **trash**...

Venha provar meu **brunch**
Saiba que eu tenho **approach**
Na hora do **lunch**
Eu ando de **ferryboat**...(2x)

Fica ligado no **link**
Que eu vou confessar **my love**
Depois do décimo **drink**
Só um bom e velho **engov**
Eu tirei o meu **green card**
E fui prá **Miami Beach**
Posso não ser **pop-star**
Mas já sou um **noveau-riche...**

Posteriormente realizaram um breve relato do que haviam entendido até o momento, primeiro em Língua Portuguesa e depois em Língua Inglesa.

E por fim, no quinto encontro, fizemos uma dinâmica efetuada por meio do jogo da força com palavras que haviam pesquisado, da origem que quisessem, realizou-se por meio de um quadro em e.v.a, cada aluno deveria montar uma palavra faltando letras para seus colegas adivinharem.

Assim, por meio disso buscou-se “aguçar, assim, o nível de sensibilidade linguística do aprendiz quanto as características das Línguas Estrangeiras em relação a sua língua materna e em relação aos usos variados de uma língua na comunicação cotidiana”. (MENEZES DE SOUZA, MONTE MOR, 2006, p. 92)

A segunda sequência didática teve como tema “Sports” e como conteúdo linguístico *likes and dislikes*. A primeira parte foi composta por slides debatendo sobre futebol e ao fim alguns questionamentos para serem respondidos, por exemplo: “**Qual esporte você acredita ter mais destaque no Brasil?**”, “**Por que você considera o Brasil o país do futebol?**”; busquei demonstrar alguns pontos como acesso a esse esporte, os outros existentes e o futebol feminino. Por meio desses slides utilizei uma mescla de perguntas utilizando a Língua Inglesa e Portuguesa, para que juntos fossemos traduzindo.

A segunda parte foi trabalhada a música “Partida de Futebol” do grupo Skank realizada na biblioteca da escola, desse modo, depois de ouvirem, grifaram as palavras da música relacionadas ao futebol, em seguida, por meio de um quadro em e.v.a e letras

do mesmo material, conforme o interesse deles, as palavras eram formuladas em inglês faltando letras para adivinharem quais eram as corretas, que depois eram anotadas.

Apesar de desconhecerem os termos participaram ativamente, pois, o tema estava diretamente relacionado com sua realidade, além disso, leva-se em consideração o fato de mostrar e criar aquelas palavras, errando e acertando, de modo a demonstrar sua autonomia dentro do aprendizado.

Já na terceira parte realizamos uma cruzadinha (vista posteriormente) e um caça-palavras com o conteúdo trabalhado no dia anterior, sentiram-se mais dispostos a fazer e trabalharam em duplas, aqueles que terminavam primeiro auxiliavam os que não sabiam, desenvolveram a atividade como um grupo.

Para encerrar, os participantes escreveram um relato (em Língua Portuguesa) sobre sua visão do projeto e do ensino de inglês após o mesmo. Posteriormente realizei uma entrevista a respeito de suas produções.

Conforme o meu objetivo esperava-se demonstrar que o ensino de Língua Inglesa está além daquele linguístico ou somente para fins comunicativos, que essa língua pode ser utilizada para auxiliar na formação de indivíduos. No entanto, verificou-se por meio dos dados que o ensino de Língua Inglesa está fortemente vinculado ao linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da execução dessas duas sequências percebeu-se que o ensino de Língua Inglesa na escola focaliza principalmente e quase exclusivamente a parte gramatical esquecendo-se do papel que ela desempenha na construção de cidadãos, por meio do ensino a partir de temas, que segundo as OCEMs atuam como facilitadores no ensino e na formação do indivíduo.

Como próximo passo pretendo produzir mais sequências, utilizando a Pedagogia dos Multiletramentos como uma proposta para implementar o ensino dessa disciplina na escola pública.

06.11.15

Soccer Crossword

Eclipse

EclipseCrossword.com

Across

- 11. meio de campo
- 14. partida de futebol
- 15. rede
- 17. goleiro
- 18. lateral
- 12. gol
- 13. estádio
- 16. time
- 17. zagueiro
- 18. jogador de futebol

Down

- 10. chuteira
- 10. centroavante
- 11. cabecear
- 12. Trave
- 13. armador
- 14. área
- 15. craques

- 11. uniforme
- 14. defesa
- 15. bola

Figura 1 - Material Pedagógico elaborado pela autora.

Muitas vezes o fato de desconhecer a teoria ou a dificuldade pelas poucas aulas o docente enfrenta uma carência com materiais e conseqüentemente o nível de ensino e aprendizagem diminui, a escola não precisa se reformular inteira para se adequar e tornar o ensino significativo e contextualizado é necessário conhecer a realidade do seu aluno e buscar se adequar a ela. Com relação ao fato da utilização da tecnologia no ensino a escola não precisa se desfazer de seus valores basta incrementar sua visão.

Não basta ter o direito assegurado de aprender outra língua se desconhecer o significado dessa outra cultura e as contribuições que ela exerce sem desconsiderar a sua, não a vendo como algo distante, mas como parte do seu cotidiano dentro de um mundo globalizado.

Assim, o papel de construção de cidadãos e agentes de conhecimento não fica restrito ao docente, mas a instituição de ensino, ao poder público, pois, sem investimento na qualificação e sem materiais é impossível realizar essa tarefa.

REFERÊNCIAS

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **New Media, New Learning**. The international journal of learning. Vol.14. Number 01.2007.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. E MONTE MÓR, W. M. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias – conhecimentos de línguas estrangeiras**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 03 dezembro. 2015.

MONTE MÓR, Walyria. Crítica e letramentos Críticos: Reflexões Preliminares. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf, MACIEL, Ruberval Franco (orgs.). **Língua Estrangeira e formação cidadã: Por entre discursos e práticas**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. Vol.33.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. O uso da tecnologia no ensino de Línguas Estrangeiras. In: JESUS, Dánie Marcelo de e MACIEL, Ruberval Franco (orgs.). **Olhares sobre Tecnologias Digitais: Linguagens, Ensino, Formação e Prática Docente**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Vol. 44. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ROJO, Roxane; DE MOURA ALMEIDA, Eduardo. **Multiletramentos na Escola**. Parábola Editorial: 2012.

SED. **Referencial Curricular do Ensino Fundamental**. Mato Grosso do Sul. 2015.

SILVA, Themis Rondão Barbosa da Costa (Dissertação de Mestrado). **Multiletramentos, Pibid e formação de professores de Inglês: discutindo processos de construção de sentidos**. 2015

BALEIRO, Zeca. **Samba do Aproach**. Disponível em <www.vagalume.com.br> MPB › Z › Zeca Baleiro

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever**. Linguagem em foco: 2005.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. A Revista Arandu destina-se à publicação de trabalhos que pelo seu conteúdo possam contribuir para a formação e o desenvolvimento científico, bem como para atualização nas diversas áreas do conhecimento.

2. As publicações deverão conter trabalhos da seguinte natureza:

a) Artigos Originais, de revisão ou de atualização, que envolvam abordagens teóricas e/ou práticas referentes à pesquisa e que atinjam resultados conclusivos e significativos.

b) Traduções de textos não disponíveis em língua portuguesa, que constituam fundamentos das diversas áreas do conhecimento e que, por esta razão, contribuam para dar sustentação e densidade à reflexão acadêmica.

c) Entrevista com autoridades que vêm apresentando trabalhos inéditos, de relevância nacional e internacional, com o propósito de manter o caráter de atualidade da Revista Arandu.

d) Resenhas de produções relevantes que possam manter a comunidade acadêmica informada sobre o avanço das reflexões nas diversas áreas do conhecimento.

3. A publicação de trabalhos será submetida à aprovação do Conselho Editorial da Revista Arandu.

- Caberá ao Conselho a seleção dos trabalhos com base nestas normas e o encaminhamento a consultores externos quando necessário.

4. A entrega de originais para a Revista Arandu deverá obedecer aos seguintes critérios:

a) Os trabalhos deverão conter obrigatoriamente: título em português; nome do autor, identificado em rodapé junto com a qualificação e a instituição a que pertence; notas finais, eliminando-se os recursos das notas de rodapé; resumo e abstract; referências

bibliográficas, segundo as normas da ABNT.

b) Os trabalhos deverão ser encaminhados dentro da seguinte formatação: uma cópia em Compact Disc, editor Word For Windows 6.0 ou superior; duas cópias impressas, com texto elaborado em português e rigorosamente corrigido e revisado; limite aproximado de cinco a 12 laudas para artigos; cinco laudas para resenhas; dez laudas para entrevistas e quinze laudas para traduções; a fonte utilizada deve ser Arial Narrow, corpo 12, espaço entrelinha um e meio.

c) Os trabalhos poderão também ser encaminhados para o e-mail grupoliterarioarandu@gmail.com

5) Eventuais ilustrações e tabelas com respectivas legendas devem ser apresentadas já inseridas no próprio texto. Todo material fotográfico deverá ser em preto e branco.

6) Ao autor de trabalhos aprovados e publicados serão fornecidos, gratuitamente cinco exemplares do número correspondente da Revista Arandu.

7) Uma vez publicados os trabalhos, a Revista Arandu se reserva todos os direitos de reprodução, inclusive os de tradução, permitindo, entretanto, a sua posterior transcrição e com a devida citação da fonte.

8) Os trabalhos representam o ponto de vista dos seus autores e não a posição oficial da Revista, do Grupo Literário Arandu ou de Nicanor Coelho-Editor.

